EDGARD ROQUETTE-PINTO

Ministério da Educação | Fundação Joaquim Nabuco

Coordenação executiva
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier e Isabela Cribari

Comissão técnica
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier (presidente)
Antonio Carlos Caruso Ronca, Ataíde Alves, Carmen Lúcia Bueno Valle,
Célio da Cunha, Jane Cristina da Silva, José Carlos Wanderley Dias de Freitas,
Justina Iva de Araújo Silva, Lúcia Lodi, Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero

Revisão de conteúdo
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier, Célio da Cunha, Jáder de Medeiros Britto,
José Eustachio Romão, Larissa Vieira dos Santos, Suely Melo e Walter Garcia

Secretaria executiva
Ana Elizabete Negreiros Barroso
Conceição Silva

Alceu Amoroso Lima | Almeida Júnior | Anísio Teixeira
Aparecida Joly Gouveia | Armanda Álvaro Alberto | Azeredo Coutinho
Bertha Lutz | Cecília Meireles | Celso Suckow da Fonseca | Darcy Ribeiro
Durmeval Trigueiro Mendes | Fernando de Azevedo | Florestan Fernandes
Frota Pessoa | Gilberto Freyre | Gustavo Capanema | Heitor Villa-Lobos
Helena Antipoff | Humberto Mauro | José Mário Pires Azanha
Julio de Mesquita Filho | Lourenço Filho | Manoel Bomfim
Manuel da Nóbrega | Nísia Floresta | Paschoal Lemme | Paulo Freire
Roquette-Pinto | Rui Barbosa | Sampaio Dória | Valnir Chagas

Alfred Binet | Andrés Bello
Anton Makarenko | Antonio Gramsci
Bogdan Suchodolski | Carl Rogers | Célestin Freinet
Domingo Sarmiento | Édouard Claparède | Émile Durkheim
Frederic Skinner | Friedrich Fröbel | Friedrich Hegel
Georg Kerschensteiner | Henri Wallon | Ivan Illich
Jan Amos Comênio | Jean Piaget | Jean-Jacques Rousseau
Jean-Ovide Decroly | Johann Herbart
Johann Pestalozzi | John Dewey | José Martí | Lev Vygotsky
Maria Montessori | Ortega y Gasset
Pedro Varela | Roger Cousinet | Sigmund Freud

EDGARD ROQUETTE-PINTO

Jorge Antonio Rangel

ISBN 978-85-7019-510-4

MEC | Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana

Editora Massangana
Avenida 17 de Agosto, 2187 | Casa Forte | Recife | PE | CEP 52061-540
www.fundaj.gov.br

Coleção Educadores
Edição-geral
Sidney Rocha
Coordenação editorial
Selma Corrêa
Assessoria editorial
Antonio Laurentino
Patrícia Lima
Revisão
Sygma Comunicação
Ilustrações
Miguel Falcão

Foi feito depósito legal
Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca)

Rangel, Jorge Antonio.
Edgard Roquette-Pinto / Jorge Antonio Rangel. – Recife:
Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
144 p.: il. – (Coleção Educadores)
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7019-510-4
1. Roquette-Pinto, Edgard, 1884-1954. 2. Educação – Brasil – História. I. Título.
CDU 37(81)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

O propósito de organizar uma coleção de livros sobre educadores e pensadores da educação surgiu da necessidade de se colocar à disposição dos professores e dirigentes da educação de todo o país obras de qualidade para mostrar o que pensaram e fizeram alguns dos principais expoentes da história educacional, nos planos nacional e internacional. A disseminação de conhecimentos nessa área, seguida de debates públicos, constitui passo importante para o amadurecimento de ideias e de alternativas com vistas ao objetivo republicano de melhorar a qualidade das escolas e da prática pedagógica em nosso país.

Para concretizar esse propósito, o Ministério da Educação instituiu Comissão Técnica em 2006, composta por representantes do MEC, de instituições educacionais, de universidades e da Unesco que, após longas reuniões, chegou a uma lista de trinta brasileiros e trinta estrangeiros, cuja escolha teve por critérios o reconhecimento histórico e o alcance de suas reflexões e contribuições para o avanço da educação. No plano internacional, optou-se por aproveitar a coleção *Penseurs de l´éducation,* organizada pelo *International Bureau of Education* (IBE) da Unesco em Genebra, que reúne alguns dos maiores pensadores da educação de todos os tempos e culturas.

Para garantir o êxito e a qualidade deste ambicioso projeto editorial, o MEC recorreu aos pesquisadores do Instituto Paulo Freire e de diversas universidades, em condições de cumprir os objetivos previstos pelo projeto.

Ao se iniciar a publicação da Coleção Educadores[*], o MEC, em parceria com a Unesco e a Fundação Joaquim Nabuco, favorece o aprofundamento das políticas educacionais no Brasil, como também contribui para a união indissociável entre a teoria e a prática, que é o de que mais necessitamos nestes tempos de transição para cenários mais promissores.

É importante sublinhar que o lançamento desta Coleção coincide com o 80º aniversário de criação do Ministério da Educação e sugere reflexões oportunas. Ao tempo em que ele foi criado, em novembro de 1930, a educação brasileira vivia um clima de esperanças e expectativas alentadoras em decorrência das mudanças que se operavam nos campos político, econômico e cultural. A divulgação do *Manifesto dos pioneiros* em 1932, a fundação, em 1934, da Universidade de São Paulo e da Universidade do Distrito Federal, em 1935, são alguns dos exemplos anunciadores de novos tempos tão bem sintetizados por Fernando de Azevedo no *Manifesto dos pioneiros*.

Todavia, a imposição ao país da Constituição de 1937 e do Estado Novo, haveria de interromper por vários anos a luta auspiciosa do movimento educacional dos anos 1920 e 1930 do século passado, que só seria retomada com a redemocratização do país, em 1945. Os anos que se seguiram, em clima de maior liberdade, possibilitaram alguns avanços definitivos como as várias campanhas educacionais nos anos 1950, a criação da Capes e do CNPq e a aprovação, após muitos embates, da primeira Lei de Diretrizes e Bases no começo da década de 1960. No entanto, as grandes esperanças e aspirações retrabalhadas e reavivadas nessa fase e tão bem sintetizadas pelo *Manifesto dos Educadores de 1959*, também redigido por Fernando de Azevedo, haveriam de ser novamente interrompidas em 1964 por uma nova ditadura de quase dois decênios.

---

[*] A relação completa dos educadores que integram a coleção encontra-se no início deste volume.

Assim, pode-se dizer que, em certo sentido, o atual estágio da educação brasileira representa uma retomada dos ideais dos manifestos de 1932 e de 1959, devidamente contextualizados com o tempo presente. Estou certo de que o lançamento, em 2007, do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como mecanismo de estado para a implementação do Plano Nacional da Educação começou a resgatar muitos dos objetivos da política educacional presentes em ambos os manifestos. Acredito que não será demais afirmar que o grande argumento do *Manifesto de 1932*, cuja reedição consta da presente Coleção, juntamente com o *Manifesto de 1959*, é de impressionante atualidade: "Na hierarquia dos problemas de uma nação, nenhum sobreleva em importância, ao da educação". Esse lema inspira e dá forças ao movimento de ideias e de ações a que hoje assistimos em todo o país para fazer da educação uma prioridade de estado.

Fernando Haddad
Ministro de Estado da Educação

EDGARD ROQUETTE-PINTO
(1884 - 1954)

Jorge Antonio Rangel

Uma breve introdução

É por demais oportuno refletir sobre a biografia intelectual do educador Edgard Roquette-Pinto no cenário educacional brasileiro e sobre o que essa biografia pode nos revelar, do ponto de vista das afinidades eletivas dos intelectuais de sua época, como também em relação ao espírito público desenvolvido, por muitos deles, na formulação e tratamento de projetos de reformas sociais no Brasil republicano. Sem deixar de lado as vinculações de ordem ideológica, política e institucional às quais estariam ligadas por opção ou acolhimento de classe.

No caso de Roquette-Pinto, o percurso de sua trajetória na história da ciência e da educação brasileira resvala na crença positivista, de viés comtiano, na capacidade científica de incorporar, em todos os domínios da vida intelectual, uma orientação intervencionista da ciência e da educação na "realidade" social. Tal percurso intelectual esteve, desde o início, sintonizado a um forte apelo à incorporação dos princípios liberais que se afinavam pela defesa das dimensões políticas da liberdade, da solidariedade e da propriedade, herdeiras do iluminismo francês dos fins do século XVIII.

Dessa forma, ao lado do apelo aos princípios liberais de republicanização da sociedade residia a necessidade de adequação de tais princípios aos modelos culturais e político-institucionais vigentes e aos confrontos "conciliatórios" entre o patrimonialismo e o liberalismo. Esses princípios liberais giravam em torno de uma razão instrumental

de organização de uma sociedade marcada pelo estigma escravocrata. Esta razão instrumental firmou-se na escolha e na identificação do estado como protetor da cultura e guardião das tradições.

Ao longo de mais de cinco décadas do século passado, a produção científica e a atuação social de Roquette-Pinto estiveram marcadas pela preocupação em construir uma teoria social voltada para pensar a cultura brasileira a partir das questões sociais relacionadas às noções de raça, etnia e cultura. Para tanto, ele buscou tecer um projeto de reformas sociais que tinha como pressuposto essencial "erradicar" os problemas brasileiros advindos da tradição escravocrata, modernizando a sociedade e o estado.

A cartografia desse projeto reformista tinha como tema central a ideia de progresso e de civilização atrelada às noções de evolução técnica e material dos povos. Modernizar por etapas, rumo aos estágios considerados mais avançados de progresso moral e científico que as nações poderiam alcançar. Esta concepção não apenas influenciou o pensamento social de Roquette-Pinto, mas também lhe deu "régua e compasso" para pensar autonomamente os instrumentos e os dispositivos pelos quais poderia materializar as ações destinadas a "educar" a sociedade e o estado.

Sua filiação ao espírito de modernização científica e cultural que se projetava no alvorescer da República tem a ver com a defesa de alguns princípios manifestos da modernidade identificados com as forças transformadoras da razão crítica e da autonomização profissional, frente às exigências da ação política a serviço da cidadania. Neste aspecto, a posição conquistada dentro do campo científico brasileiro notabilizou Roquette-Pinto na luta pela vontade de ruptura com a "modernidade doente". Uma modernidade movida pela perversão social imposta pelo progresso econômico "transformado em seu próprio objetivo" de produzir a servidão humana.[1]

---

[1] Rouanet, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1992, pp. 24-25.

Para além do *petit mond étroit* do intelectual, Roquette-Pinto objetivou sua pertença intelectual no empenho de se apoderar das grandes causas políticas e confrontá-las no campo científico no qual teceu sua profissionalização.[2] Participar deste campo de produção de saberes implicou-lhe incorporar um *habitus* socialmente construído nas disputas por posições de prestígio, de legitimidade e de poder.[3] Em verdade, o ponto de partida de sua produção intelectual e de sua atuação social esteve associado ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. No museu firmou-se não somente como cientista do social, mas também enquanto intelectual engajado, construtor de homens, autor e ator, socialmente empenhado, em fazer valer a ciência como instrumento de transformação da sociedade.

No meio científico, reconhecimento e consagração não tardariam a chegar. Na faixa dos vinte e poucos anos de idade, Roquette-Pinto firmar-se-ia como um dos antropólogos mais prestigiosos do país, obtendo também reconhecimento nos campos da medicina, da radiodifusão e do cinema educativos. No rastro de três décadas, fundaria a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e implementaria a Rádio Escola Municipal do Distrito Federal, o Serviço de Radiofusão Educativa do Ministério da Educação e Saúde Pública e o Instituto Nacional de Cinema Educativo. Teria também cadeira cativa como membro de instituições importantes do país, a exemplo da Academia Brasileira de Ciências, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Letras, da Associação Brasileira de Educação, entre outras.

O museu social, o rádio e o cinema educativos foram três grandes paixões de Roquette-Pinto. Por estas paixões, teceu sua trajetória intelectual no campo científico brasileiro, conectando as ideias de formação, instrução e educação às de civilização e identidade nacio-

---

[2] Degui, Jacques. *L'Intellectuel et ses Miroirs Romanesques. (1920-1960)*. Press Universitaries de Lille, 2000.

[3] Bourdieu, P. *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1999, pp.183-202.

nal. Interpretar a brasilidade era concebê-la organicamente por meio da incorporação dos brasilianos rústicos do sertão do Brasil. Dessa forma, posicionou-se a favor de um projeto de estado-nação compromissado com a reinvenção identitária e com as ideias-força de progresso moral, força nacionalista e consciência nacional.

Assim, Roquette-Pinto contribuiu para a constituição de novos campos das ciências sociais no Brasil, os da antropologia, da radiodifusão e do cinema educacionais. No plano dos debates científicos de sua época, dedicou-se, vigorosamente, a desfazer a interpretação hegemônica de que a formação social brasileira havia se plasmado de forma "defeituosa" em virtude da miscigenação. Foi contrário à cantilena das teorias do racismo científico europeu dos fins do século XIX que, entre nós, teve como representantes ilustres o Conde Artur de Gobineau e o casal Agassiz.

O Brasil era visto por Roquette-Pinto como um "imenso laboratório da antropologia". O problema nacional não era o da inferioridade racial, mas o de educar para civilizar, nacionalizando o território e seus habitantes.

> Espontaneamente, porém, o Brasil está sendo um imenso laboratório da antropologia; e os casos de herança mendeliana que pessoalmente tenho observado nas famílias populares, aqui são já numerosos e documentados. Mostram que, mesmo sem intervenção de outro elemento branco, o cruzamento de mestiços fornece prole branca, que a antropologia é incapaz de separar de tipos europeus. Todavia, não o esqueçamos, por amor ao preconceito disfarçado ou manifesto, que o problema nacional não é transformar os mestiços do Brasil em gente branca. O nosso problema é a educação dos que ali se encontram, claros e escuros.[4]

Foi contra as teses racistas de integridade, de superioridade e de pureza do branco sobre as demais raças consideradas subraças inferiores que o pensamento social de Roquette-Pinto moveu-se. O núcleo-duro deste pensamento estava na formulação de uma

[4] Roquette-Pinto, E. *Seixos rolados (Estudos brasileiros)*. Rio de Janeiro: Mendonça & Cia, 1927, pp. 61-62.

teoria social baseada no combate sistemático à "luta das raças" a que se referiu Foucault.[5] Uma teoria social forjada nos estudos e pesquisas que realizou acerca de uma tipologia antropológica dos brasileiros e da necessidade da produção de saberes pedagógicos específicos capazes de diagnosticar cientificamente os caminhos para a formação do cidadão da República.

A inspiração antropológica de Roquette-Pinto consistiria em afirmar o cárater etcnicamente positivo da mestiçagem brasileira através de um plano de orientação científica que incluía demarcar uma ordem para a contribuição das diferenças e desigualdades entre as raças. Em sua "província antropogeográfica" construiu um paradigma para repensar a diversidade racial e cultural do país. Este modelo científico pressuponha conhecer o Brasil ignoto, habitado por homens da idade da pedra, homems considerados "rústicos", "trabalhados pela doença"[6], a exemplo, do paludismo, da leishmaniose, da sífilis, da malária, do bócio, e outras tantas doenças, consideradas epidêmicas, endêmicas e, em certos casos, letais.

Cientista social, Roquette-Pinto empenhou-se em deslocar o eixo analítico da produção científica ancorada nas noções biológicas de degeneração racial do mestiço para o âmbito da cultura. Buscou identificar as formas de servidão das populações dos sertões do Brasil fortemente marcadas pelo estigma da doença, da miséria e do analfabetismo. A ideia de integração nacional, na perspectiva roquetiana, manifestar-se-ia pelo enfrentamento aos flagelos ocasionados pelas doenças tropicais do sertão do Brasil, mas, não somente, havia de se enfrentar os problemas do analfabetismo e da reabilitação do caboclo.[7]

---

[5] Foucault, Michel. *Em defesa do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 95.

[6] Roquette-Pinto, E. *Seixos rolados (Estudos brasileiros)*. Op.cit.

[7] Santos, Ricardo Ventura. Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930). *In:* Pena, Sérgio D. J. (Org.) *Homo brasilis:* aspectos genéticos, línguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. Ribeirão Preto: Funpec, 2002. pp.118-121.

Por caminhos tortuosos da pesquisa de campo, Roquette-Pinto pensou o *hinterland* brasileiro, permitindo-se nomear e representar a realidade do país desconhecido. Entre tipos antropológicos diferenciados entre si, construiu categorias, teoremas, axiomas, classificações para apreendê-los, nacionalizá-los, em sua dinâmica e estrutura organizacional corporal biológica, psicoanatômica e histórica. Para este intento, valeu-se da antropologia anatômica e fisiológica, das análises estatísticas comparativas de caracteres somáticos e da craniometria como modelo explicativo para entender tipos, traços e diferenciações dos índios e dos cablocos do Brasil.

Como pano de fundo, as questões da raça, da etnia e da cultura apareceriam no centro do pensamento antropólogico de Roquette-Pinto empurrando-o para o móvel das lutas contra as concepções de inviabilidade da nação e do embranquecimento pelo estratagema da imigração europeia, como também para a construção de um projeto organizador das culturas do nacional. Antagonismos, conflitividade e contrastes fizeram parte do processo de encarnação social de se descer ao fundo da história com a força de seu tempo.

No belo livro *Gilberto Freyre:* um vitoriano nos trópicos, Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke recupera uma emblemática passagem em que o sociólogo pernambucano mencionaria os efeitos causados pela antropologia de Roquette-Pinto em sua maneira de interpretar os problemas nacionais do país.

> E dos problemas brasileiros, nenhum que inquietasse tanto como o da miscigenação. Vi uma vez, depois de quase três anos maciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos – descendo não me lembro se do São Paulo ou do Minas pela neve mole do Brooklin. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um viajante inglês ou americano que acabara de ler sobre o Brasil: "the fearfully mongrel aspect of most of the population". A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette-Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não

> eram simplesmente mulatos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafuzos e mulatos doentes.[8]

Planejadores e criadores, os intelectuais educadores não se limitaram ao exercício de suas funções acadêmicas, foram militantes de círculos de difusão de saberes, de associações científicas, tendo por vocação política a tarefa de arrancar o país do "atraso" cultural e social em que se encontrava. Esta atitude nova vislumbrava reconhecer a necessidade de se redescobrir e valorizar tudo o que era brasileiro, como também refundar novos princípios de organização da sociedade pelas reformas no ensino, pelo desenvolvimento das forças produtivas, pela urbanização acelerada, por tudo aquilo que poderia representar e expressar um movimento de criação de novas instituições modernas, teorizadas por projetos de sociedade.[9]

Em verdade, Roquette-Pinto buscou institucionalizar as entidades de pesquisa e de ensino no país, bem como aprofundou teoricamente seus estudos sobre a natureza cultural do Brasil e dos brasilianos. Através do estudo etnográfico das manifestações étnicas, populares, folclóricas, artísticas e estéticas era possível elaborar não só um diagnóstico da realidade social brasileira, como também agir para transformá-lo no plano das mudanças institucionais.

Em nome de uma ética intelectual, estes intelectuais criadores buscaram fazer uma leitura sociológica e antropológica do país, investindo amplamente na formação de um campo cultural, onde a educação do povo, a instrução pública, a reforma do ensino, faziam parte de suas preocupações cotidianas com as políticas públicas de modernização econômica e política da nação. Reivindicavam para si, a construção da identidade nacional, a constituição de novos vínculos da sociedade com o estado, a formação de uma intelligentsia nacional.[10]

---

[8] Freyre, Gilberto. *Casa grande & senzala:* a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Editora Global, 2004, p. 30.

[9] Pécaut, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil:* entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990. pp. 14-15.

[10] Martins, Luciano. *A gênese de uma* intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil 1920 a 1940. RBCS, n. 4. v. 2, jun.1987, p. 74.

Recordando o pensamento social de Anísio Teixeira, Hugo Lovisolo nos diz que estes intelectuais educadores identificavam-se com a ideia de modernizar social e culturalmente a sociedade brasileira, na década de 1930; buscaram na constituição de instituições liberais a viabilização efetiva de seus projetos sociais. Pregavam de forma sistemática, como salienta Lovisolo, uma reforma organizacional do sistema de educação do país, propondo a escolarização em larga escala da população brasileira dispersa pela imensidão territorial do país e a introdução de princípios básicos da democracia social. Eles seriam adeptos de uma reforma moral e cultural da sociedade sob os princípios do liberalismo clássico, acabando por sofrer derrotas sucessivas com a irrealização de seus projetos políticos, vindo suas ações pedagógicas de intervenção política no âmbito do estado e da sociedade constituir-se numa tradição desafortunada.[11]

O pensamento roqueteano que fomentou o surgimento do rádio educativo tinha como princípio básico equacionar os problemas nacionais de saúde, de educação, de comunicação por meio de um instrumento considerado socialmente eficaz na medida em que era capaz de promover, progressivamente, a integração nacional e a reelaborar novas bases para a formação de uma identidade nacional comprometida com os padrões industriais.

Recordando Daniel Pécaut, os intelectuais dos anos 1920 a 1940 mostraram-se preocupados sobretudo com duas ordens de questões que consideravam cruciais: o problema da identidade nacional e o das instituições. Todavia, como uma categoria privilegiada tratava "as questões sociais" por dentro do estado.

> O estado lhes reconhecia a vocação para se associarem, como elite dirigente, a afirmação da nação através de sua indispensável contribuição à cultura política nacional. O estado e os intelectuais, compartilhando o desdém pela representatividade democrática e a nostalgia

---

[11] Lovisolo, Hugo. *A tradição desafortunada:* Anísio Teixeira, velhos textos e ideias atuais. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989, p. 4.

por uma administração do social que tomasse o lugar da política, foram levados a agir como sócios a serviço da identidade nacional. Se os intelectuais aderiram a uma "ideologia de estado", O estado aderiu a uma ideologia da cultura, que era também a ideologia de um governo "intelectual".[12]

No pensamento social de Roquette-Pinto, os conceitos de cultura e civilização passariam a integrar a ordem do dia da modernidade. O mundo civilizado era mais que um espelho de narciso, era uma possibilidade concreta, real, em que se edificaria a obra de reconstrução nacional. Por esta concepção, o rádio e o cinema educativos seriam os ativadores dos sentidos da nacionalidade e da civilização moderna, constituindo-se como meio auxiliar da educação. Instrumentos de superação das imensas distâncias territoriais, o rádio e o cinema prestariam um serviço à institucionalização das instituições da sociedade, articulando o binômio povo-nação.

> Não. O Brasil não é um terreno baldio, um campo sem dono aguardando energias estranhas. Habita-o um povo que, para vencer suas dificuldades históricas, apenas precisa que lhe digam palavras tônicas, capazes de lhe infundir a convicção do valor próprio. Patriotismo gera-se pelo exemplo e a palavra propaga o exemplo. Fazem obra de maldade os que apregoam a falência de nossos destinos, desalentando as massas; espalhando, sistematicamente, o desânimo; sugestionando, diariamente, a ruína da nacionalidade, como se este povo pudesse morrer assim, depois de ter vivido a história que possui.[13]

Assim, o trajeto[14] de Roquette-Pinto pode ser articulado ao campo de possibilidades que o produziu como personagem portador de uma identidade de intelectual *avant la lettre*, simbolizada

---

[12] Pécaut, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil:* entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990. pp. 72-73.

[13] Roquette-Pinto, Edgard. *Seixos rolados*. Op.cit., p. 56.

[14] Entendemos trajetória a partir de Gilberto Velho quando a define como sendo uma experiência social de um indivíduo que tem um poder explicativo, mas deve ser dimensionada e relativizada com a tentativa de perceber o que possibilitou essa trajetória e não outra. Velho, Gilberto. *Individualismo e cultura:* notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987, p. 106.

por suas tomadas de posição na esfera pública em defesa da vulgarização científica e por suas investidas no sentido de institucionalizar ideias e práticas na construção de novos parâmetros de ajustamento social do Brasil ideal ao Brasil real.

Dessa forma, a apropriação do enunciado, da prática discursiva e do sujeito do discurso[15] em Roquette-Pinto nos conduziu a um começo de diálogo entre a obra, o criador e o contexto. Sobre essa perspectiva, procurando discutir as dúvidas e as propostas da nova história, Roger Chartier nos conduz a uma reflexão crítica sobre o lugar social da narrativa história dominante que, segundo ele, por mais de quarenta anos, teria seu eixo condutor em dois projetos de poder.[16]

> Primeiro, a aplicação ao estudo das sociedades antigas ou contemporâneas do paradigma estruturalista, abertamente reivindicado ou explicitamente praticado. Tratava-se antes de mais nada de identificar as estruturas e as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso. Daí a afirmação de uma separação radical entre o objeto do conhecimento histórico propriamente dito e a consciência subjetiva dos atores. Segunda exigência: submeter a história aos procedimentos do número e da série ou, melhor dizendo, inscrevê-la num paradigma do conhecimento.[17]

A reflexão teórica de Roger Chartier nos convida a perceber a dimensão subjetiva dos atores no seu fazer histórico, atentando para as mediações existentes entre o sujeito e o Outro. Referindo-se à Foucault, Chartier nos diria:

> "Estratégia", "Tática", "ofensiva", "contra- ofensiva", "posições", "contra-ataques": o vocabulário militar indica que, mesmo não sendo igual, a partida que se joga entre os procedimentos de assujeitamento e os comportamentos dos "assujeitamentos" tem

---

[15] Foucalt, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

[16] Chartier, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. Rio de Janeiro: *Revista Estudos históricos,* v. 7, n. 13, 1994, p. 101.

[17] Ibidem, p. 101.

sempre a forma de um confronto, e não aquela de uma sujeição. É nesse confronto que se deve ouvir o rugir da batalha.

O empenho deste livro é o de localizar na produção intelectual de Roquette-Pinto nos campos da antropologia e da educação, os pontos luminosos de sua inserção acadêmica e científica no confronto intelectual que travou contra o poder da autoridade parasitária, corporativa e ibérica.

Recuperar o trajeto intelectual do educador Roquette-Pinto implica para nós produzir uma operação historiográfica que compreenda as zonas de intersecção entre a produção do tempo histórico no qual atuou como cientista social e a *mise em scène,* lugar de operação científica que foi capaz de inventar no sentido de produzir os desvios possíveis em relação às práticas políticas, sociais e científicas instituídas.[18]

Isto resultaria perceber em Roquette-Pinto o lugar do locutor histórico que, segundo Luiz Felipe Baêta Neves, estaria associado ao lugar de produção de conhecimento.

> Digo, ainda, de outro modo: que este "lugar de conhecimento" seja, ele próprio, lugar distinto de outros tantos "lugares" igualmente históricos. Sua própria elucidação – a necessidade de sua "luz" peculiar – é objeto de reflexão. Com isto se impede uma espécie de confusão entre o falar (a escrita) da história, enquanto produto teórico, e os falares que não precisam (ou não sabem ou não podem saber) dizer seu próprio nome ao nominar seu lugar, distinto, insisto, do objeto de que se fala. Há, portanto, uma descontinuidade entre seu lugar e os demais – qualidades que não nos pode enganar; não devemos imaginar a história como uma continuidade (de uma integridade falando de uma falha).[19]

De fato, como bem pontua Peter Burke, os historiadores ao lidar com pontos de vista coletivos permitiram uma interpretação do conflito em termos de um conflito de interpretações. E, nesse

---

[18] Certeau, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 93.

[19] Neves, Luís Felipe Baêta. *Pluralismo e teoria social:* primeiras notas de pesquisa. Idea, Rio de Janeiro, v. 1, p. 7-21, 1989.

sentido, permitiriam que as "vozes variadas e opostas" fossem novamente ouvidas. O historiador necessita, como o romancista, praticar a heteroglossia.[20]

Pois bem, a prática da heteroglossia em Roquette-Pinto nos conduz a perceber a experiência de construção de uma escrita e dos usos desta como práxis direcionada a diagnosticar cientificamente a questão social como fundamento para a resolução dos problemas de organização nacional. Amalgamou pensamento e ação, agindo nos interstícios dos poderes institucionais com os quais lidou, a exemplo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, do Serrviço de Radiodifusão Educativa do Ministério de Educação e Saúde, da Rádio Municipal do Distrito Federal e a do Instituto Nacional do Cinema Educativo, entre outras instituições e entidades.

A vocação pública de Roquette-Pinto manifestou-se por uma aproximação heterodoxa do positivismo comtiano que, por sua vez, oscilou entre as duas correntes do liberalismo, a conservadora e da democracia liberal, o que se expressou na apreensão e incorporação críticas que Roquette-Pinto fez de autores nacionais e internacionais ligados ao comtismo, tais como, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Manoel Bonfim, Bancroft, Bichat, Mendel, Galton, Davenport que o influenciaram na produção de suas teses argumentativas acerca dos conceitos de cultura e de brasilidade.

Durante as três décadas iniciais da República, o médico-antropólogo-educador Roquette-Pinto dedicou-se à pesquisa das questões relacionadas à raça e aos tipos do Brasil, produzindo dados que julgou objetivos para entender os cruzamentos biológicos e complexidade cultural advindas do meio, da herança social e da cultura. A temática indígena esteve no centro de suas intervenções analíticas como um problema a envolver ciência e técnica, razão e consciência.

---

[20] Burke, Peter. *A escrita da história:* novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992, p. 38.

Pela floresta fechada da Serra do Norte fundir-se-ia o pesquisador Roquette-Pinto e as fontes de pesquisas com que ensaiou repensar a nacionalidade e o fazer cidadãos no Brasil. Os estudos indígenas em Roquette-Pinto desdobraram-se em diferentes temas de pesquisa que se aglutinavam em torno das questões da mestiçagem, da imensidão do território brasileiro, da imigração, do hibridismo e da educação.

Segundo Ricardo Ventura Santos, Roquette-Pinto fora um intelectual com enorme sentido de envolvimento com o projeto de redenção nacional.

> (...) em curso nas primeiras décadas do século XX, e as interpretações acerca da Antropologia do Brasil mestiço estiveram a ele vinculadas. A leitura de seu trabalho demonstra uma intensa preocupação com saúde e educação; estariam no plano ambiental/social, e não no biológico/racial, as razões para compreender a suposta inferioridade dos tipos nacionais.[21]

Este livro não tem a pretensão de esgotar o intenso pluriverso temático de questões trazidas pela trajetória intelectual de Roquette-Pinto. Menos ainda, seduzir-se pela "ilusão biográfica" para o qual nos alerta Pierre Bourdieu.[22] Essa forma, no entrecruzamento do projeto existencial roqueteano visualizar, em caráter provisório, os elementos que atravessaram a formação deste educador no compósito de uma história das ideias, das mentalidades e do cultural. Uma história cultural do social.

A experiência da formação

Filho do desembargador Manuel Menelio Pinto e de Josefina Roquette Carneiro de Mendonça, Roquette-Pinto nasceu na cida-

---

[21] Santos, Ricardo Ventura. Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma nação: debates em antropologia física no Brasil. (1870-1930). *In:* Pena, Sérgio D. J. *Homo Brasilis:* aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. Ribeirão Preto: Funpec, 2002. p. 119.

[22] Bourdieu, P. A ilusão biográfica. *In:* Ferreira, Marieta de Moraes; Figueiredo, Janaina P. Amado. *Usos e sbusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

de do Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1884, e faleceu na mesma cidade em 18 de outubro de 1954. Foi criado pelos avós maternos. Passou parte da infância na Fazenda Bella Fama, próximo de Juiz de Fora, Minas Gerais, sendo muito ligado afetivamente à figura de seu avó João Roquette Carneiro de Mendonça.

Em 1900, Roquette-Pinto concluiu o curso de humanidades do Externato Aquino, uma instituição de ensino modelar, considerado uma das melhores instituições escolares do então Distrito Federal. Localizado à Rua Riachuelo, no centro da cidade, o Externato Aquino era dirigido por João Pedro Aquino. Personagens importantes do cenário intelectual brasileiro teriam estudado nesta instituição, a exemplo de Euclides da Cunha, Carlos Laet e Fortunato Duarte, entre outros. Concluídos os exames finais, pensou em participar do concurso de admissão à Escola Naval da Marinha do Brasil. Tornar-se marinheiro era, àquela altura de sua vida, um sonho instigante. Vivia imaginando-se em alto mar.

Naquela época, um encontro mudaria o destino da vida do estudante Roquette-Pinto. Em uma viagem de trem, por recomendação de sua família, levava o médico Francisco de Castro para atender uma prima sua adoentada. Durante o percurso da viagem, o então professor da cadeira de Fisiologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Francisco de Castro, o convenceu a desistir do concurso para a Escola Naval.

Em relato ao periódico *A Noite Ilustrada* [23], em setembro de 1935, Roquette-Pinto comentaria:

> Tive desejo de seguir a carreira da Marinha. Possivelmente o gosto das viagens, o resultado de leituras curiosas sobre o assunto, o prazer de novas descobertas, de sentir outros climas, tivesse concorrido para isso. Dentro de um trem, em companhia de Francisco de Castro, a quem eu conduzia para ver uma enfermeira querida, dele recebi o conselho generoso e amável que [...] deveria seguir os estudos científicos. E devo-lhe dizer que foi um bem que ele me fez. Sinto que

[23] *Noite Ilustrada*, 4 de setembro de 1935, p. 7.

nasci para a indagação, para a pesquisa, para o estudo. A ânsia de descobrir novos continentes, outras ilhas no terreno científico sempre me tentou.[24]

O doutor Francisco de Castro era amigo de João Roquette Carneiro de Mendonça, seu avô. A conversa com o médico ajudou Roquette-Pinto a descobrir o interesse latente que nutria pela área das ciências biológicas. Acabou ingressando na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1905, concluiu o curso de medicina.

Anos mais tarde, em 12 de outubro de 1951, na coluna Notas e Opiniões do *Jornal do Brasil,* Roquette-Pinto recordava saudoso o encontro com o médico baiano Francisco de Castro que tanto o havia marcado.

> Para mim, foi um deslumbramento passar um dia inteiro a seu lado numa viagem à fazenda da Boa Liga, na Vila de Nossa Senhora das Dores do Piraí, para onde ele fora a serviço de sua clínica examinar uma doente muito querida pessoa da minha família. Fui buscá-lo de madrugada na sua casa da rua Marquês de Abrantes; cumprindo as ordens de meu avô desdobrei o mais que pude a minha vontade de menino esperto: na estação comprei as nossas passagens, acomodei o mestre no melhor lugar – naquele tempo havia lugar nos trens... – comprei alguns jornais que lhe ofereci e ele não leu. Perguntou qual era o meu nome. E como lhe dissesse que era o de um herói de Walter Scott, começou a indagar das minhas leituras, dos meus estudos, comentando as minhas respostas, dando-me novas informações a respeito de tudo, [...] com simplicidade e bonomia, ao mesmo tempo, que me sujeitava a um verdadeiro exame vago, de improviso, sobre ciências, letras e artes. Na volta, quando o deixei, a noitinha, na porta da casa – deu-me um conselho. E assim influiu decisivamente no futuro daquele menino que tinha terminado o curso de humanidades e ia matricular-se na Escola Naval. Mais tarde quando tive nas mãos os seus livros e os seus discursos pude compreender mais profundamente o meu deslumbramento daquele dia.[25]

---

[24] Roquette-Pinto, E. Notas e Opiniões, *Jornal do Brasil*, 12 de outubro de 1951.

[25] Roquette-Pinto. *Etnografia americana:* o exercício da medicina entre os indígenas da América. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1906.

Os conselhos do doutor Francisco de Castro guiaram Roquette-Pinto. Castro era um dos principais nomes da medicina nacional da época. Tinha sido diretor do Instituto Sanitário Federal e, desde 1893, assumira a vaga de professor da cadeira de clínica propedêutica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, vindo a ser seu diretor no ano de 1901.

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o convívio profissional com a medicina fez com que Roquette-Pinto incorporasse as dinâmicas da prática médica e soubesse transitar pelos domínios da competência discursiva da área. Foi interno da segunda cadeira de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sob a chefia do professor doutor João da Costa Lima de Castro, especializando-se em obstetrícia.

Os cursos oferecidos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro possibilitaram-lhe uma ampla formação profissional na área médica.[25] Ao longo do curso de medicina teve aulas com os mais renomados lentes acadêmicos do país à época.[26]

Em entrevista concedida a João Baptista Cintra Ribas, Antonio Candido, primo em segundo grau, revelaria como o jovem médico exercia sua profissão.

> Edgard Roquette-Pinto soube que uma priminha nossa estava sofrendo muito, fazendo curativos diários, dolorosíssimos. Então teve a grandeza de dar uma assistência. Ele ia para lá quase todos os dias E ficava contando histórias para minha mãe... Ele morava perto. A gente morava na Av. Pasteur e minha avó morava na Rua 19 de Fevereiro. Era pertinho. Podia ir a pé. Ele ia lá pelo menos duas ou três vezes por semana. (...) ele tinha uma voz lindíssima, um talento extraordinário. Eu acho que ele compôs. [...] Eu tenho a impressão de que ele fez canções. E ele, então, cantava ao violão para ela. E minha mãe ficou absolutamente dominada e fascinada por este primo. Era um primo lindo, estava no 4º ano de medicina, muito gentil, muito bondoso, e

[26] Roquette-Pinto, Edgard. *Tempo de serviço federal*. Arquivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro. 1934. Pasta ERP0ARC14.

teve essa bondade extraordinária de dar assistência a essa priminha com risco de vida. Nesse tempo ele estava apaixonado por uma moça muito bonita, uma das moças mais bonitas do Rio de Janeiro, que eu conheço, que era muito amigo de minha mãe, que tinha ligações com minha avó. Tanto, que nós chamávamos a mãe dela de "tia", embora não tivesse parentesco nenhum. A mãe dela era amiga de juventude, de infância, de minha avó, Laura Carneiro de Mendonça. A mãe dela se chamava Gabriela Brandão. E a filha dela, cujo apelido era "Bizuza", se chamava também Gabriela. Diziam que era das moças mais lindas que havia no Rio de Janeiro. Ele foi apaixonado por essa menina. Parece que não foram namorados, porque a Bizuza não dava bola para ele. Mas ele era apaixonado... Então, talvez pelo fato dela ir muito à casa de minha avó, ele ia muito lá com a esperança de encontrá-la. Depois, ela se casou com um médico, que é um homem muito bonitão também, um dos primeiros cardiologistas, que era o Jorge Afonso Franco. A minha mãe dizia: "O Edgar (sic) canta com um sentimento!... Talvez ele tivesse dando vazão àquele amor. Bom, feito isso, a minha mãe conseguiu sarar, concertar a perna dela, e ela nunca mais viu o Edgar (sic). Deve ter visto uma vez ou outra, mas nunca mais tiveram relações. Mas minha mãe guardou, pela vida afora, a gratidão, e o afeto por esse primo. Então, na minha casa, o Edgar (sic) Roquette-Pinto não é antropólogo, é o médico. É um homem bom. É um primo generoso. É um homem que teve essa gentileza e essa bondade extraordinária de dar uma grande assistência a uma menina doente.[27]

A medicina social teria forte influência sobre o pensamento social de Roquette-Pinto e também em sua vida pessoal, tornando-o muito próximo dos colegas de sua turma na Faculdade Medicina do Rio de Janeiro. Entre eles, destacaram-se: Augusto Brant Paes Lemme, Álvaro Ozório de Almeida, Oscar Carvalho, Tito Araújo, Gastão Cruls e dos professores Barata Ribeiro, Miguel Couto e Henrique Baptista. Deste último, tornar-se-ia genro.

Como trabalho monográfico de fim do curso defendeu uma tese intitulada *Etnografia americana:* o exercício da medicina entre os

[27] Cintra, João Baptista Ribas. *Apud* Barbosa, Ana Maria de Souza. *O pássaro dos rios nos afluentes do saber:* Roquette-Pinto e a construção da universalidade. São Paulo: PUC-SP, 1996. pp.48-49. (Tese de doutorado)

indígenas da América, apresentada à cadeira de medicina cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no ano escolar de 1905. Por esta altura, já acumulava em seu currículo a experiência de ter sido interno da classe clínica da Faculdade de Medicina desde 1903. No mesmo ano de 1905, no mês de outubro, prestou concurso e foi aprovado para o cargo de professor assistente da 4ª Seção de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

A tese de doutouramento de Roquette-Pinto, em sua primeira parte, constituía-se em estudo sobre a prática da medicina entre os aborígenes do continente americano, ressaltando alguns aspectos relevantes do cotidiano de sua vida, como o casamento, o sacerdócio, a habitação, a chefia, a pesca, a caça. Os rituais de magia, a pajelança e as relações das tribos com a doença e com a cura. Na segunda parte da tese, a síntese filosófica, mostrou seu interesse pelo positivismo de Comte. Na visão do médico recém-formado, o grau de cultura desses povos era, essencialmente, rudimentar. Eram fetichistas e patriarcais.

Consultando o *Bulletin de la Societé Anthropologique* de 1883, Roquette-Pinto mencionaria a contribuição do arqueólogo e naturalista norte-americano Charles Abbott e do antropólogo Gabriel Mortillet na definição dos povos pré-glaciais como descendentes diretos dos homens do paleolítico.[28] Em algumas tribos indígenas como os "comedores de carne crua", os povos hiperbóreos, habitantes das costas da Groenlândia e o litoral do Ártico que se dividiam em três subgrupos os Koniagas ou Eskimós, os Thlinketos e os Tinnehs, tratavam os doentes colocando-os ao mesmo nível dos velhos e das crianças. Crianças, velhos e doentes eram considerados indivíduos de conservação custosa para toda a comunidade sentir-se obrigada a mantê-los.

---

[28] Roquette-Pinto, E. *Etnografia americana:* o exercício da medicina entre os indígenas da América. op. cit., p. 6.

Todavia os velhos morriam primeiro quando se tratava de escolher entre as bocas inúteis. As mulheres cuidavam dos enfermos da tribo, todas em coro, cantavam o ayan, uma espécie de hino poderoso de salvação das almas perdidas.

> As mais velhas põem sob a cabeça do doente um seixo (sic), de tamanho variável com a gravidade suposta da moléstia; e todas as manhãs essa pedra é sopesada, enquanto murmuram palavras de mistério interrogando-a sobre o estado do paciente. Se a pedra cresce em peso dia a dia, é que a morte se aproxima, dão-no por desenganado. Constroem uma cabana de blocos de gelo: formam-na de peles, e ali colocam uma lâmpada, alimentada pelo óleo de foca. Nessa cabana recebem os pacientes a última vontade e o derradeiro adeus de que vai morrer. [...] A despedida é curta; se durante ela dá-se o desenlace, os assistentes perdem, por impuros, os trajes que tão custosamente fabricam com o intestino da foca e o couro do urso. O último parente a sair bloqueia a porta do túmulo gelado; e assim fica entregue ao próprio sofrer, mal excitado pelos raios trêmulos que também agoniza, o triste filho gelado, que no amargo dele espera o frio da morte.[29]

Recorrendo ao livro *Native Races*, de Hubert H. Bancroft, Roquette-Pinto prosseguia seu relato mostrando casos peculiares da organização comunitária dos Koniagas. Estes nativos perfuravam a face ainda com muita habilidade, sendo menos pacíficos, conhecedores dos arcos e das flechas que envenenavam a ponta com a raiz do acônito macerada em água. Praticavam o infanticídio por asfixia, introduzindo uma porção de musgos na boca da criança e abandonando-a em seguida. A urina fermentada era utilizada como sabão para o banho das crianças e dos adultos com que se esfregavam até dissolverem as gorduras que lhes cobriam a pele.[30]

Para os Koniagas, as moléstias representavam um corpo possuído por "maus espíritos" que deviam ser expulsos pelo Shaman, o médico-sacerdote da tribo. A este cabia a tarefa de livrar o do-

[29] Ibidem. p. 7.

[30] Ibidem, p. 8.

ente do mau que o perseguia. Para isso, ao som dos tambores, Shaman era auxiliado por mulheres que faziam parte de um coro de vozes a entoar a forte energia curativa da floresta. Em persistindo a moléstia, convocado novamente, o Shaman atirava-se por cima doente com suas unhas afiadas para travar uma luta corporal com a doença.[31]

Em outras organizações tribais, como a do México, observou que, em caso de morte do doente, o médico-sacedote também era morto pela família do falecido. No caso, dos povos indígenas da América setentrional (os Columbias), o sacerdócio se distinguia da função médica. O sacerdote era o guia das almas e o médico cuidava dos casos considerados comuns. Quando o doente perigava de morte, o sacerdote era invocado. Usavam amuletos, objetos totêmicos, para servirem à cura. Expressavam eles, figuras de animais como o urso pardo, o corvo, o lobo e a águia.[32]

Na segunda parte da tese, a da síntese filosófica, Roquette-Pinto faria uma crítica ao materialismo de Spencer, em particular, a sociologia etnográfica do doutor Latourneau, dizendo que não bastava agrupar os fatos num rol de acontecimentos. Não bastaria simplesmente contar os fatos que se apreendiam. Para ele, o essencial era ver a lei que os unia, como os fatos e os acontecimentos se sucediam, identificando a relação que os ligava.[33]

> E tudo isso nasce da falsa posição que desejam dar ao homem. Pô-lo no quadro zoológico e chamá-lo de simples animal; aplicando-lhe as leis da animalidade apenas, é prática infeliz. O Homem tem funções animais, como tem de vegetalidade; mas sua organização cerebral, que faz surgir tão intensamente os fatos morais, e dá a estes a predominância, separa-o do resto da animalidade de maneira certa e firme.[34]

---

[31] Ibidem.

[32] Ibidem.

[33] Ibidem, p. 19.

[34] Ibidem, p. 76.

Para Roquette-Pinto, ao estabelecer a relação entre o organismo e o meio, a fisiologia de Marie-François Xavier Bichat teria mostrado o valor anatômico da alma, frisando as funções morais como marco de divisão entre animalidade e humanidade. A ciência biológica do francês Bichat e a frenologia do alemão Franz Joseph Gall, teria influenciado a ciência positiva de Auguste Comte, o "gênio de Montpellier"[35]. A ciência da Humanidade converteu-se para Roquette-Pinto em guia de entendimento das "práticas obscuras" da medicina entre os americanos em estado fictício.

> São os princípios desta que vão me guiar; mas é antes preciso dar o exato valor à medicina para entender certas práticas obscuras que entramos entre os americanos. A sociologia, para Augusto Comte, foi a construção de passagem, que lhe permitiu chegar ao estudo do homem individualizado. Isso não foi difícil; e, nas bases de que dispunha, estabeleceu o filósofo de Montpellier a ciência do homem – a moral. A medicina diluiu-se nela; porque não é lógico entregar ao médico, parte do estudo do homem e guardar, para o filósofo, outra parte dele. Por isso a medicina é uma arte cuja ciência relativa e indispensável é a moral. Essa unidade é desmembrada no tempo anárquico de hoje; o padre e o médico tratam, cada um de seu lado, da alma e do corpo; como se fosse possível separá-los, peças metálicas de um mecanismo físico, limá-las e reuni-las depois. Os doutores indígenas, veremos, sabiam empiricamente manter essa unidade. Eram mais justos que esses, que a nossa civilização distinguiu; e apenas cuidam do que o homem tem de vegetal e animal; deixando cegamente, o que tem de humano.[36]

A defesa de sua tese coincidiu com as provas para a vaga de professor substituto da "Secção de Anthropologia e Ethnografia" do Museu Nacional do Rio de Janeiro. No mesmo ano, prestou concurso para a vaga de professor-assistente do Museu Nacional, sendo aprovado, em primeiro lugar, recebendo aplausos de pé da banca examinadora.[37]

---

[35] Ibidem.

[36] Ibidem, p. 77.

[37] Andrade, Carlos Drummond de. 100 anos de Roquette-Pinto. *In:* Santos, Paulo. *100 anos de Roquette-Pinto, Programa Especial.* Rádio MEC. Rio de Janeiro, ago, 1984.

Em seu trabalho acadêmico, Roquette-Pinto buscou mostrar como se constituíam as práticas da medicina entre os índios das Américas. Interessou-se em compreender a forma como os aborígenes tratavam a doença e os doentes, realçando as especificidades da antiguidade do homem americano comparado aos homens primitivos do velho mundo europeu.

Concordava com Armand de Quatrefazes quando este admitia que o povoamento da América tivesse sido feito por diferentes raças vindas de pontos diversos. A América teria conhecido, segundo Humboldt, relações asio-americanas na pré-história. No caso brasileiro, os cientistas do Museu Nacional, a exemplo de Barbosa Rodrigues e Ladislau Netto teriam sinalizado que, muito antes da Europa, os povos asiáticos teriam conhecido a fusão entre raças diferentes.[38] A defesa da antiguidade do homem primitivo americano esteve no bojo das discussões propostas por Roquette-Pinto em sua tese.

Em crítica à perspectiva da sociologia etnográfica, Roquette-Pinto assumiu sua filiação filosófica ao comtismo.

> Augusto Comte firmou-se no que o passado havia realizado e estabeleceu nas fulgurações de seu gênio, a ciência da humanidade – a sociologia. São princípios deste que me vão guiar; mas é antes preciso dar o exato valor à medicina para entender certas práticas obscuras que encontramos entre os Americanos. A sociologia para Augusto Comte foi uma construção de passagem que lhe permitiu chegar ao estudo do homem individualizado. Isso não lhe foi difícil: e, nas bases de que dispunha estabeleceu o filósofo de Montepellier a ciência do homem – a moral[39].

Por intermédio do comtismo, Roquette-Pinto chegou a pensar a medicina como uma arte cuja ciência era a moral.

---

[38] Roquette-Pinto, E. *Etnografia americana: o exercício da medicina entre os indígenas da América*. op. cit, pp. 28-29.

[39] Ibidem, p. 76.

Um caso de medicina legal

Como professor-assistente da 4ª Seção de Antropologia e Etnografia do Museu, Roquette-Pinto atuou também como médico do Banco da Santa Casa de Misericórdia e como legista da Polícia, chegando a publicar, no ano de 1908, seu primeiro trabalho científico de pesquisa biológica no *Jornal do Commércio.*

> Eu era, então, médico-legista da polícia, depois de um concurso em que fui clamorosamente prejudicado, mas contra o qual não disse uma palavra. Quem entra em concurso e aceita previamente os juízes, não deve depois insurgir-se contra o critério adotado por eles. Foi o que fiz. Naquela dura faina médico-legal encontrei excelentes companheiros. [...] Em 1908 publiquei a nota sobre a fauna cadavérica do Rio de Janeiro, a convite de Félix Pacheco, que então já dirigia de fato o jornal. A nota não tinha nada de definitivo. Era o que agora se chama – nota prévia. Mas era a primeira contribuição brasiliana para o estudo da questão. Nesses termos é que foi apreciada e citada nas obras dos mestres do tempo – Souza Lima, Afrânio Peixoto e outros. Luderwald tomou o meu trabalho como ponto de partida para os estudos etnográficos de importância. E assim também fez, em trabalho notável, o ilustre e saudoso professor Oscar Freire, que fora da Bahia para ensinar na Faculdade de Medicina de São Paulo. Outros cientistas no estrangeiro também se interessaram no caso.[40]

É interessante observar como a medicina legal, um ramo da medicina social, enraíza-se na formação do médico Roquette-Pinto de modo a prepará-lo para o exercício da antropologia e da etnografia no Museu Nacional do Rio de Janeiro. O caso descrito acima, dizia respeito a sua experiência de médico-legal da polícia. O que indica a importância que a medicina legal vai assumindo como ciência de intervenção no social. Uma medicina detalhista que classifica, cataloga, investiga e prescreve o corpo humano e o social, instituindo-se como objeto do conhecimento e da pesquisa científica, lugar por excelência da intervenção médica.

---

[40] Ibidem, p. 58.

Sobre a experiência vivida na prática da medicina legal, Roquette-Pinto contaria um caso bastante estranho acontecido no quotidiano de médico perito da políciado Rio de Janeiro.

> Em 1908, trabalhando no Serviço Médico Legal da polícia, que era dirigido por Afrânio Peixoto, surgiu o caso. Um pescador caíra no mar, no fundo da Guanabara, e o corpo não era encontrado, apesar dos esforços da polícia. Mas o rio Iguaçu tinha achado o cadáver de um sujeito que por ali ninguém conhecia... Aconteceu que o afogado do rio, submetido ao meu exame, tinha preso nas roupas um peixe de corpo longo e cilíndrico. Era um Mussum. Tratava-se do animal descrito por Saint-Hilarie sob o nome de *Ophyctis Gomesu,* mussum do mar, mui diferente da espécie de Mussum do rio. O nome da espécie: *Gomesu,* foi homenagem de Saint Hilaire ao seu grande amigo Dr. Antonio Ildefonso Gomes. Conclusão: o pobre homem tinha morrido no mar, onde o peixe o encontrou. E foi levado pela maré até certa altura do rio Iguaçu.[41]

O caso, acontecido em 11 de outubro de 1908, quando Roquette-Pinto ainda era médico-legista do Serviço Médico Legal da polícia serviu para evidenciar como se constituía prática médica legal frente aos casos considerados desviantes. Embora indômitos, circunscreviam um debate em torno da ciência nacional e da criação das especialidades médicas através do aprofundamento das pesquisas experimentais.

No ensaio *Nota sobre um caso de simulação sexual,* datado do ano de 1908, Roquette-Pinto demonstraria sua preocupação em estudar para além do tom bizarro do acontecimento descrito, as especificidades da medicina legal no campo médico, demostrando suas possíveis implicações na formação do campo antropológico. Esta passagem primorosa evidencia, não somente o exercício da prática médica em medicina legal, mas também a tessitura de uma cultura médica iria acompanhá-lo nos estudos e pesquisas antropológicas e etnográficas no Museu Nacional do Rio de Janeiro.[42]

---

[41] Ibidem.

[42] Barbosa, Ana Maria de Souza. *O pássaro dos rios dos afluentes do saber:* Roquette-Pinto e a construção da universalidade. São Paulo: PUC, 1996, pp. 136-139. (Tese de doutorado)

Os profissionais costumavam chamar a tais encontros surpresas de autópsias... Esta foi verificada, logo à inspeção externa do cadáver. Tratava-se do corpo de um homem de raça negra, de 40 anos presumíveis, robusto, de 1m60 de estatura, morto subitamente durante a noite, a bordo do saveiro "Tagus", vitimado pela ruptura de um aneurisma da aorta, conforme a necropsia revelou. E a surpresa que este cadáver nos reservou foi o encontro de um pênis artificial fixado por alguns laços, ao coto de amputação da verga natural. Era, pois, um mutilado, o infeliz; e para ocultar, até certo ponto, aquela desgraça, buscava, numa espécie de prótese simplória, dar ao seu mundo a ilusão de ser um homem completo, simulando um órgão que os indivíduos de sua humilde condição, tanto ou mais que os outros homens, julgam indispensável ao próprio prestígio social. Era casado Alfredo João. Uma entrevista com a viúva permitiu conhecer alguns detalhes do caso. Alfredo João era já amputado ao tempo do consórcio. Ela não conhecia a causa que havia exigido a operação: mas afirmava que teve filhos dele. E para responder aos que se admiravam de que o pequeno segmento de pênis bastasse, Madame Alfredo João dizia, dando de ombros, que a gente se agarra com as unhas que tem (sic) Efetivamente, só lhe restava, ao marido, uma pequena porção de pênis, cerca de dois centímetros e meio. A ferida operatória, seguradamente muito antiga, cicatrizara *per prunam* fazendo crer que a causa da mutilação fora provavelmente de origem traumática.

Adiantava mais a informante, minúcia de alto valor para a interpretação dessa nota, que o pênis artificial encontrado era de uso relativamente recente e tinha uma história também. Trabalhando como estivador, Alfredo João um dia chegou a casa acabrunhado, triste e desesperado, porque alguém lhe dissera que entre os companheiros corria a notícia de que lhe faltava o órgão viril. Confessou à esposa, depois de algumas evasivas, a tristeza de ser descoberto o grande e malvado segredo de sua inferioridade. E nessa mesma noite resolveu confeccionar um pênis de pano e cordéis que serviria para dar, sob o vestuário, a ilusão aos companheiros.[43]

---

[43] Roquette-Pinto. E. Nota sobre um caso de simulação sexual. *Apud* Barbosa, Ana Maria de Souza. *O pássaro dos rios dos afluentes do saber:* Roquette-Pinto e a construção da universalidade. São Paulo: PUC, 1996. pp.135-139. (Tese de doutorado)

[44] Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Edições Graal, 2002, p. 145.

Este caso médico legal narrado por Roquette-Pinto ilustraria a acuidade com que a medicina social perscrutaria suas pistas. O corpo enquanto organismo vivo, lugar de rituais e aplicação de receitas terapêuticas. O corpo a ser inspecionado para manter controle dos desviantes.[44] Para tanto, a medicina social dos meados do século XIX criou métodos de assepsia do corpo do indivíduo e da cidade através da criminologia, da eugenia, do confinamento dos degenerados em presídios, hospícios, casas de assistência à infância desvalida.

Segundo José Gondra o projeto médico-higiênico dos fins do século XIX distribuiu competências, hierarquias, disciplina e ação moral tecendo procedimentos que visavam proteger, modelar, limpar e regular os indivíduos e a cidade. O discurso médico – enfatiza Gondra – assumiria um papel capital na produção de formas e estratégias de obtenção de legitimidade.[45]

Com efeito, a medicina legal articularia os usos das demais ciências auxiliares da medicina como a biologia, a física, a química e outras, na produção dos seus conhecimentos técnicos e científicos acerca dos específicos e eventos singulares capazes de preparar o diagnóstico e a terapêutica apropriada para tornar eficaz os preceitos morais derivados de seu conhecimento.[46]

Ainda sobre a autopsia em Alfredo João, Roquette-Pinto sinalizaria que:

> Não é possível dizer que até que ponto houve aí interferência do espírito feminino, cheio de inventivas e habituado a resolver dificuldades desta ordem, fabricando usualmente anquinhas, seios postiços, perucas e pernas de algodão. Mas o fato é que Alfredo João conseguiu desmanchar o que se dizia a seu respeito, ostentando aos olhos dos estivadores, sob a roupa um pouco impudicamente, o

---

[45] Gondra, José Gonçalves. *Artes de civilizar:* medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004, pp. 483-484.

[46] Antunes, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral:* pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930). São Paulo: Unesp, 1999, p. 28.

volume de um pênis normal. E passaram a considerar caluniosa a notícia daquela mutilação. O pênis artificial de Alfredo João é um cilindro de pano escuro medindo 12 centímetros de comprimento por 2,5 a 3 de diâmetro. Está hoje incorporado ao Museu do Serviço Médico Legal do Rio. Pelas médias de Sappey, Testtut, Poirier e Charpy. Vê-se que o infeliz exagerou levemente o cânon clássico. Verdade é que, segundo Buschan, o pênis dos negros é mais grosso; e Topinard afirma que só em repouso o do negro é maior que o do branco. Na sua maravilhosa *Reise in Brasilien,* Von Martius consagra algumas observações aos negros aqui encontrados; diz então que o pênis dos africanos apresentavam-se normalmente em estado de semiturgescência. Alfredo João parece, destarte, ter bem observado antes de construir o seu aparelho de prótese. (...) Deformações artificiais do pênis artificial, já não é o caso corrente. Este, aqui estudado, teve um destino inegavelmente superior: foi confeccionado e utilizado num fim de bem caracterizada prótese. Alfredo João fez e usou aquele apêndice, como faria um nariz ou uma orelha de cera ou de massa, com intuito estético, moral e social: para não escandalizar o próximo e para não tornar-se objeto de escárnio público.[47]

Esse caso mencionado por Roquette-Pinto evidencia como a prática da medicina legal se constituía. Tal concepção metodológica passou a fazer parte do seu exercício de antropólogo e de etnólogo no museu. Conforme relatou, a mentira no caso de Alfredo João havia surgido de impulsos sociais ligados a sentimentos sociais e estéticos.

Alfredo João não era um impotente a julgar pela informação autorizada de sua companheira. E, todavia, se ela o afirmasse, num processo de anulação de casamento, por exemplo, como poderia o perito decidir? Pelos dados objetivos colhidos, nenhum médico-legista tomaria a responsabilidade de afirmar ali a ausência da impotência *coeundi,* visto que só restavam dos corpos cavernosos 2,5 centímetros. Tão certo é que esses problemas de medicina legal acham-se, nos tempos que vivemos, deslocados dos antigos conceitos. Os códigos não foram escritos para regular situações em que o fator psíquico deve ser o dominante. Entre "eles e elas" não há lugar para a medicina forense, nestes casos, em que deficiência ou o exagero são relativos. Outros aspectos

[47] Ibidem, pp.137-138.

> médico-legais deste caso dizem respeito por ventura assim mutilado em acidente profissional. Na hora atual, em que as justas reivindicações proletárias trazem em foco o direito dos trabalhadores à assistência e à indenização correspondente ao dano somático recebido no exercício profissional, a perda do pênis pode ser objeto de perícia.[48]

A medicina de laboratório de cunho experimental clínico e fisiopatológico[49] influenciou a especialização médica do jovem médico Roquette-Pinto nos usos que fez dos trabalhos de campo da antropologia física realizados no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Todavia, ele combinou os ensinamentos que apreendeu no campo médico com as funções de etnólogo e antropólogo. Os discursos médicos e antropológicos institucionalizam-se através das práticas de intervenção na vida social.[50]

Um museu de grandes novidades

No Museu Nacional do Rio de Janeiro, Roquette-Pinto construiu sua carreira científica. Elaborou trabalhos de pesquisa antropológica e etnográfica, participando de congressos nacionais e internacionais. O primeiro desses trabalhos foi realizado em 1906, entre setembro e dezembro, percorrendo o litoral do Rio Grande do Sul com a finalidade de estudar os sambaquis daquela região. Foi seu primeiro trabalho etnográfico como antropólogo do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Estudou também as jazidas paleoarqueológicas, as pedras talhadas, os ossos de animais diversos, os pedaços de carvão, os esqueletos fossilizados. Em seu relatório de excursão ao Rio Grande do Sul, publicado somente em 1912, comentou que partira do Rio de Janeiro a 12 de setembro de 1906, chegando a Porto Alegre no dia 23 do mesmo mês. De Porto Alegre rumou por mais dois dias para Cidreira e Tramandaí.

---

48 Ibidem, p.139.

49 Schwarcz, Lilia. *O espetáculo das raças:* cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

50 Luz, Madel. *Medicina e ordem política brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 96.

Conheceu a desértica Praia de Cidreira com suas muitas cabanas de pescadores, rodeadas de pitangueiras, sempre carregadas de fruta.[51] Desta excursão, destacaria a relação de amizade construída com o médico alemão Eichemberg de quem se tornara hóspede, dizendo tratar-se de um colecionador de peças arqueólogicas.

O alemão possuía uma coleção que contava com belos timbetás de quartzo, muitas pontas de flecha, cachimbos de barro, machados, bolas de arremesso, todos desenterrados na região em que se situava a pequena Vila de Torres. Tudo doado pelo alemão ao Museu Júlio de Castilhos.

Passados quase seis anos da Excursão diria que a Coleção de Eichemberg era digna de nota. Pertencia naquele momento ao Museu Júlio de Castilhos.

> Antes assim. Nós nos descuidamos tanto, os brasileiros, de zelar pelas nossas coisas, documentos de grandeza da terra, que todos os anos nós deixamos indiferentes que se exportem para os museus europeus, alguns dos quais mantém sempre no coração do Brasil viajantes incumbidos de enviar tudo que possam. De certo não vejo meio capaz de impedir a livre remessa dessas coleções; há mesmo grande vantagem para nós outros em que se conheça na Europa as riquezas naturais do Brasil. Mas também é uma justa aspiração desejar que os brasileiros todos se interessem pelo progresso dos seus museus, especialmente do Museu Nacional, o mais antigo, o maior, o mais acessível a todo mundo. O museu é um instituto de ensino. E a grandeza da causa nacional, hoje, depois que o Brasil tornou-se independente, aboliu a escravidão, adotou a República e promulgou a liberdade espiritual, e entre os fatos maiores de sua história por si só capazes de lhe conferir um brilho incontrastável, é o da instrução popular.[52]

Para além dos sambaquis, uma curiosidade. Roquette-Pinto encontrou uma aranha caranguejeira enorme próximo à cidadezinha de Torres, na Lagoa de Itapeva. Levou-a consigo para o Museu

---

[51] Ibidem, p.5.

[52] Ibidem, p. 6.

[53] Roquette-Pinto, E. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, 01/12/1953.

Nacional. O animal foi classificado cientificamente pelo zoólogo Cândido Mello Leitão, depois foi incorporada às outras coleções zoológicas. O aracnídeo recebeu o nome científico de *Grammostola Roquettei*.[53] Espécies de plantas e animais receberam seu nome como batismo por parte de cientistas renomados da biologia e da zoologia. Olímpio da Fonseca designou o parasito dos índios de Mato Grosso de *Endodermophyton Roquettei*; May designou uma borboleta como *Agria Cláudia Roquettei*; Brade e Rosenstock designou uma espécie de planta como *Alsophila Roquettei*; entre outras.

O espaço de atuação de Roquette-Pinto foi o Museu Nacional do Rio de Janeiro enquanto lugar da ciência, da instrução e da investigação científica. Deste lugar consagrado à pesquisa científica e aos esforços reformadores surgiu a concepção do museu social como representação da nação e da República. Um museu constituído a partir dos estudos e das pesquisas em diversas e diferentes áreas dos conhecimentos e saberes científicos, tensionado a identificar, a registrar e a coletar, não somente amostras da cultura material e imaterial dos indígenas e sertanejos, mas também projetar um modelo social de proteção do patrimônio nacional.[54]

Em junho de 1908, Roquette-Pinto foi nomeado pelo ministro de estado de Justiça e Negócios Interiores do Brasil, médico-legista interino da polícia do Distrito Federal, publicando no mesmo ano *Notas sobre a fauna cadavérica do Rio de Janeiro*. No ano seguinte, participou do 4º Congresso Médico Latino-Americano com a apresentação do ensaio *Etnografia indígena do Brasil (estado atual dos nossos conhecimentos*). Participou também, como delegado do Brasil, no 1º Congresso Internacional das Raças, realizado em Londres, no mês de abril de 1911. Na ocasião, apresentou como trabalho de pesquisa um ensaio intitulado *Nota sobre a situação social do indígena no Brasil*.

[54] Horne, Janet. *Le Musée Social. Aux Origines de L´État Providence*. Paris, Belin, 2004, pp. 165-183.

Nesta viagem ao exterior, acompanhou o então diretor do Museu Nacional Nacional João Baptista de Lacerda que apresentou o trabalho intitulado *Sur Les Métis Au Brésil* no qual procurava provar os malefícios causados pela mestiçagem nos trópicos e direcionava como possível salvação a teoria do embranquecimento da raça. Em relação ao congresso londrino, João Baptista de Lacerda iria valer-se do estudo *Diagrama da constituição antropológica da população do Brasil, organizado segundo as estatísticas oficiais de 1872 a 1880,* encomendado a Roquette-Pinto.

Do ponto de vista estatístico, o *Diagrama* teria municiado João Baptista de Lacerda em sua tese sobre os malefícios causados pela mestiçagem e os efeitos positivos que a imigração europeia poderia trazer no sentido de contribuir para o branqueamento da raça. Após o congresso, Roquette-Pinto permaneceu por mais quatro meses na Europa, estudando com cientistas renomados como o fisiologista Charles Robert Richet, o zoólogo e parasitólogo Alexandre Joseph E. Brumpt, os fisiologistas Luschan, Tuffier e Perrier.

O ano de 1912 foi decisivo para a carreira de médico-antropólogo de Roquette-Pinto no Museu Nacional, representando seu amadurecimento intelectual e sua inserção na corrente teórica contrária às proposições de uma visão negativa dos trópicos e de seus habitantes. Participou como delegado do governo do VIII Congresso Internacional de Americanistas, em Londres, apresentando trabalho intitulado *Notas sobre os índios nambiquáras do Brasil Central.* Ainda nesse ano, no mês de julho, integrar-se-ia à excursão promovida pela Comissão Rondon na Serra do Norte.

A ciência vai transformando o mundo[55], diria Roquette-Pinto na primeira página do livro *Rondônia*, escrito a partir de sua expedição à Serra do Norte, em 1912. Este livro de antropologia etnográfica surgiu das quebradas úmidas das serras, pelos caminhos marulhentos dos rios, nos areais desolados[56], fruto de sua

[55] Roquette-Pinto, E. *Rondônia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. p. 18.

[56] Ibidem, p.13.

incorporação às fileiras da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas, comandadas pelo tenente-coronel Cândido Mariano da Silva Rondon.

Rondônia[57], publicado em 1917, expressou uma incontestável busca do que chamou a vida dos seus homens primitivos[58], índios e sertanejos, do que descreveu como sendo um povo magro e feio, homens doentes.

> São feios, efetivamente, aqueles sertanejos, muitos, além disso, vivem trabalhando, trabalhados pela doença. Pequenos e magros, enfermos e inesteticos, fortes, todavia, foram eles conquistando as terras ásperas por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalíptico, amarrando os extremos da pátria.[59]

Fotografando, filmando e gravando aspectos das culturas material e imaterial das populações indígenas e sertanejas da região da Rondônia, Roquette-Pinto objetivou recuperar os traços, as minúcias, os contornos e as sombras dessas populações interioranas, em consonância com a ciência antropológica da época. Mediu crânios, organizou fichas antropométricas com impressões digitais dos examinados, estudou o perfil anatômico incluindo a cor dos olhos, a cor da íris, as medidas do nariz, da orelha, da fronte, da altura, do peso. Produziu retratos falados das populações sertanejas do Brasil Central. Estudou, minuciosamente, como viviam culturalmente as tribos dos Pareci e Nambiquáras da Serra do Norte. Entre outras, os Terena, os Chiquitiana, os Borôro, os Cherente, os Guarani, os Chamacôco, os Kaxinauá e os Bakairi. Habitantes de um Brasil desconhecido e rústico.

A antropologia expedicionária de Roquette-Pinto inclinou-se para descrever e, ao mesmo tempo, denunciar as precárias condições de

---

[57] Em junho de 1917, a obra *Rondônia,* de Roquette-Pinto recebeu o Prêmio D. Pedro II ofertado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB). Nesta ocasião, foram agraciados pelo IHGB Capistrano de Abreu e Basílio de Magalhães.

[58] Ibidem. p. 14.

[59] Ibidem.

vida das populações indígenas e sertanejas do país. Apesar de conceber as populações sertanejas como sendo "primitivas" e "ignorantes", o jovem antropólogo as compreendeu como pedras de toque do sentimento nacional. Refutou, de forma veemente, a caracterização dos índios, dos sertanejos e dos negros como raças inferiores, indesejáveis ao Brasil da modernidade. A fronteira do Brasil e sua gente fronteiriça seriam as matrizes fundadoras e reveladoras de uma cultura nacional e de uma cultura heroica.

Nesta trilha, a descoberta e a ocupação das terras de ninguém pelas missões civilizatórias de Euclides da Cunha, de Cândido Rondon e de Oswaldo Cruz conduziriam, por um lado, ao reconhecimento dos destemerosos sertanejos dos estados do norte e, por outro, a identificação geográfica e topográfica das regiões.[60]

O trabalho de Roquette-Pinto terminaria por prescrever, segundo Castro Faria, um esboço de classificações dos povos indígenas do Brasil, baseado no estudo de Ehrenreich intitulado *Divisão e distribuição das tribos do Brasil, segundo o estado atual dos nossos conhecimentos e etnografia da América do Sul*. A obra foi publicada com patrocínio da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e do *Jornal do Comércio,* no ano de 1892, pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* no ano de 1906, e republicada pelo *Almanaque Garnier,* em 1907, com tradução de Capistrano de Abreu.[61]

Roquette-Pinto afirmava que os povos do Brasil não tinham, ainda, um historiador que lhes narrasse a vida com a minúcia e a clareza científica de Bracroft e de Schollcratf, que eram impecáveis na descrição dos povos indígenas norte-americanos. No Brasil, as pesquisas teriam sido até então residuais, pontuadas pelas observações dos naturalistas-viajantes do século XIX. Estes haviam concentrado – segundo Roquette-Pinto –, como núcleo de suas argumentações,

---

[60] Roquette-Pinto, E. *Notas antropométricas sobre os índios Urupás*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925, p. 13.

[61] Castro Faria, L. *Antropologia: escritos exumados. Espaços Circunscritos*. Niterói: EDUFF, 1998, pp.151-152.

os problemas relacionados ao meio ambiente, descrevendo o que viam e o que achavam pelo caminho, sem atentarem para os detalhes.

> Os que primeiro apreciaram essa gente, com vistas sistemáticas, propuseram agrupar esses elementos étnicos à custa de seus idiomas; isto porém é tarefa que se possa executar sem falhas como será demonstrado. Também nas observações somáticas ninguém se poderá apoiar neste fim. Para estudar, suficientemente, as tribos brasileiras, o critério que lhe parece mais seguro, há de o autor desenvolver depois: é aquele que além de considerar todos esses dados, se apoia na distribuição geográfica dos povos.[62]

Ele criticou os naturalistas-viajantes que travestidos de investigadores da gente brasileira tiveram a pretensão de resolver o problema insolúvel das origens e das migrações. Para ele, os viajantes-naturalistas tentaram valer-se de elementos falhos e restritos, visando satisfazer apenas suas curiosidades presunçosas, limitando-se a decantar a natureza. Faltou a produção de uma obra de conjunto destinada a sistematizar as noções científicas adquiridas. O que se possuía, afirmava Roquettte, era uma visão negativa da floresta habitada por gente derrotada. É sobre esta concepção dominante do processo de extermínio pretendido pela colonização do país que se ousava apregoar a etnografia indígena como guia dos estudos cartográficos do país.[63]

Com o impressionante relato sobre os índios do norte do Brasil, caracterizou os índios que viviam espalhados por toda a costa brasileira, subindo o Amazonas e o Rio Prata. Os índios que formavam essa linha de distribuição foram denominados de índios da Costa, também chamados de tupis. A língua se chamou tupi modificado, falado pelos povos do norte. O guarani seria a língua falada pelos povos do sul. Dos tupis podia se dizer que pertenciam ao tronco do *nheeng-catir* ou língua boa e dos povos do sul

---

[62] Roquette-Pinto, Edgard. *Etnografia indígena do Brasil. (estado atual dos nossos conhecimentos)*. Arquivos do Museu Nacional, 1909, p. 2.

[63] Ibidem, p. 3.

falavam a língua *abà-nheeng* ou língua de gente. Os povos indígenas não inscritos entre estes dois grupos habitavam o interior do país, vivendo em precárias condições de sobrevivência e no mais baixo nível de expectativa de vida.[64]

Roquette-Pinto descreveu-os como erradios, ferozes e bestiais. Não tinham abrigo que não fossem as centenas de árvores copadas. Fugiam sempre dos brancos, ao contrário de outros que os procuravam. Seus arcos e flechas eram grosseiros e toscos. Chamaram-nos de tapuias, devoradores dos prisioneiros de guerra, mas somente matavam por fome ou para lisonjear o paladar com iguaria apetecida.

Insistiu em dizer que eles não eram antropófagos por princípio de orgulho ou vaidade, somente por uma questão nutritiva.

> Se o primeiro desses grupos era formado por gente que se podia enquadrar num mesmo círculo, este, tapuia, abrangia tribos diversas em costumes e linguagem. Assim era porque a conquista branca do país se limitava à costa e pouca extensão interna; de sorte que, os do interior, tinham a denominação dos seus vizinhos mais próximos. Depois se foi conhecendo melhor esta gente. Mas o costume dos viajantes que desbravaram o sertão, conservou este nome. Certo que um fato surge indiscutido: se diferentes núcleos etnográficos existiam, a raça não era mais de uma. Eram muitos os povos seriados, por costumes e línguas, em dois grupos: mas a variedade da espécie era uma só.
>
> E esta conclusão que o exame das noções sumárias, apanhadas pelos primeiros colonizadores era uma só. Não se cuidava mais de seriar as tribos que muitos tinham bem escrito quando Martius veio ao Brasil. E para que fosse bávaro deixar de estudar, aplicando-lhes pela primeira vez um critério defunto, aos povos indígenas que foi achando espalhados pelas regiões que atravessou. Ligando dialetos que lhe pareciam afins, dividiu as tribos brasileiras em oito grupos: Tupi-Gê ou Kran e Gueren ou Kren Geek, Pareci ou Parexi, Goytacaz ou Goyanaz, Aruak, Guayecurú.[65]

---

[64] Ibidem, p. 6.

[65] Ibidem, pp. 4-5.

Neste ensaio, Roquette-Pinto empreendeu um esforço etnográfico imenso ao dividir as terras da América Meridional em três grandes zonas: a dos índios do Brasil setentrional; do oriental e do meridional. No primeiro grupo, de modo geral, poderiam ser localizadas as famílias indígenas Caraíba, Aruak e Tupi; no segundo, os Tupis e os Gês; no terceiro grupo, dos Tupis e dos Guaycurús.

> Perante a moderna orientação da antropologia, a observação dinâmica das raças, dos tipos, e dos próprios indivíduos, vai-se aos poucos, caracterizando como a única saída para que os estudam com desejo de encontrar o caminho do progresso. A descrição estatística das caracterizações não satisfaz ao espírito científico da época; recentes verificações e descobertas que a fisiologia conseguiu, mormente no âmbito das funções das glândulas de secreção interna, mostram que a morfologia, por si só, é fraco contingente para o conhecimento dos organismos. Ela é condicionada de modo interativo pela maneira de funcionar própria a cada qual. Numa palavra: a antropologia anatômica, cada vez mais, perde em favor da antropologia fisiológica. A anatomia das raças, si não feitas de todo, foi bastante para que o debuxo indicasse que sáfaro terreno é o seu, incapaz, de permitir a colheita das leis que governam a especial biologia das variedades.[66]

No sertão de Mato Grosso, Roquette-Pinto fotografou e cotejou os índios Tagnani e os da Serra do Norte, identificando traços fundamentais de sua composição étnica que os diferenciava etnográfica e antropologicamente no que se referia à cor da pele, ao colorido do cabelo, à estatura, à diferença sexual da estatura, ao peso, à circunferência toráxica, ao índice de Manouvrier (que indicava o comprimento do busto e do membro inferior), cicatriz umbilical, índice cefálico, índice nasal, índice facial, entre outras características tipológicas oriundas de cruzamentos diversos.[67]

Roquette-Pinto procurou comparar os índios da Serra do Norte com os demais tipos conhecidos do Brasil, apontando semelhanças e diferenças no sentido de organizar um retrato falado

---

[66] Roquette-Pinto, Edgard. *Rondônia*. São Paulo: Cia. da Editora Nacional, 1938, p.191.

[67] Ibidem, pp. 211-124.

da tipologia das raças indígenas do norte do país, um retrato falado da tipologia das raças indígenas do Norte do país.

Examinou antropometricamente os índios que pertenciam aos grupos Kokozú, Anunzé, Tagnani, Tauitê e os Dos Uiantaçú. Os estudos procuraram considerar a coloração da pigmentação da pele, do cabelo, do tamanho do crânio, das dimensões do tórax, da fronte, da estatura, do tamanho dos olhos, dos pelos, enfim, um trabalho de craneometria e de biometria médica em voga na época.

> Quase todos deixam crescer livremente as unhas; a hora da comida são utensílios valiosos para dilacerar as carnes. As plantas dos pés nunca se expressam em calosidades extensas, como nos indivíduos da raça negra, que andam descalços. Os pés são relativamente grandes. Pernas finas e musculosas. Abdômen saliente. Mãos pequenas; membros torácicos encordoados, pouco volumosos.[68]

Assim, a indicação antropológica moderna, segundo Roquette-Pinto, indicava a necessidade de se observar a dinâmica das raças e dos tipos de indivíduos, buscando produzir um esboço de comparação somática que incluía a descrição estatística da morfologia e da fisiologia dos grupos indígenas estudados. Uma antropologia fisiológica em detrimento de uma antropologia anatômica.[69] O uso do método estatístico de análise das populações indígenas ajudariam na precisão e na definição do lugar do homem "rústico" na natureza e dos caracteres das raças formadoras. Em jogo, a apreciação dos fatores "biossociológicos" desses grupos sociais.

Segundo Ruth Cardoso, o fulcro da abordagem antropológica é a identificação. Elemento necessário para se apreender por dentro as categorias culturais com as quais as populações articulam suas experiências de vida social e de ordenação coletiva.[70] Em sua viagem a Rondônia, Roquette-Pinto valeu-se da identificação de

---

[68] Ibidem, p. 176.

[69] Ibidem, p.190.

[70] Cardoso, Ruth (org.). *A aventura antropológica:* teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, pp. 33-34.

desenhos, de ornatos, de grafias, de arte de cerâmica, de tessituras de redes, registrando os diademas de penas, as pinturas com urucú, as lendas do milho, da mandioca, a lenda da origem dos homens, as canções indígenas etc.

Grande parte das fotografias da Comissão Rondon ficaram a cargo de Antonio Pyreneus de Sousa que retratou as crianças índias Kozarini. Pyreneus foi lugar-tenente de Rondon na comissão construtora da linha telegráfica de Mato Grosso ao Amazonas, em 1907, e também na expedição ao Rio Madeira, onde ficou encarregado do Serviço de Acampamento e Transporte, sendo o comandante militar.

> No diário do chefe o seu nome responde a cada página; vai ao encontro dos índios bravios, de que há notícias por perto; consegue pescado ou caça para a fome dos expedicionários; é o enfermeiro carinhoso dos camaradas abatidos pela doença; volta para trabalhos complementares no terreno percorrido; numa das vezes, através da mata, sozinho, 8 léguas a pé, faminto e cansado. A 30 de outubro de 1909 uma piranha, peixe voraz dos nossos rios, arranca-lhe, com as tesouras dos dentes, um pedaço de língua. Quase morreu sufocado pelo sangue, escreveu Rondon no seu diário... Tal militar, homem de ação, sans peur et sans reproche... Mas também, o geógrafo, que levantou alguns rios figurados nos mapas recentes.
>
> Diz Rondon, no seu livro, que certa vez, para comemorar serviços do digno oficial, mandou lavrar uma árvore no local da façanha e nela fez esculpir o nome de Pyreneus. Assim, vivem e morrem os heróis. Os jornais não lhe publicaram o retrato; mas o cerne, que a terra pátria sustenta, ergue, no crescer da árvore, o seu nome. Recebi de La Vitória, a 25 de Fevereiro de 1936, o seguinte telegrama: 'Abraço-te comovido teu gesto amigo junto ao tumulo do nosso saudoso inesquecível Pyreneus, um dos bravos de epopeia dos sertões que crismaste com o nome de teu formoso livro. Guardarei sua memória como uma das relíquias da minha gratidão – General Rondon'.[71]

Em *Rondônia*, Roquette-Pinto ressaltou que antes das expedições de Rondon não existiam senão vagos vestígios sobre os

---

[71] Roquette-Pinto, Edgard. *Rondônia*, op.cit. p.10.

índios da Cordilheira do Norte, a mais central das populações primitivas do continente sul-americano, como também ficava patente a ignorância até então acerca do conhecimento da Bacia pelo Rio Juruena.[72]

Imputando a Rondon o desbravamento do Brasil do Centro-Norte, dizia que a campanha de instalação do fio do telégrafo fez avançar a Comissão Rondon pelos territórios do Amazonas, do Acre, do Alto Purus e do Alto Juruá, interligando Cuiabá ao Rio de Janeiro. O fio cruzando ponta a ponta o grande divisor das águas platinas e amazônicas.

> O rio era, em sua compreensão, um continente em marcha, terreno ainda em formação, sem tentativas de colonização estável, onde a exuberância das ervas más perturba as plantações e o calor faz do homem preguiçoso como um gato de luxo [...] A fauna é uma concorrente. Para fugir das formigas de fogo, a população de Aveiros, no Tapajós, abandonou as moradas no começo do século XIX.[73]

Roquette-Pinto participou, ativamente, como antropólogo a serviço do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Registrou através da fotografia desenhos, ornamentos e artefatos produzidos pelos índios do Mato Grosso e da Serra do Norte, mostrando os ritos e as práticas alimentícias, a utilização da plumaria e as manifestações de dança guerreira.[74]

As fotografias buscavam revelar a cultura material dos índios da Serra do Norte, do Mato Grosso e da selva amazônica. Grande parte desses registros passaria a fazer parte da *Colleção de Ethnographia Sertaneja* do Museu Nacional do Rio de Janeiro organizada por Roquette-Pinto. Assim, a antropologia roqueteana buscou construir uma memória histórica acerca dos habitantes do sertão brasileiro fazendo do museu um instrumento moderno de ilustração, de atualização científica do Brasil desconhecido.

---

[72] Ibidem, pp. 21-22.

[73] Ibidem, pp. 63-64.

[74] Ibidem, p. 252.

Um museu funcionando como dispositivo de poder, de celebração e de capacidade de indicar o que se deveria saber, o que se poderia lembrar e ou esquecer.[75]

Os desenhos e as fotografias sobre a arte plumária, a cerâmica e demais adornos indígenas constituíram um espécie de diário das coleções no interior da obra *Rondônia*, como também sinalizariam a intenção da antropologia de Roquette-Pinto em realizar uma operação de passagem da noção de coleção para a de patrimônio cultural. O que implicou na disputa entre as memórias, da lembrança, do esquecimento, dos poderes e das resistências. Afinado com a ciência de sua época, tomou de empréstimo o emprego de procedimentos da antropologia física francesa utilizados por Paul Brocca, Bichat, Manouvrier, Berttilon para caracterizar os homens da "idade da pedra" da Serra do Norte.

Em 1913, ao proferir a conferência "Aborígenes e ethnographos", na Biblioteca Nacional, Roquette-Pinto recuperaria o pioneirismo dos trabalhos de Ladislau Netto, Couto Magalhães, Ferreira Pena e Barbosa Rodrigues que versariam questões relacionadas ao estudo da paleontologia e da etnografia indígena americanas. Neste particular, o tema central a ser abordado como objeto de preocupação da antropologia era o grande sertão do Brasil e de seus "atrasados" habitantes. A este respeito a etnografia brasileira construiria a noção de "primitivo", a partir da noção de grau de civilização avançada.[76] Na conferência, advertia Roquette-Pinto que a craneometria havia procurado determinar a "raça dos sambaquis", incluindo Lagoa Santa, mas seus instrumentos de pesquisa somente conseguiram separar os tipos puros dos tipos fundamentais da raça humana, isolando o branco, o amarelo e o negro. Mencionou as investidas do médico baiano Nina Rodrigues, que procurou

[75] Chagas, Mário de Souza. *Imaginação museal:* museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. (Tese de doutorado)

[76] Roquette-Pinto, E. Aborígenes e ethnographos. *Anais da Biblioteca Nacional,* 27 de maio de 1913, pp. 89-107.

isolar as características craneométricas dos negros brasileiros. Todavia, o seu esforço teve a sorte dos demais.

> Pois que o cruzamento é hoje a regra no mundo inteiro, contar o número das raças existentes é tão importante, dizia, há dois anos, em Londres, o professor Von Luschan, da Universidade de Berlim, como avaliar o número de anjos que podem dançar à vontade na ponta de uma agulha... Efetivamente, aquela preocupação vai cedendo o passo a questões muito mais importantes, relativas à anatomia comparada, à identificação pessoal, à anatomia das idades, das profissões etc. A antropologia não pode ser responsável pelos insucessos da craneometria, sua filha desmandada.[77]

No dizer de Roquette-Pinto, a hipótese mais plausível sobre os homens dos sambaquis e o da Lagoa Santa, descoberto por Lund, era dizê-los antepassado dos índios americanos, tendo por base os trabalhos de Umberto Lanari nos últimos volumes dos *Anais da escola de Minas de Ouro Preto.* Ao contrário do que se acreditava até então, o aparecimento da espécie humana nas Américas não seria recente.

> Outro tanto se pode dizer de toda América; apesar de apregoado autoctonismo ao "homem Americano", cujo representante puro seria o mesmo "Botocudo" sobrevivente da grande raça Paleamericana, que alguns procuram sustentar, por que se têm encontrado restos humanos em jazidas certamente mais antigas que as do Brasil, não se apurou um só caso líquido da presença do homem em camadas terciárias, ao contrário do que desejou provar o professor Ameghino, um dos cientistas de mais nome que a República Argentina perdeu há pouco tempo.[78]

Influenciado pelas concepções de F. Ratzel, Roquette-Pinto diria que o principal resultado da etnografia era demonstrar que a humanidade era uma só, porém, dividida em porções diferentemente atrasadas e adiantadas.

> A etnografia prova que o homem, em qualquer parte do mundo em que se encontre, resolve sempre determinadas questões, seja ele branco,

[77] Ibidem, p. 93.

[78] Ibidem, p. 94.

> amarelo ou preto; mesmo sendo poligenista, é preciso aceitar o que está provado. Nem por outra razão achamos o machado de pedra ainda hoje usado na Serra do Norte, em Mato Grosso, igual aos que se encontram, já abandonados, pela Europa inteira; o arco de que se servem os nossos índios foi durante a "Idade Média"(sic) a arma dos guerreiros europeus; a "flauta de Pan" (sic), a "avena" que eu encontrei no começo do meu Virgilio, soprada pela boca de Tirio, foi achada também entre as nossas tribus, como se prova com um exemplar do Museu Nacional, oriundo dos índios do Alto Rio Negro. Assim é tudo.[79]

O ingresso no ano seguinte no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), na posição de sócio e de secretário da instituição em que ficou até de 1919, conferiu à Roquette-Pinto não somente prestígio intelectual por pertencer a uma das instituições mais antigas de "guarda" da memória e da história do país[80]. Na conferência do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Roquette-Pinto apresentou duas propostas direcionadas à ideia de nacionalização do país: a primeira, comprometida com a reorganização dos mapas de orientação (uma bússola) que serviria de "guia" para o deslocamento as expedições científicas no interior do país.

> As Cartas do Brasil, porém, fiéis ao seu molde primitivo, continuam a repetir apenas o que havia no tempo em que o cearense não pensava na borracha. O problema é tão sério, que para resolvê-lo não bastou a erudição de Cândido Mendes nem a documentação e patriotismo do Barão Homem de Mello; precisa do concurso do país inteiro. Realizado, não terá sido uma obra sumptuaria e inútil, senão o complemento do sistema nacional que o Barão do Rio Branco planejou e começou a construir, não direi alargando, mas fixando os limites do país. Acredito que se a sua grande vida não tivesse sido tão curta para o que a pátria dela precisava, o "Barão" dentro de mais algum tempo nos daria o nosso mapa por intermédio de uma comissão competente, se não tão

---

[79] Roquette-Pinto, Edgard. Aborígenes e ethnographos. *Anais da Biblioteca Nacional*. 1913. p. 103.

[80] Ver Guimarães, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, n.1, 1988.

preciso e minucioso como a "Carta Geral da República", que o Estado Maior do Exército terminará daqui a mais de um século, ao menos capaz de dar a todos a impressão real do que é o interior do Brasil. Seria, então, um pouco mais difícil a qualquer um repetir a façanha dos exploradores, que transformam as estradas de rodagem, as linhas telegráficas e a gente sertaneja, descobertas por eles no interior do Brasil, à nossa custa, em coisas fantásticas, bizarras e temerosas.[81]

A segunda proposta apresentada ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) foi a da produção de um tratado etnográfico intitulado *Dicionário Histórico, Geográfico e Ethnográphico do Brasil* que devia reunir os resultados das pesquisas de campo realizadas pelos viajantes e naturalistas do Brasil do século XIX como Eschwege, Spix, Martius, Saint Hailare, Rugendas, Richard Burton, Agassiz, entre outros. Na sessão de 28 de agosto de 1915, Roquette-Pinto e Max Fleiuss apresentaram tal proposta ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A publicação do *Dicionário* somente foi concluída em 1922, em virtude das comemorações do Primeiro Centenário da Independência.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) simbolizava para Roquette-Pinto um templo de preces à vocação do progresso e da prosperidade do Brasil. Esta visão apologética da instituição não o afastaria de seu propósito de definir o itinerário de suas práticas como antropólogo.

A bordo do nosso barco deste-me um lugar; tendes naturalmente o desejo de saber, de um modo mais preciso, quem é o novo tripulante desta nave antiga e respeitável, quais são as ideias, ou mesmo se ele as tem.[82]

A arqueologia de saberes em Roquette-Pinto esteve marcada por sua produção científica no circuito da antropologia-etnográfica brasileira e pela apresentação sistematizada dos resultados das pesquisas realizadas entre sambaquis e índios do Brasil. Iriam somar-

---

[81] Roquette-Pinto, E. O segredo dos uiáras. *In: Seixos rolados*, op.cit. pp. 86-87.

[82] Ibidem, p. 84.

se a esta construção de *habitus* acadêmico[83], a participação frequente em congressos nacionais e internacionais nos quais eram debatidas questões relacionadas à formação da brasilidade e da nacionalidade. Exemplo disso, eram as participações nas conferências proferidas no Museu Nacional e na Biblioteca Nacional, respectivamente, em 1912 e 1913, sob o título de Série Rondon.

Na abertura das conferências da Biblioteca Nacional em 12 de setembro de 1912, o diretor da instituição, Dr. Manoel Cícero Peregrino da Silva faria uma digressão histórica até a antiguidade grecoromana para manifestar sua crença no "amor aos livros criando bibliotecas" e na tarefa da Biblioteca como formardora de um patrimônio à serviço da nacionalidade. Uma pauta de temas variados prientou a agenda das conferências realizadas naqueles dois anos. Em 1912, excluídas a política e a religião, os temas versavam sobre evolução litarária, gosto artístico, progresso das ciências, desenvolvimento econômico, meio social e o Brasil no concerto das nações.[84]

Na conferência da Biblioteca Nacional, centrado na antropogeografia ratezeriana, Roquette-Pinto buscou situar o papel principal da etnonografia brasileira na demonstração de que a humanidade apesar de ser única, desdobrando-se também em "porções diferentemente adiantadas". Mesmo acolhendo as bases fundamentais da teoria de Lamark, insistiria que a humanidade inteira era uma só, mas com graus diferenciados de civilização.

> A etnografia prova que o homem, em qualquer parte do mundo em que se encontre, resolve sempre determinadas questões da mesma maneira, seja ele branco, amarelo ou preto; mesmo sendo polygenista, é preciso aceitar o que está provado. Nem por outra razão achamos o machado de pedra ainda hoje usado na Serra do Norte, em Mato

---

[83] Bourdieu, Pierre. *A economia da trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999, pp.183-203.

[84] Cícero, Manoel. Da remodelação por que passou a Biblioteca Nacional e vantagens dali resultantes. *Atas das conferências da Biblioteca Nacional* , 12 de setembro de 1912. pp. 2-7.

> Grosso, igual aos que se encontravam, já abandonados, pela Europa inteira; o arco de que se servem os nossos índios foi durante a "idade média" a arma dos guerreiros europeus; a "flauta de Pan", a "avena" que eu encontrei no começo do meu Virgílio, soprada pela boca de Tytiro, foi achada também entre as nossas tribus, como se prova com um exemplar do Museu Nacional, oriundo dos índios do Alto Rio Negro. Assim é tudo.[85]

O argumento etnográfico de Roquette-Pinto apontava para as diferenças de estágios de desenvolvimento entre os aborígenes do Brasil. Eles não se encontravam no mesmo grau de civilização. A etnografia tinha como proposição científica determinar o lugar que caberia ao "povo no estudo das séries dos povos conhecidos".[86]

Para realizar esse intuito, a etnogradia deveria examinar, de forma detalhada, as condições em sociedade do capital, da religião, do governo e da família. Suas formas de vida material e psíquica. O Museu Nacional e suas coleções resvestidas de caráter testemunhal validariam a tentativa de remontar o passado, produzindo um circuito de alta voltagem entre o objeto interpretado e o olhar interpretante. Educar para civilizar como ideia de um bem permanente, teatro da memória e, ao mesmo tempo, laboratório da história[87].

Nesse sentido, nas duas primeiras décadas da Primeira República, ganhou energia e vitalidade à ideia de organização das diversas coleções museais. Entre elas, caberia destacar as de paleontologia, as dos indígenas, as de cerâmicas etruscas e greco-romanas, bem como terracotas e de peças de vidro, bronzes de Pompeia, múmias egípcias com seus sarcófagos herdados das doações dos imperadores do Brasil, sem contar os exemplares de indumentária das culturas amazônicas fruto de expedições de viajantes-naturalistas do século XIX.

---

[85] Roquette-Pinto, E. Conferência. *Anais Biblioteca Nacional,* 1912. p. 103.

[86] Ibidem.

[87] Meneses, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. *In:* Vidal, Diana, Figueiredo, Betânia Gonçalves de Figueireso. *Museus:* dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. São Paulo: Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Brasília, DP: Cnpq, 2005, pp.15-75.

Por fim, construtores da identidade nacional, os museus brasileiros, em particular, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, contribuíram para promover a ideia de sociedade civilizada, predizendo a evolução da natureza com base nas leis fundamentais da biologia.[88]

Os museus sociais contribuiram para estender as possibilidades de escolarização da população brasileira, permitindo maior acessibilidade do público em geral ao produto de suas pesquisas científicas, conformando a comunidade científica pelo interesse, cada vez maior, em obter a centralização do poder social e do prestígio adquiridos através das viagens de exploração científica e das publicações de catálogos classificatórios de nossa fauna, flora e tipos humanos.

Sob essa ótica de Roquette-Pinto, a conversão do Museu Nacional em museu social, histórico, significou fazer da ciência uma espécie de garantia de progresso, do coroamento da missão científica e civilizadora que vai tornar os museus verdadeiros templos de exaltação da nação e da identidade nacional.

Do enciclopedismo metódico da primeira metade do século XIX, os museus metropolitanos tornaram-se redes de sociabilidades, no sentido de colocarem suas coleções, seus catálogos e suas investigações científicas que construíram tipologias de comparação dos museus entre si, em seus processos de cooperação, como também de disputas políticas por hegemonia científica. Museus que articularam em torno de si, ciência e educação, buscando transformar, com a produção sistematizada do conhecimento, a instrução do mundo.

Contudo, o papel educativo dos museus metropolitanos permitira construir um modelo museal que consolidou não somente a investigação científica em ciências naturais, mas também ampliou a participação das populações letradas e iletradas, possibilitando a confrontação direta do público com os objetos musealizados. E, nesse sentido, cumpriu uma função social na pesquisa e na educa-

---

[88] Lopes, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica:* os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p. 325.

ção laica e popular, combinando as funções científicas e educativas, assemelhando o museu a um organismo vivente. Fazia-se nascer um museu da história nacional e também um museu de etnografia.[89]

A tendência cada vez mais sentida da escolarização tornou-se um viés pelo qual o Museu Nacional do Rio de Janeiro foi, progressivamente, se constituindo como uma instituição de pesquisa e de ensino. A partir do início da década de 1920, passou a englobar o ensino elementar e a divulgação científica para o público leigo. O regulamento do Museu Nacional do ano de 1916 continha um capítulo destinado ao ensino que deveria se instituir por meio das coleções científicas, das conferências públicas, dos cursos de especialização realizados em diferentes laboratórios da instituição. A ideia era contribuir para a formação dos cientistas sociais brasileiros.

Neste aspecto, a produção científica da antropologia-educacional de Roquette-Pinto apontava para a musealização da educação como ato e ritual para celebrar a nação, monumentalizando e homogeneizando os diferentes e os diversos aspectos da cultural material dos índios, negros e mestiços, no sentido de produzir uma ideia da identidade nacional associada à campanha por uma nova civilização a exigir uma visão intelectual positiva da raça, da etnia e da cultura.

Por esse viés interpretativo do estado-nação brasileiro, a antropologia educacional estabeleceu como ponto de chegada de suas inflexões a formulação de uma teoria social direcionada a produzir uma crítica à acepção pessimista de povo e de nação herdeira das teorias racistas da Europa dos fins do século XIX que se forjaram no determinismo geográfico e no darwinismo social. Remando contra a maré do pensamento racista da época, defendido por autores como Conde de Gobineau, Casal Agassiz, Chamberlai, Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, João Baptista de Lacerda, Oliveira Vianna, Nina Rodrigues, entre outros.

---

[89] Meneses, Ulpiano T. Bezerra de. *Do teatro da memória ao laboratório da História:* a exposição museológica eo conhecimento histórico. op.cit. pp.15-73.

A partir de 1926 quando assumiu a direção do Museu Nacional, Roquette-Pinto abriu o museu à visitação pública. Confeccionou uma programação visual que se realizava tanto na perspectiva de preparar e organizar coleções para as exposições, como também no estabelecimento de novos vínculos imagéticos com a população, a exemplo da fabricação de filmes educativos e diapositivos capazes de ensinar aos que não sabiam ler, mediante a oferta de cursos públicos mantidos anualmente, bem como realização de conferências ilustradas por meio de filmes e demonstrações práticas.[90] Este projeto de formação de auditório contemplou um público visitante de cerca de mais de quatrocentas pessoas que percorriam, diariamente, visitando salas de exibições, de exposições, participando de cursos oferecidos pelos professores Alberto Sampaio, Betim Paes Leme, Bastos D´Avila, Mello Leitão, entre outros. As aulas sobre história natural eram as mais práticas possíveis para que os alunos pudessem assimilar o conteúdo. Para cada curso proposto havia, em média, duzentos alunos inscritos.[91]

Consolidaram-se, nesse período, além do Museu Nacional do Rio de Janeiro, fundado em 1818, o Museu Emílio Goeldi, de Belém do Pará, criado em 1866 e o Museu do Ipiranga, de São Paulo, de 1893. A formação dos museus de ciência no Brasil estabeleceu diferentes perspectivas em relação à educação e à difusão da ciência, a partir da promoção do progresso como ideal evolutivo da sociedade. Criou-se uma pedagogia do progresso através da organização de exposições temáticas e da realização de pesquisas de campo.

A necessidade cada vez mais sentida da escolarização tornou-se um viés pelo qual o Museu Nacional do Rio de Janeiro foi,

---

[90] Rangel, Jorge A. S. *A musealização da educação na antropologia de Edgard Roquette-Pinto no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1905-1936)*. São Paulo: USP, 2007. (Tese de Doutorado)

[91] Roquette-Pinto, Paulo. *O museu e o ensino da história natural*. (Palestra realizada em 28 de abril de 1933, no curso regional da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres). Arquivo do Museu Nacional, 1933, pp. 26-27.

progressivamente, se constituindo como uma instituição de ensino. A partir do início da década de 1920, passou a englobar o ensino elementar e a divulgação científica para o público leigo.

Na gestão de Bruno Lobo, retomou-se a publicação dos "Arquivos," que tinha sido suspensa por cerca de um ano. As seções de etnografia e de zoologia receberam doação de coleções da Comissão Rondon, enquanto a Biblioteca do Museu Nacional adquiriu numerosos volumes da extinta Inspetoria de Pesca. Em 1923, substituindo o professor Bruno Lobo, assumiu a direção do Museu Nacional, o médico bacteriologista de Manguinhos, Arthur Neiva, especialista em doenças tropicais, que permaneceu no cargo até 28 de setembro de 1926. Durante sua gestão, Neiva publicou o *Boletim do Museu Nacional* que trazia um repertório suscinto de tudo o que se tinha produzido pelo museu até aquela data.

Considerando-se um peixe *fora da água*, Neiva desistiu de permanecer no cargo de diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro que exigia dedicação exclusiva às tarefas administrativas, pois fazia constantes viagens à frente das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz[92] pelo interior do país. Foi substituído pelo seu vice-diretor, Roquette-Pinto que tomou posse, em caráter definitivo, em 11 de outubro de 1927.

Segundo o antropólogo Castro Faria, no período em que Roquette-Pinto dirigiu o Museu Nacional, realizou algumas obras de inegável significado. Uma delas, de 1932, foi a publicação do periódico *Revista Nacional de Educação* que circulou por dois anos.

> Em 1927-28 conseguiu remodelar uma grande parte do edifício e melhorar consideravelmente a apresentação das coleções etnográficas, não somente indígenas, mas também regionais, ou de Etnografia Sertaneja, de acordo com sua denominação de conceito. Foram igualmente iniciativas suas a criação de uma nova seção, dedicada exclusi-

[92] Ver Benchimol, Jaime; Albuquerque, Marli et alli. *A ciência a caminho da roça:* imagens das expedições do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 1991.

vamente à Assistência ao Ensino e a publicação da *Revista Nacional de Educação* (1932-1934), belo e malogrado esforço no sentido da "vulgarização de ciências, letras e artes".[93]

Dirigida por Roquette-Pinto, a *Revista Nacional de Educação* que se deu sob os incentivos do Ministério de Educação e Saúde Pública do Vargas, com expressiva tiragem, cerca de doze mil exemplares, mas circulando em um período curto de tempo, procurava veicular conteúdo diverso das áreas de conhecimentos das ciências, da história e das artes, voltado a informar, sobretudo, a realidade de regiões distantes do Brasil.

Pesquisador familiarizado com o trabalho em laboratório e com os usos de instrumentos de análise médico-antropológica, Roquette-Pinto nutria especial interesse pelas atividades de divulgação da pesquisa científica, comprazendo-se com circularidade de seus resultados. Intelectual polivalente, com formação nas ciências naturais desde moço, aproximou-se das ciências sociais. Estudioso da biologia, da zoologia, tornou-se *médico-mais-do que-médico*.[94]

Em sua direção no Museu Nacional efetuaram, em 1927, a remodelação do edifício, tendo sido construídos mais três andares, incluindo a biblioteca. Foi instalada também uma sala de conferências que seria "a mais bem aparelhada para o ensino de história natural.[95] Reformou-se os antigos laboratórios de mineralogia que passaram a pertencer à seção de ensino. Remodelou-se, completamente, o Horto Botânico. As oficinas de desenho, modelagem, fotomicrografia, tipografia, mecânica, eletricidade, encadernação, carpintaria e pintura foram instaladas nas novas dependências.[96]

O decreto de 27 de março de 1931 expediu novo regulamento ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, alargando o campo de

[93] Castro Faria, Luiz. *Antropologia: escritos exumados. Espaços circunscritos. Tempos soltos*. Niterói: Editora Eduff, 1998, pp. 161-162.

[94] Corrêa, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: Edusf, 1998. p. 34.

[95] Roquette-Pinto, Paulo. *O museu e o ensino da história natural*. Op.cit., p. 20.

[96] Ibidem.

abrangência de atividades de pesquisa e reconfigurando o museu como uma instituição científica autônoma e administrativamente dependente do Ministério da Educação e Saúde Pública, sendo constituída de nove divisões técnicas agrupadas em cinco seções. A primeira seção obrigava as divisões de mineralogia e geologia e de estratigrafia e paleontologia, ambas, coordenadas pelo professor Betim Paes Leme; a segunda seção era dedicada à botânica, sob a coordenação do professor Alberto Sampaio; a terceira seção abrangia a zoologia, invertebrados e vertebrados, sob a coordenação do professor Miranda Ribeiro; a quarta compreendia as áreas de antropologia e etnografia; a quinta e última seção abrigava somente a área da história natural (função de assistência ao ensino, sob o comando de Roquette-Pinto).

As quatro primeiras seções tinham como atribuição a realização de estudos, investigação e trabalhos que correspondessem às suas especificidades de conhecimento, procedendo à coleta, ao estudo e à classificação científica do material colhido, tendo em vista a organização de catálogos e guias de exposição. A quinta seção que foi criada por ele tendo por finalidade cuidar das coleções didáticas de história natural. Esta seção, na concepção de Roquette-Pinto, intermediaria as demais seções e suas produções científicas direcionadas ao atendimento do público.

Segundo a descrição de Paulo Roquette-Pinto, o Museu Nacional do Rio de Janeiro seria o maior auxiliador e animador do estudo da natureza brasileira.

> Pelas suas coleções expostas ao público e pelas coleções de estudos. É um bom método de ensino. As coleções para o exame comparativo dos indivíduos típicos e característicos de cada um dos 3 reinos da natureza são indispensáveis para o estudo da história natural. Não basta somente a descrição de um animal, de um vegetal ou de uma rocha. É necessário mostrar. Vendo é que se aprende. Um homem só pela descrição de sua fisionomia, dificilmente será reconhecido. Não é mais útil mostrar uma abelha sem nada dizer a seu respeito, do que descrever este inseto em todas as suas minúcias sem entretanto

apresentá-lo pessoalmente ao aluno? Antigamente o museu era franqueado a certas pessoas 3 vezes por semana, e assim mesmo durante algumas horas. Hoje todos podem e devem visitar o museu tomando conhecimento de seus trabalhos. Exceto à noite, o museu não fecha suas portas durante todo o ano. Cerca de 400 pessoas percorrem diariamente as suas coleções, o que já é um número bem apreciável se levarmos em conta o local de via de acesso não muito fácil.[97]

Providenciou Roquette-Pinto para que os cursos públicos não sofressem interrupções ao longo do ano. Transformou todas as conferências realizadas pelo grupo de cientistas Alberto Sampaio, A. Betim Paes Leme, Bastos D'Ávila, Mello Leitão, entre outros, em filmes e dispositivos. Didaticamente, as aulas proferidas poderiam ser, ao mesmo tempo, faladas e mostradas ao público interessado. Cerca de duzentos alunos de escolas secundárias do Rio de Janeiro foram inscritos em diferentes cursos, sendo utilizados 832 diapositivos, setenta filmes e realizadas sessenta experiências pedagógicas de aula. Toda a responsabilidade das aulas e das conferências ficou a cargo da quinta seção do museu sob o comando de Edgard Roquette-Pinto.

Segundo Paulo Roquette-Pinto, o diretor do Museu Nacional produziu "a melhor filmoteca do Brasil", com filmes nacionais de altíssima qualidade. Enfatizaria que estes filmes nada deveriam aos melhores filmes estrangeiros.

> Foram feitos a título de experiência 3 filmes, sendo um falado que daqui a pouco veremos e os outros dois silenciosos. Atualmente o museu possui 327 filmes e 4.341 diapositivos. Os diapositivos fabricados no museu são fornecidos a quem os desejar pela importância de 2$000 cada um, pagos em estampilhas. Já é bem grande a nossa coleção de diapositivos para o ensino, não só das ciências em geral. No ano passado o museu forneceu aos diversos colégios e estabelecimentos de ensino cerca de 200 diapositivos e até hoje já saíram perto de 1000.[98]

[97] Ibidem, pp. 26-27.

[98] Ibidem, p. 29.

Em sua gestão no Museu Nacional, Roquette-Pinto converteu os resultados da pesquisa antropológica e etnográfica em ações de musealização da educação através de iniciativas administrativas e científicas. Esse procedimento possibilitou oxigenar a relação entre ciência e política, reconstruindo novas práticas. Exemplo disto foi a criação do Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural que se estruturou no sentido de exercer a função de incentivar a criação de pequenos museus de ciências e de história natural em escolas do Rio de Janeiro.

Para expandir suas funções, o serviço organizou um laboratório equipado com projetor de slides, alto-falante, microfone e filmes para a realização de conferências, cursos e palestras.[99] Os museus escolares eram criados no espaço escolar a partir de doações de coleções que envolviam diversos ramos do conhecimento científico. Eram coleções de exemplares zoológicos, biológicos, mineralógicos, antropológicos pertencentes aos acervos do Museu Nacional, mas também procedentes da herança de colecionadores particulares, professores e alunos. No projeto de incentivo aos museus escolares contou com a colaboração da feminista Berta Lutz, zoóloga do Museu Nacional. Em 1920, inaugurou a cadeira de Fisiologia Experimental da Faculdade de Medicina da Universidade de Assunção, no Paraguai. Foi também professor visitante dessa universidade, publicando, na ocasião, *Conceito Actual da Vida*.

A imaginação museal de Roquette-Pinto afinava-se com as perspectivas assinaladas pelo grupo dos "Pioneiros da Escola Nova" na recém-criada Associação Brasileira de Educação (ABE), congregando os pressupostos da entidade em relação à defesa da instrução pública secular e à ideia de reconstrução nacional. Em seu discurso, a "obra coletiva" da nacionalidade estava a exigir a

---

[99] Roquette-Pinto, E. Notas e Opiniões, *Jornal do Brasil*, 07/02/1953 *Apud* Lima, Nísia Trindade; Sá, Dominichi Miranda de. Roquette-Pinto: ciência e humanismo no Brasil do século XX. *In: Anais do XXIII Simpósio Nacional de História da Anpuh, Londrina, 2005*.

constituição de uma forma cívica que fosse capaz de moldar as diferenças, homogeneizar a cultura e nacionalizá-la, filtrando antagonismos e ocultando contradições sociais.

Por esse viés, a Associação Brasileira de Educação (ABE) através das atividades de ensino e extensão de suas seções vai fomentar a realização de diversos cursos de aperfeiçoamento e de conferências, incentivando a criação de bibliotecas especializadas, museus escolares e atividades de educação artística. Com isto, buscava-se discutir pedagogicamente os problemas educativos relacionados com temas que se entrecruzavam e exigiam a experimentação de dispositivos destinados à aprendizagem do professorado na aquisição de conhecimentos que não estariam nos livros.

Roquette-Pinto vai participar dos eventos organizados pela Associação Brasileira de Educação, proferindo palestras, ministrando cursos e atuando em comissões. Em 1926, a convite do professor Ferdinando Labouriau, Roquette-Pinto deu início à série de cursos, ministrando o segundo curso de antropologia realizado no Brasil. Seu curso foi fartamente municiado com documentação, com gráficos, projeções, dados brasileiros e nove lições magistrais. Na sequência foram organizados os cursos dos professores Amoroso Costa, Tobias Moscoso, Maurício Joppert e Dr. Sampaio Corrêa que falaram, respectivamente, acerca das ideias fundamentais da matemática, das teorias do crescimento da população, do estudo teórico e prático das bombas centrífugas e das possibilidades econômicas da aviação no Brasil.[100]

No ano seguinte, participou também de uma rodada de conferências, organizadas e coordenadas pela ABE, proferindo palestra sob o tema "A função educadora dos museus", numa lista bem diversificada de autores quanto à posição no campo intelectual de então.

---

[100] *Boletim da Associação Brasileira de Educação,* n.12, agosto de 1928. pp. 4-30.

O boletim da instituição forneceu uma relação de autores e temas relativos à apresentação das palestras e dos cursos ministrados do ano de 1926.

> Tristão de Atayde – O Problema Social e a Distribuição; Padben Drenpol – A arte do Homem Primitivo; Alberto Childe – O Mediterrâneo Oriental; Paulo Castro Maya – A Evolução da Ideia de Democracia; Heloisa Alberto Torres – As Migrações na América; Amoroso Costa – A Estrutura e Evolução do Mundo Sideral; Foram estes os cursos de 1927: Álvaro Osório de Almeida – Metabolismo (8 lições); Eusébio de Oliveira – Geologia do Petróleo (6 lições); Ferdinando Labouriau – A Siderurgia (8 lições); Everardo Backheuser – Geopolítica do Brasil (4 lições); Dulcídio Pereira – A Physica e a vida Moderna; Amoroso Costa – As geometrias não Euclideanas; Alio de Lemos – As Marés e os phenômenos correlato; Ignácio Amaral – A indeterminação em Mathemática (3 lições); Fernando Magalhães – Princípios de Philosofia médica; Miguel Osório de Almeida – Regulação Nervosa da Respiração (4 lições).[101]

Em 1928, o programa de cursos e conferências da Associação Brasileira de Educação (ABE) previa a continuação dos eventos dos anos anteriores, contando, entre outros, com a presença Gustavo Barroso para ministrar cursos. O diretor do Museu Histórico Nacional, membro da Academia Brasileira de Letras, discursou sobre o *Folk Lore*, realizando duas conferências. O general Moreira Guimarães, membro da Sociedade de Geografia, proferiu quatro palestras sobre "A Moral Científica"; Mário de Brito, da Escola Politécnica e membro da Academia Brasileira de Ciências, versou sobre "As Modernas Theorias da Chímica", em quatro conferências; Ferdinando Labouriau, da Escola Politécnica e da Academia de Ciência, falou sobre "Camille e Lucile Desucoulius"; André Dreyfus, da Faculdade de Medicina de São Paulo, debateu questões relacionadas à hereditariedade, realizando, ao todo, nove conferências.[102]

---

[101] Ibidem, p. 4.

[102] Ibidem. p. 19.

Segundo o *Boletim da Associação Brasileira de Educação,* no primeiro semestre do ano de 1928 foram proferidas conferências que contaram com intelectuais de prestígio como Miguel Osório de Almeida, do Instituto Oswaldo Cruz e da Escola Superior de Agricultura, discutindo o tema "O optimismo de Metchnikoff"; Eusébio de Oliveira, da Academia de Ciências e diretor do Serviço Geológico, analisou a questão "O que faz o Serviço Geológico"; Amaury de Medeiros, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro falou sobre "A physionomia e a alma das árvores"; Othon H. Leonardes, da Escola Politécnica, proferiu a palestra "As pedras preciosas, lendas e contos brasileiros".

No segundo semestre de 1928, mais precisamente nos meses de agosto a outubro, foram organizados cursos ministrados por Luiz Betim Paes Leme sobre a "Filosofia de Bérgson", em três conferências; Nereu Sampaio, da Escola de Belas Artes e do Instituto de Arquitetos, sobre "Architetura no Brasil", contando em quatro conferências, além de outros.

Os cursos, nesse período, foram realizados por Vicente Licínio Cardoso, da Escola Politécnica, sobre "A margem da História do Brasil"; Padbey Drenkpol, do Museu Nacional, sobre "A idade do gênero humano"; Jeronymo Monteiro Filho, da Escola Politécnica e da E. F. Central do Brasil, sobre "Alguns aspectos dos meios de comunicação no Brasil"; Rui de Lima e Silva, da Escola Politécnica e da Academia de Ciências, sobre "As águas de Poços de Caldas". Acompanhando estes intelectuais, Roquette-Pinto ministraria conferência sobre "Os fatores anthropogeográphicos do Brasil".

Ainda em 1928, Roquette-Pinto comporia a Comissão Central do Inquérito sobre o Problema Universitário, criada pela "Secção de Ensino Technico e Superior da Associação Brasileira de Educação", pelos professores Domingos Cunha, Ferdinando Labouriau, Levi Carneiro, Raul Leitão da Cunha e Vicente Licínio Cardoso.

Os estudos realizados pela comissão tinham por objetivo discutir o problema da universidade brasileira, apontando para a compreensão do seu papel social enquanto "usinas mentais", capazes de organizar a democracia, preparando as "classes condutoras e orientadoras dos destinos da nacionalidade".

> Essa Comissão obteve apoio, para ampla divulgação do inquérito da ABE, d'*O jornal* e d'*O Jornal do Comércio,* no Rio de Janeiro, e d'*O Estado de São Paulo,* na capital paulista. Dois membros da Comissão estiveram em São Paulo, Bahia e Minas. O apoio desses centros está perfeitamente assegurado. Em São Paulo terá o inquérito o apoio direto de Julio de Mesquita Filho; em Belo Horizonte, o de Mendes Pimentel; na Bahia, Bernardino de Souza. São nomes que dispensam referências. Os temas principais, em número de sete, foram abordados pelos membros da Comissão: em conjunto, representam a síntese das ideias que vão ser agitadas em torno do magno problema da "Universidade Brasileira". Além das teses principais, cuja exposição foi impressa em dois fascículos poderão ser focalizados todos os temas referentes ao assunto. As respostas virão de todos aqueles que comungarem honestamente nos mesmos ideais de espiritualidade. O inquérito é amplo e livre. Deporão nele, além de representantes do magistério oficial, os do ensino livre, pois não há como negar a existência benéfica desses órgãos de ensino no país.[103]

A comissão promoveu um selo especial de 50$000 em dinheiro, que seria aplicado a cada resposta que serviria para a edição, posterior, de um livro, tendo em vista a publicação da efemeridade em jornais. Os temas relatados pelos seus membros da comissão eram os seguintes: Ferdinando Labouriau e Vicente de Carvalho da Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro: "O problema universitário brasileiro e criação de focos de brasilidade"; Raul Leitão da Cunha, da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, "A crise atual do ensino no Brasil – seus fatores e seus aspectos"; Levi Carneiro, do Instituto dos Advogados, "Oportunidade da cooperação

---

[103] Ibidem, p. 20.

estadual na organização universitária"; Domingos Cunha, da Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro, "A situação financeira do professorado universitário"; Ignácio M. Azevedo Amaral, da Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro e da Escola Naval, "O professor e o aluno". Nesta comissão, Roquette-Pinto ficou responsável pelo tema "Organização universitária".

O projeto da ABE fazia uma conexão entre as mudanças educacionais e as transformações sociais em curso na sociedade, postulando a educação como um direito de todos, mas, sobretudo, alargando a dimensão do dever do cidadão com o cumprimento exigido pelo padrão civilizatório do liberalismo. Padrão comprometido com os modelos de sociedades desenvolvidas no mundo capitalista ocidental, fornecedoras das imagens de um futuro que precisaria ser construído.

Segundo Marta Carvalho, isto fez com que o "padrão de civilidade" pretendido fosse estendido, de forma impositiva a todos.

> A subsunção autoritária da educação como direito à educação como dever no sentido aludido exibe-se com nitidez no movimento educacional desencadeado pela ABE nos anos 20. Pode-se mesmo sustentar que nele a ambiguidade e o dilema acima apontados (se é que persistem) foram especialmente marcados pela ênfase na educação como dever, como realização da nacionalidade. Neste projeto, a generalização da educação primária fica condicionada à qualidade do ensino ministrado (sua subordinação ao que era entendido como formação cívica). A ampliação das oportunidades de acesso à escola secundária e superior fica atada ao interesse de manter o que era proposto como "hierarquia das capacidades" e a uma postulada necessidade de direção social do "povo" por uma "elite" com vistas à formação da "nação".[104]

A articulação de Roquette-Pinto com a Associação Brasileira de Educação, fundada em 1924, evidencia o desenho de um pro-

---

[104] Carvalho, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e forma cívica:* higiene e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). São Paulo: USP, 1986, pp. 20-21. (Tese de Doutorado)

jeto nacional de educação que se utilizava da ritualização da palavra, qualificando e fixando papéis para os sujeitos que falavam. Distribuição e apropriação do discurso educacional com seus poderes e saberes instituídos e instituintes.

Gozavando de prestígio acadêmico e intelectual do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Roquette-Pinto era considerado renomado pesquisador dos tipos humanos da formação social brasileira. Sua presença na ABE pontuava a conexão de trânsito das mais variadas interpretações feitas pelas correntes e doutrinas pedagógicas, sob o manto protetor da missão dos intelectuais como organizadores da cultura, reformadores sociais, salvadores do Brasil.[105]

O projeto particular de sociedade apresentado pelas diferentes forças antagônicas no debate educacional promovido pela Associação Brasileira de Educação, na década de 1920, segundo Carvalho, condensava as expectativas de modernização e de controle social concentradas no poder de influência pedagógica que a educação poderia exercer.

> Designando um conjunto de dispositivos de distribuição, integração, dinamização, disciplinarização e hierarquização das populações. A fórmula podia designar o funcionamento proposto para o sistema escolar na hierarquização dos papéis sociais formando "elites diretoras" e "povo" dirigido; podia estar referida a uma política de distribuição "racional" da população entre campo e cidade, fazendo da Escola Regional um instrumento de contenção do processo migratório para os centros urbanos; ou finalmente, podia designar um conjunto de dispositivos escolares e para-escolares de disciplinarização das populações. Na confluência dessas acepções, designava dispositivos de integração da população num "corpo social", constituindo "a nação".[106]

---

[105] Bomeny, Helena. *Os intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 41.

[106] Carvalho, Marta Maria Chagas de. O território do consenso e a demarcação do perigo: política e memória do debate educacional nos anos 30. In: Freitas, Marcos Cezar (org) et al.. *Memória intelectual da educação brasileira*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco/Edusf, 1999. p. 22.

Figurando na relação de intelectuais ligados a esta Associação que assinariam o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, redigido pelo educador Fernando de Azevedo, Roquette-Pinto nem sempre teve posições afinadas com esse grupo. Em 1928, Roquette-Pinto integrou a Comissão de Inquérito sobre o Ensino Universitário com Ferdinando Labouriau, Vicente Licínio Cardozo, Raul Leitão da Cunha, Inácio Azevedo do Amaral e Domingos Cunha. Posicionou-se criticamente em torno da concepção do modelo universitário único.

> Seu argumento era o de que importava ser realista e aproveitar as instituições já existentes sem prejuízo do trabalho que já vinham realizando. Isto fazia com que, necessariamente, na dependência da existência ou não de instituições aproveitáveis dos diversos estados da Federação, os tipos de universidade deveriam variar (...). Roquette-Pinto esclarecia que a sua proposta não significava que instituições como o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, ou o Instituto Butantã, em São Paulo, "essencialmente consagrados à pesquisa científica, superior", devessem, quando chamados a fazer parte do complexo universitário, "prejudicar a sua elevada finalidade transformando-se em simples escolas das chamadas superiores do tipo corrente".[107]

Nesse contexto, o Museu Nacional do Rio de Janeiro constituía-se como centro de pesquisas e depositário da história e da memória de uma nação marcada pelo cotidiano de miséria, de ignorância e de doenças. Roquette-Pinto recusou o argumento construído pelas teorias racistas europeias de que a inferioridade biológica da população mestiça seria uma dificuldade ao desenvolvimento econômico, cultural e político do país, como também um obstáculo intransponível à construção da nacionalidade.

Conhecer os mistérios de encantamento do Brasil e os mistérios da Floresta Amazônica era se apossar do legado histórico.

---

[107] Carvalho, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e forma cívica:* higiene e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). São Paulo: USP, 1986, p. 200. (Tese de Doutorado)

> No passado o papel histórico da nossa terra, papel que lhe conferiu características inconfundíveis, foi ter servido de "meio" no qual se deu o encontro dos elementos fundamentais da espécie, embora efetuando através de maus processos; e no futuro parece que lhe está reservada ainda melhor sorte, qual a de promover o conhecimento mútuo e, portanto, a suspirada concórdia, entre os que vêm das diversas pátrias buscar a vida e a prosperidade debaixo do seu puro céu. Para isso é preciso que se não esboroe a construção inteiriça que nos legaram os nossos antepassados. E nós o conseguiremos, conservando com carinho os nossos monumentos, por simples e humildes que eles sejam, como no seio das famílias se conservam os retratos da sua gente velha e venerada. Destruí-los, sob pretexto de progresso, impiedosamente, não é trabalhar pelo nosso bem; o progresso nunca foi incompatível com a veneração justa e digna que não é absolutamente fetichismo.[108]

Com o título de "O segredo dos uiáras", Roquette-Pinto fez seu discurso de recepção no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1913. Mais tarde este trabalho seria publicado, no ano de 1927, no livro *Seixos rolados*. O discurso descrevia diversos aspectos dos tipos antropológicos encontrados na excursão da Comissão Rondon a Serra do Norte que atravessou os rios Juruena e o Madeira na zona do extremo noroeste do Mato Grosso. Eram duas "mesopotâmias" que iam do rio Xingu, desaguando no rio Araguaia. Pontuava também a necessidade de se refazer a cartografia do Brasil para que a mesma fosse capaz de orientar os naturalistas e cientistas interessados nos encantamentos da Floresta Amazônica. Objeto de estudo haveria de ser o sertanejo seringueiro, aquele que rasgava a floresta, perdendo-se no meio dos índios, "sulcando com os seus trilhos novas regiões".[109]

Segundo Roquette-Pinto, o sertanejo seringueiro era aquele que construía os povoamentos pelo seu apreço à terra; o "matuto" como era chamado, um desbravador de terras, descobridor de rios e cachoeiras.

---

[108] Ibidem, pp. 99-100.

[109] Roquette-Pinto, E. *Rondônia*. Op.cit, pp. 81-103.

> Surge no meio da mata "feitoria", que é só um rancho mal aprumado, à beira de um arroio. No ano seguinte, pela nova safra, volta, leva a mulher e às vezes mais um casal amigo; surge a povoação que será batizada ao capricho de um incidente qualquer daquelas vidas.[110]

Dizia ele que Alberto Rangel teria demonstrado no texto *Foi o que eu vi*, de um modo muito pessoal e interessante em sua conferência intitulada *Sertões* que as cartas do Brasil não conseguiam, fiéis que eram aos moldes primitivos, visualizar a Floresta Amazônica depois do surgimento da borracha. Fazia-se urgente sua reformulação. Para tanto, exigia-se um esforço de nacionalização "de todos os brasileiros" fazendo com que a "alma coletiva do Brasil" constituísse uma amálgama, o cimento das tradições, capaz de unir costumes diversos e línguas diferentes.

Por este contexto, a antropologia etnográfica de Roquette-Pinto mostrou-se interessada em compreender, sob o olhar científico, como se constituía "O segredo dos uiáras". Menos idealização do Brasil e mais conhecimento de suas entranhas.

> A antropologia não se limita mais a medir crânios e a calcular índices discutíveis, na esperança de poder separar as "raças superiores" das "raças inferiores". Hoje a doutrina da igualdade vai ganhando terreno; "superiores" e "inferiores" são agora "adiantadas" e "atrasadas". As últimas lucraram com a mudança, pois que ficou, assim, reconhecido o seu direito á existência que a ciência bastarda andou procurando contestar. E a antropologia, desanimando de encontrar a verdade naquele mau caminho enveredou noutros atalhos mais felizes e agora, de maneira muito mais promissora, procura, entre outras coisas, verificar como as raças se transformam pela migração, pelo cruzamento e por outras influências. O "sertanejo" deveria ter sido chamado para ligar esses grupos de que falei, promovendo o equilíbrio; no futuro seria o mediador salutar. Mesmo absorvido, se o fosse, levaria as características melhores do seu tipo; por meio dele far-se-ia a conservação do espírito nacional por toda parte. Andam longe da verdade os que pensam que ele menos porque tem na pele a marca

[110] Ibidem, p. 85.

do sol do Brasil. Reconhecendo embora que o sertanejo é um forte e um bravo, Euclides da Cunha chamou-o "o homem mais inútil de nossa terra".[111]

O objeto dessa investigação era um ambicioso programa de trabalho que compreendia o estudo sistemático das condições geológicas, topográficas, meteorológicas, hidrográficas das regiões longínquas do Brasil. Do ponto de vista da ciência médica e antropológica, a descrição das geografias física e humana, da zoologia, da botânica, da geologia e das condições sanitárias das regiões ignotas, visando intervir nos espaços sociais do sertão brasileiro.

A construção discursiva de Roquette-Pinto diz respeito à ideia de virgindade do Brasil e de seu posterior defloramento pela ciência médica e antropológica. Ciência que exigia, por um lado, o desbravamento moral e intelectual do país através do mapeamento das potencialidades naturais e humanas e, por outro, a "organização nacional" como já havido assinalado Alberto Torres. Uma "obra de educação" a ser colocada em prática.

> É preciso, pois, meus amigos, ensinar o nosso povo, primeiro, a produzir riquezas para sair da miséria e comprar as balas que precisar, ou aprender a torneá-las pelas próprias mãos, quando a fatalidade assim o exigir – se é verdade que necessitamos de armas, como dizem alguns. Aumento de produção, defesa nacional. Tudo isso, sem educação? É claro que nem todos, coitados! Poderão esperar pelo trabalho de moralização sistemática, que a educação trará no fim de alguns anos; esses estão destinados, pela triste sorte, a acabar os dias como seus progenitores. Resta, porém, a grande massa de crianças, dos adolescentes, dos jovens e até dos adultos mais prendados, que é possível salvar.[112]

Vencer o clima quente, desmontar a concepção da indolência do povo, recuperar a crença na positividade do país, "uma nação que vai dar certo" porque é dona de um passado heroico e de um

---

[111] Ibidem, pp. 90-91.

[112] Roquette-Pinto, Edgard. A história natural dos pequeninos. In: Roquette-Pinto, Edgard. *Seixos rolados:* estudos brasileiros. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & Cia, 1927. p.

futuro promissor, rastreando as patologias, as moléstias, as doenças. Por dento do sertão, resistindo às hostilidades da Floresta Amazônica, a antropologia de Roquette-Pinto insiste em procurar testar-se, avançando pelo Mato-Grosso em direção à Amazônia nos caminhos de ferro da Comissão Rondon. Para ele, o Museu Nacional do Rio de Janeiro materializava esse empenho em institucionalizar a ciência através da organização das coleções, das pesquisas nos diversos campos de conhecimento e da divulgação de suas investidas no campo intelectual.

> Quando recebi, no Museu Nacional, o primeiro material procedente dos índios da Serra do Norte, fiquei surpreso. Tudo aquilo, atestando cultura elementar, apresentava numerosos detalhes originais. As primeiras informações indicavam índios de costumes e usos diferentes de quantos haviam sido descritos naquelas paragens. Era gente estranha, envolta em lendas misteriosas. Trabalhei alguns meses, em 1910, junto a Cândido Rondon; a poesia daquelas terras remotas infiltrou-se-me (sic) no pensamento. Ouvir o mestre, era escutar a voz chamadora do sertão; sentir o rumorejo das florestas distantes. Em 1911, quando se foi, mais uma vez, para o reino encantado de coisas novas e recortado de ásperas veredas, eu segui para a Europa. A nossa vida é mesmo assim... Crescemos, uns, qual árvore indivisa, levados pela força de um destino retilíneo, como as palmeiras crescem; outros, com a vida ramificada pelos empuxos ambientes. Pretendemos. Tentamos. Retrocedemos. Afinal, caminhamos na diretriz primitivamente escolhida, quando o tempo nos concede alcançar; crescemos com as lianas.[113]

Contrário à visão museal clássica, ele concebeu o museu como um organismo vivo e dinâmico, não mero repositório de objetos. Por este viés, pensou coleções científicas como elementos pedagógicos e de conscientização pública e de circulação de informações.[114] Competia ao Museu Nacional ser não somente guardião da memória da ciência nacional, mas também responsável pelo fortalecimen-

---

[113] Roquette-Pinto, Edgard. *Rondônia*. Op.cit, p. 62.

[114] Roquette-Pinto, Edgard. Cinzas de uma Fogueira (Pelo Rádio-1923-1926). In: *Seixos rolados:* estudos brasileiros. Op.cit., p. 232.

to da identidade cultural do povo e da nação. O museu investido de capacidade criadora e enriquecedora, instruindo e educando. Reunir, catalogar e divulgar as coleções científicas pesquisadas era musealizar a educação a serviço da obra civilizatória. Com essa concepção de museu contemporâneo, identificou-se Roquette-Pinto, deslocando sua metodologia de investigação científica de cunho antropológico e etnográfico para além da objetividade do objeto exposto.

Por esse prisma, Roquette-Pinto buscou estudar os trópicos, produzindo uma nova noção identitária para o Brasil e para seu povo, a partir da acepção da educação e da instrução públicas como uma espécie de exposição permanente, uma celebração. A educação entendida como um palácio-monumento[115] da tradição e da modernidade, capaz de viabilizar a aplicabilidade da instrução pública direcionada à educação popular. Ensinar a "verdade" sobre os fatos e acontecimentos da história nacional através da organização sistematizada de suas coleções de objetos materiais.

No caso do Museu Nacional do Rio de Janeiro, tratava-se de um museu de história natural[116] composto de características antropológicas, etnográficas que abrigava diversos nichos de conhecimentos sobre botânica, mineralogia, zoologia, agricultura e arqueologia. O projeto museal de Roquette-Pinto assumiu a intenção de articular memória e história, a partir de uma museologia e de uma

---

[115] Recorro à expressão *palácio-monumento* utilizada por Cecília Helena de Salles Oliveira quando mostra não somente o projeto corporalmente edificante do Museu Paulista (do Ipiranga) que procurou, segundo a autora, sinalizar para uma leitura conciliatória que recuperasse, ao mesmo tempo, as tradições monárquicas colocando-as a serviço da República e do presente que *protagonizava uma nova energia em relação a ensinar o olho a olhar*. Ver: Oliveira, Cecília Helena de Salles de. Museu paulista: espaço de evocação do passado e reflexão sobre a história. *Anais do Museu Paulista:* história e cultura. Nova Série, v. 10-11, 2002-2003, USP, p. 113.

[116] Maria Margareth Lopes identifica o Museu Nacional do Rio de Janeiro como lugar primeiro das experiências de institucionalização das ciências naturais no Brasil que desempenhou, por um lado, as funções de repositório de objetos e, por outro, a posição de centro de investigação científica na produção de pesquisas de caráter experimental no país. Ver: Lopes, Maria Margareth. *O Brasil descobre a pesquisa científica:* os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997, pp. 334-335.

museografia que procuraram produzir um conhecimento histórico acerca dos temas considerados cruciais para se forjar a cultura nacional. Interessante, neste sentido, foi perceber que para se forjar a cultura nacional[117] tinha-se como pressuposto constituir uma ideia de unidade identitária por cima das diferenças étnicas e raciais.

Desse modo, musealizar tem uma acepção associada à de construir uma cultura identitária que definisse um padrão de sociabilidade para o emergente estado-nação republicano que, mesmo tendo como vitorioso o projeto republicano da plutocracia[118], convergia em ver criada a figura do povo-cidadão-letrado, incorporado, de forma homogênea e cristalizado, ao novo sistema social, político e econômico do país. Entender a República implicaria para os intérpretes dos trópicos menos investir na superação das anomalias da nação antítese de si próprios e muito mais em conciliar e produzir, aturdidos pela questão racial, um projeto de regeneração social, de conformação, de inclusão ordenada, estritamente vertical, dos inconformismos entre a barbárie e a civilização.

O projeto antropológico europeu do início do século XX contemplava a construção de uma lógica das classificações que tinham a ver com a dinâmica das conquistas colonialistas, articulando-se com o mito do branqueamento e da democracia racial.

[117] Segundo Alfredo Bosi, estamos acostumados a falar da cultura brasileira no singular. O que isto quer dizer? Primeiro, é como se existisse uma unidade prévia que tivesse a capacidade de amalgamar todas as diferenças existentes, materiais e espirituais, do povo brasileiro. Bosi reafirma que essa unidade não pode ser realizada numa sociedade de classes, cindida e conflituosa. Ver: Bosi, Alfredo. Cultura Brasileira. In: Mendes, Durmeval Trigueiro. *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, pp. 141-142.

[118] Segundo José Murilo de Carvalho o projeto republicano vencedor foi o da rigidez do sistema republicano na resistência em possibilitar a ampliação da cidadania, atendo-se estritamente ao conceito liberal de cidadania. Neste aspecto, a República nascente tratou de impor todos os obstáculos possíveis à democratização, favorecendo a exclusão do envolvimento popular e consolidando a vitória da ideologia pré-democrática, darwinista, reforçadora do poder oligárquico. Ver: Carvalho, José Murilo de. *Os bestializados:* o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. pp. 56-161.

No caso brasileiro, falar em cor ou raça significa também falar em desigualdade econômica, social, biológica e cultural.[119]

Roquette-Pinto incorporou as ideias de progresso e de civilização às de desenvolvimento evolutivo da sociedade. Para atingir o grau supremo da civilização era necessário investir na educação como instrumento de conformação e molde social.

> Os povos primitivos têm sua cultura, embora não tenham, em geral, civilização. No Brasil, por exemplo, para os índios pode se falar em cultura Nu-Aruak – (cerâmica, tecidos...), cultura Tupi-Guarani (navegação, agricultura etc.) Mas não se pode falar em civilização Tupi ou Aruak. Certos etnógrafos de autoridade falaram em civilização material; eles queriam dizer: cultura. Civilização material - é conceito inexpressivo. Só há civilização quando surge certa unidade espiritual, ou cerebral, em que há tendência para o equilíbrio entre o sentir, o pensar e o agir. A cultura quase que só depende da inteligência e dos músculos; a civilização exige o desenvolvimento moral que a outra pode dispensar... Por tudo isso não há exagero em dizer que a humanidade toda ainda está muito longe do grau supremo de civilização. Os mais adiantados – são apenas muito cultos.[120]

Desse modo, as coleções específicas organizadas pelos museus desempenhariam importante função pedagógica, no sentido de permitir o estabelecimento do domínio multifacetado de objetos colocados à exposição para o público. Estes objetos passariam a serem reinvestidos, simbolicamente e fetichistamente de novos significados de interpretação da história da nação, reinventando novas trocas de conhecimentos, experiências e colaborações as mais diversas através de projetos e instituições.

A concepção de museu pedagógico subvertia, assim, a lógica cientificista dos museus de história natural da época, rearranjando,

---

[119] Maggie, Yvonne. "Aqueles a quem foi negada a cor do dia": as categorias cor e raça na cultura brasileira. *In:* Maio, Marcos Chor, Santos, Ricardo Ventura. (orgs). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996. p. 225.

[120] Ribas, João Baptista Cintra. *O Brasil é dos brasilianos:* medicina, antropologia e educação na figura de Roquette-Pinto. Campinas: Unicamp, 1992, p. 124. (Dissertação de Mestrado)

reanimando e definindo os museus como instituições pedagógicas que não deveriam ser compreendidas como simples depósitos de objetos mais ou menos arrumados, expostos sem sintonia e sem sentido que os pudesse unir. O museu educativo seria, antes de tudo, um centro de informações de toda a espécie de assuntos, propulsor do desenvolvimento e do aperfeiçoamento das ciências e métodos da educação.[121]

Contudo, o processo de transformação do Museu Nacional do Rio de Janeiro em Museu Educativo acompanhou a tendência modernizadora do cosmopolitismo da Corte e depois da Capital da República que procurava construir um imaginário social que, de alguma forma, reconstruísse a imagem e representação do Brasil como país tropical, indígena e exótico no exterior, particularmente, na Europa e nos Estados Unidos da América do Norte. A participação do Brasil nas grandes exposições internacionais indicaria, em meados do século XIX, o ingresso do país nas manifestações do progresso e da modernidade.

Sob este ponto de vista, Roquette-Pinto dedicou boa parte de seu investimento intelectual em estudar etnográfica e antropologicamente o país em suas potencialidades étnicas e culturais, procurando mostrar o país a si próprio[122], valendo-se de estudos antropogeográficos que visavam correlacionar fatos históricos, laudatórios, de um "povo laborioso" e "manso" com as características geográficas de sua região. Por este viés, os estudos antropogeográficos realizados por ele buscaram conferir certa uniformização da cultura nacional. Passava-se a reconhecer as diferenças culturais e étnicas do povo brasileiro. A miscigenação das raças seria diluída em nome de uma "alma coletiva".

---

[121] Mogarro, Maria João. Os museus pedagógicos em Portugal: história e atualidade. In: Saavedra, Vicente Pena. (org). *Foro ibérico de museísmo pedagóxico: o museísmo pedagóxico em España e Portugal – itinerários, experiências, perspectivas. Actas 2001*. Xunta de Galicia, 2003, passim.

[122] Roquette-Pinto, Edgard. *Seixos rolados:* estudos brasileiros. op.cit., pp.57-58.

A nacionalidade seria a unificação dessas diferenças étnicas, fazendo desaparecer o preconceito racial, nacionalizando portugueses, italianos, alemães e japoneses.[123] Para ele, era preciso radiografar o Brasil, conhecê-lo em suas particularidades geográficas e culturais, diagnosticando suas mazelas sociais.

> Espontaneamente, porém, o Brasil está sendo um imenso laboratório de antropologia; e os casos de herança Mendeliana que pessoalmente tenho observado nas famílias populares, aqui são já numerosos e documentados. Mostram que, mesmo sem intervenção de outro elemento branco, o cruzamento de mestiços fornece prole branca, que a antropologia é incapaz de separar de tipos europeus. Todavia, não o esqueçamos, por amor ao preconceito disfarçado ou manifesto, que o problema nacional não é transformar os mestiços do Brasil em gente branca. O nosso problema é a educação dos que se acham, claros ou escuros.[124]

A experiência de geração de Roquette-Pinto como médico e antropólogo ajudou-o na elaboração de um projeto social[125] em que procurou contradizer o pessimismo que graçava na literatura médica legal sobre inferioridade biológica de nossa raça e a literatura sobre a ideia de indolência e imprestabilidade do povo do sertão do Brasil.

Neste caso, o problema do cruzamento de três raças distintas, brancos, índios e negros não constituía um problema de degenerescência da raça pela miscigenação, mas um problema de educação e cultura do povo.

> Aqui, por toda parte, os elementos humanos postos em contato foram mais ou menos os mesmos; porém, os tipos resultantes não se espalham de maneira equivalente pelo território. Uma carta da

---

[123] Ibidem, pp. 78-79.

[124] Roquette-Pinto, Edgard. *Ensaios de antropologia brasiliana*. São Paulo: Editora Nacional, Brasília/UNB, 1982, p. 9. (N.E.: A citação também aparece na página 14)

[125] Recorremos à definição de Gilberto Velho quando observa diz que o projeto deve ser uma tentativa consciente de dar um sentido ou uma coerência a uma determinada experiência fragmentadora. Os projetos representam uma dimensão da cultura na medida em que constituem sempre expressão simbólica, sendo – como assinala Velho – conscientes e potencialmente públicos, estando diretamente ligados à organização social e aos processos de mudança social. Ver Velho, Gilberto. *Individualismo e cultura:* notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, pp. 33-34.

população atual mostra três zonas mais ou menos nítidas, cada qual corresponde a uma das raças fundamentais aqui reunidas.[126]

Com efeito, era preciso organizar a população mal distribuída pelo território, dividindo-a em três zonas: a do cabloco, compreendendo os estados do Mato Grosso, Amazonas, Pará, norte de Goiás; os estados do Nordeste e as vizinhanças da Foz do São Francisco; a de influência africana, compreendendo Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas, Sul de Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro e norte do Vale do Paraíba; o de influência europeia, compreendendo os estados do Sul a partir da Capital da República.

Essa distribuição da população – segundo Roquette-Pinto – foi responsável pelo progressivo desaparecimento do negro que, antes na sociedade escravista, desempenhava um papel decisivo no mundo da produção, e depois da abolição, recolhia-se aos "bastidores" para morrer nas cidades sem função produtiva. O Brasil precisava reparar esse erro histórico através da educação, capacitando o povo de origem pobre, primeiro, a produzir as riquezas para seu sustento, em segundo, produzir a expansão da economia.[127]

No repertório da produção antropológica de Roquette-Pinto, as concepções que ele construiu em torno das noções da raça, mestiçagem e meio emergem como ideias-força que servem de enunciação de uma vocação intelectual situada no contraditório das fronteiras de conhecimentos adquiridos. Medicina e etnologia demarcaram um determinado território consensual[128] usado para pensar o povo e a nação através da história natural e dos heróis nacionais do país.

---

[126] Roquette-Pinto, Edgard. *Seixos rolados:* estudos brasileiros. op. cit., p. 57.

[127] Ibidem, p. 59.

[128] Sobre a *demarcação do território* valho-me das observações agudas de Marta Maria Chagas de Carvalho quando procura localizar, na narrativa de Fernando de Azevedo sobre O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, os territórios do consenso, as demarcações do conflito, dos apagamentos de uma memória. Ver: Carvalho, Marta Maria Chagas de. O território do consenso e a demarcação do perigo: política e memória do debate educacional. In: Freitas, Marcos Cez*ar de. Memória intelectual da educação brasileira*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco/Edusf, 1999. pp. 24-25.

O cerne da autoridade intelectual em Roquette-Pinto residia no questionamento da base científica trazida pela antropologia estrangeira, europeia, calcada em pontos obscuros e contraditórios de "eugenistas apressados", radicais, que construíram preconceitos raciais sobre a mestiçagem. Sua tropicologia surgiu da tentativa de transformar o museu em modelo museológico do projeto de construção intelectual e simbólico da nação.

> A importância de alguns pensadores britânicos no processo de liberação dos preconceitos racistas que impediam Freyre de absolver os ensinamentos de Franz Boas, explorar sua distinção entre raça e cultura e criar, juntamente com outros elementos, um novo paradigma, já foi anteriormente anunciada. No entanto, antes de explicarmos mais essa contribuição dos britânicos para a formação do autor de *Casa grande & senzala,* importa salientar a contribuição de um antropólogo brasileiro em especial, Edgard Roquette-Pinto, cujos trabalhos, lidos no fim da década de 1920, foram também essenciais para sua trajetória. Ainda que contribuindo cada um a seu modo, todos esses interlocutores, em conjunto, teriam preparado Freyre para que, finalmente, ele pudesse sair de seu "Rimbaud mood" repetindo a mudança revolucionária que Franz Boas provocara no paradigma antropológico – inventar o paradigma com que iria inovar a interpretação do Brasil.[129]

Leitor de *Os sertões,* de Euclides da Cunha; *Canaã* de Graça Aranha, *O problema nacional brasileiro,* de Alberto Torres; *O Brasil na América,* de Manoel Bomfim, Roquete-Pinto buscou problematizar os temas do naturalismo, da miscigenação, do nacionalismo. Desde a publicação de *Rondônia*, Roquette-Pinto havia criado uma "província antropogeográfica", segundo Álvaro Lins, identificada com as reflexões sobre a brasilidade, tomando partido a favor do índio contra a *cobiça, a violência e a injustiça dos homens brancos.*[130]

---

[129] Pallares-Burke, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre:* um vitoriano nos trópicos. São Paulo: Editora Unesp, 2005, pp. 332-333.

[130] Lins, Álvaro. *Ensaio sobre Roquette-Pinto e a ciência como literatura*. Biblioteca Nacional, Classificação 921, localização IV 293,3,18.

Nos idos de 1924, Roquette-Pinto viaja a convite da Universidade de Gotemberg, na Suécia, para participar do Congresso Internacional de Americanistas, visitando em seguida, a pedido de Franz Boas, a Colúmbia Universaty. Estava preocupado em mostrar que o Brasil podia ter esperança de se constituir numa nação grandiosa. Para tanto, direcionou sua produção intelectual no sentido de recuperar as origens indígenas do país, valorizando a cultura nacional e articulando patriotismo e nacionalidade.

Em maio de 1925, Albert Einstein visitou o Museu Nacional do Rio de Janeiro, sendo recepcionado por Roquette-Pinto. Einstein estava na América do Sul cumprindo uma agenda arrojada de palestras sobre a teoria da relatividade. No Rio de Janeiro, visitou o Observatório Nacional, a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o Instituto Oswaldo Cruz e o Hospital dos Alienados. A convite de Roquette-Pinto e de Henrique Morize, esteve também na Academia Brasileira de Ciências (ABC). Palestrou ressaltando a importância da radiotelefonia, ouvindo, entre outros, os discursos do médico Juliano Moreira sobre a influência da teoria da relatividade na biologia e de Francisco Lafayette e de Mário Ramos sobre a obra de Einstein.[131]

Do Museu Nacional, Roquette-Pinto articulou ciência e educação no empenho de interpretar o Brasil, buscando encontrar na história natural do país, a ideia de grandiosidade de seu destino. Um ponto de partida para compreender nossa identidade nacional.

> Não. O Brasil não é um terreno baldio, um campo sem dono aguardando energias estranhas. Habita-o um povo que, para vencer suas dificuldades históricas, apenas precisa que lhe digam palavras tônicas, capazes de lhe infundir a convicção do valor próprio. Patriotismo gera-se pelo exemplo e a palavra propaga o exemplo. Fazem obra de maldade os que apregoam a falência de nossos destinos, desalentando as massas; espalhando, sistematicamente,

[131] Tolmasquim, Alfredo Tiomo. *Einstein: o viajante da relatividade na América do Sul*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.

o desânimo; sugestionando, diariamente, a ruína da nacionalidade, como se este povo pudesse morrer assim, depois de ter vivido a história que possui.[132]

Para Roquette-Pinto era preciso estudar a fundo as raízes históricas da nacionalidade, com seus encantos e tristezas, para amar conscientemente o Brasil.

> Terra de tão forte ascendente sobre os homens deve ter influído de modo próprio sobre o povo qua a habita: qual foi a influência? O povo " laborioso e manso", tal como pintou Rio Branco, deve ter transformado esse torrão americano; qual foi a transformação? Eis aí o que a antropogeografia aplicada ao Brasil procura deslindar.[133]

Com este empenho, procurou perceber a influência que as condições naturais exerciam sobre a constituição social e moral do povo, atuando organicamente na fisiologia e patologia dos indivíduos, promovendo um estudo descritivo das populações do Brasil. Apontou a existência de uma conexão entre os fatores históricos e as características antropológicas do povo brasileiro, em que país nenhum no mundo, segundo ele, possuía tamanha diversificação de seus elementos constitutivos etnicamente: o clima e a abundância da fauna e da flora.

Classificou a população em quatro tipos raciais: leucodermos (brancos), faiodermos (brancos misturados com os negros), xandodermos (os brancos misturados com os índios) e os melanodermos (os negros). Nesse estudo, enfatizou que nenhum dos grupos mencionados era biologicamente inferior ao outro. Porém, os outros tipos existentes podiam ser considerados numericamente insignificantes, tais como os cafusos, os caborés, os xibáros, entre outos, numa população que se distribuía, na década de 1920, em percentagens, assim distribuídos: brancos, 51%; mulatos, 22%; cablocos, 11%; negros, 14% e índios, 2%.[134]

[132 e 133] Roquette-Pinto, Edgard. *Seixos rolados:* estudos históricos. Op.cit., p. 56. (N.E: ver também nota 13, página 19).

[134] Roquette-Pinto, E. *Notas sobre os typos anthropológicos do Brasil*. Rio de Janeiro, Arquivos do Museu Nacional, 1928. p. 309.

Endossando Alberto Torres, Roquette-Pinto demostraria, através de suas pesquisas, que o atraso brasileiro em relação à modernização cultural dos países europeus e dos Estados Unidos da América do Norte dizia respeito a um problema político-institucional de "organização nacional" pela educação do povo, não estando condicionado à miscigenação racial. Concluía dizendo que todas as observações indicavam que não existia dominância de uma raça sobre a outra.[135]

Em verdade, a obra de nacionalização devia ser identificada com a circulação de ideias e a riqueza para que se pudesse superar as deficiências do povoamento existentes em virtude da péssima distribuição populacional pelo território nacional. Mediante confimação, Roquette-Pinto iria ensaiar uma crítica à política de povoamento iniciada com o processo de colonização portuguesa.

> A política de povoamento do Brasil, desde início, foi sempre baseada em maus expedientes: (a) trucidou os índios; (b)importou negros escravos – o que foi uma necessidade – mas os deixou embrutecidos. Não deu um passo para elevá-los e prepará-los para a liberdade (...).[136]

O discurso do Brasil moderno em Roquette-Pinto encontaria no campo da educação em estruturação, nos anos 20 do século passado, o lugar para aplicação de suas ideias, onde o rádio e o cinema tornar-se-iam veículos pontencializadores da transformação almejada pela educação. As oposições binárias entre atraso x progresso, tradicionalismo x modernização, hegemonia x dependência apareceriam no discurso roquetiano preconizando a construção de uma nova pedagogia.

Ao nosso ver, a questão racial era considerada não como um problema indissolúvel, mas como uma solução possível de reafirmação da identidade nacional. Por isso, combateu o núcleo central da corrente de pensamento social que enfatizava o caráter nega-

[135] Ibidem, p. 330.

[136] Ibidem, p. 307.

tivo da miscigenação. Este caráter negativo estava associado, essencialmente, à suposta ideia de que o cruzamento entre "espécies" de raças oriundas de "qualidades diversas", conduzira à esterilidade biológica e cultural comprometendo qualquer esforço civilizatório.[137]

Com efeito, aceitando como fator natural a inferioridade étcnico-racial da sociedade brasileira, duas correntes distintas do pensamento social povoaram os debates políticos da República Velha. A primeira delas, comprometida com a ideia de condenação irreversível da nação à bárbarie; a segunda, incorporava a teoria do branqueamento da raça que se constituiria a partir da abertura do país à imigração europeia.[138] Essa segunda vertente, que se desenvolveu pelas décadas de 1870 em diante, teve em Sílvio Romero figura expoente. Convicto de que o Brasil cumpriria o papel de ser "a pátria dos deserdados do mundo", Romero colocou a questão racial em primeiro plano. Mesmo concordando com o Conde de Gobineau, aceitou a mestiçagem como um traçado de nossa originalidade cultural, étnica e meio.

> (...) Aceitando, na linha de Gobineau, que a maior ou menor quantidade dos povos e grupos sociais depende da maior ou menor parcela de sangue ariano que contêm, ele deu feição sistemática a um dos preconceitos defensivos mais correntes do brasileiro, expresso na ideia de "melhorar a raça", isto é, ficar cada vez mais claro. Para ele, o Brasil só encontraria maturidade quanto a fusão produzisse um tipo homogêneo de aspecto branco, e este foi o seu modo de harmonizar a lucidez da visão com o jugo de preconceito pseudocientífico dominante no tempo.[139]

Embora considerando lamentável a mistura racial, Romero a julgou necessária. Introduziu ao termo mestiçagem o aspecto da assimilação dos bens culturais compreendido, como enfatiza Can-

---

[137] Skidmore, Thomas. *Preto no branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 66.

[138] Araújo, Ricardo Benzaquen. *Guerra e paz: Casa grande & senzala* e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. São Paulo: Editora 34, 2005. p. 27.

[139] Candido, Antonio. *Educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 2003, p. 112.

dido, na vasta mistura de *usos, costumes, instituições, que ocorreu incessantemente na formação do Brasil.*[140]

Roquette-Pinto filiou-se a uma terceira corrente de pensamento social acerca da miscigenação. Esta nova corrente recorria ao valor dos negros e dos índios como bases de formação de uma verdadeira identidade coletiva, capaz de estimular um inédito sentimento de comunidade pela explicitação de laços, até então insuspeitos, entre os diferentes grupos que compunham a nação.[141]

No dizer de Maria Lúcia Pallares-Burke, Roquette-Pinto foi seu principal articulador, tendo inspirado antropologicamente o autor de *Casa grande & senzala*.[142]

> A importância de alguns pensadores britânicos no processo de liberação dos preconceitos racistas que impediam Freyre de absorver os ensinamentos de Franz Boas, explorar sua distinção entre raça e cultura e criar, juntamente com outros elementos, um novo paradigma, já foi anteriormente anunciada. No entanto, antes de explicarmos mais essa contribuição dos britânicos para a formação do autor de *Casa grande & senzala,* importa salientar a contribuição de um antropólogo brasileiro em especial, Edgard Roquette-Pinto, cujos trabalhos, lidos no fim da década de 1920, foram também essenciais para sua trajetória. Ainda que contribuindo cada um a seu modo, todos esses interlocutores, em conjunto, teriam preparado Freyre para que, finalmente, ele pudesse sair de seu "Rimbaud mood" e – repetindo a mudança revolucionária que Franz Boas provocara no paradigma antropológico – inventar o paradigma com que iria inovar a interpretação do Brasil.[143]

Em *Casa grande & senzala*, Gilberto Freyre construiu novo paradigma antropológico baseado nos aspectos da cultrura, considerando as antropologias de Franz Boas e Roquette-Pinto. Freyre recorreu à etnografia sertaneja de Roquette-Pinto para contestar as

---

[140] Ibidem.

[141] Araújo, Ricardo Benzaquen. *Guerra e paz: Casa grande & senzala* e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. op. cit., p. 28.

[142] Pallares-Burke, Maria Lúcia Garcia, op. cit., p. 331.

[143] Ibidem, p. 333. (N.E: Ver também nota 129, página 81).

"generalizações" em relação à mestiçagem produzidas em *Os sertões,* de Euclides da Cunha.

> Nesse ponto já o mestre ilustre que é o professor Roquette-Pinto insinuou a necessidade de retificar-se Euclides da Cunha, nem sempre justo nas suas generalizações. Muito do Euclides exaltou como valor da raça indígena, ou da sub-raça formada pela união do branco com o índio, são virtudes provindas antes da mistura das três raças que da do índio com o branco; ou tanto do negro quanto do índio ou do português. 'A miscigenação', diz Roquette-pinto, deu o jagunço: não é mameluco, filho de índio com branco. Euclides estudou-o na Bahia; Bahia e Minas são os dois estados da união em que mais se espalhou o africano.[144]

Por essa razão, a terceira corrente de interpretação do Brasil realçava o hibridismo como setença de um passado ibérico ligado à colonização portuguesa.

> A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico , ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas as duas. A influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requeime a vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancona quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas da cultura as durezas germânicas, corrompendo a rigidez moral e doutrinária da igreja medieval; tirando os ossos ao Cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. A Europa reinando sem governar; governando antes a África.[145]

Sobre o hibridismo, Roquette-Pinto diria que a mestiçagem era uma combinação que se aproximaria daquelas produzidas pelas reações químicas. As substâncias que entrariam no fenômeno da reação química não apareceriam no resultante, com seus caracteres globais

---

[144] Freyre, Gilberto. *Casa grande & senzala:* formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Editora Global, 2004, p. 66.

[145] Ibidem.

explicitados anteriormente, nem conservaria as mesmas propriedades essenciais. Outras propriedades surgiriam sem, no entanto, nada prever que se manifestassem no produto da combinação.

> É preocupação ociosa e anticientífica pretender que o Brasil seja um dia habitado por um tipo antropológico. Só os que, erradamente, configuram raça e povo desejam para este país aquela utopia de unidade. Resta agora saber se os tipos de raça branca poderão um dia por si só crescer e dominar todo país; se não lhes farão falta alguma gotas de sangue amarelo ou negro. Os alpinos e mediterrâneos é fora de dúvida que se aclimatam muito bem sob os trópicos. Os nórticos já não se pode dizer o mesmo.[146]

É contra a tese da degeneração racial do Brasil que se colocou Roquette-Pinto. Arguiu, a contrapelo, a frase enigmática de Euclides da Cunha em *Os sertões*: progredir ou desaparecer, enfatizando que não iríamos desaparecer em função da miscigenação. Para Roquette-Pinto, os sertanejos, os índios e os mestiços que viu no interior do planalto central do Brasil eram representantes de um verdadeiro tipo de raça brasileira.[147]

A nacionalidade devia ser buscada por dentro do Brasil, pelo interior, assim, como descreveu na obra *Rondônia*, reconhecida, por ele, como a *filha caprichosa e sincera* de sua dedicação intelectual. Uma obra que pode ser considerada um divisor de águas da Antropologia Brasileira, uma *terceira margem* entre *Os sertões* e *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre.

> Não foi escrito para satisfazer a preocupações literárias, nem traçado no aconchego de confortável gabinete, entre outros livros, à luz carinhosa de uma lâmpada, amortecida à feição das necessidades do trabalho... Foi nascendo pelas quebradas úmidas das serras, pelos caminhos marulhentos dos rios, nos areais desolados.

---

[146] Roquette-Pinto, E. Notas sobre os typos anthropológicos do Brasil. Op.cit, p. 330.

[147] Roquette-Pinto, E. Euclides da Cunha naturalista In: *Seixos rolados:* estudos brasileiros. op.cit., p. 296.

> Só por isso, quando por mais não fosse, mesmo sem levar em conta as imperfeições insanáveis da própria origem, deve ele contar, nas modestas páginas, erros e deficiências.[148]

A antropologia de Roquette-Pinto alimentava-se da obra *Rondônia*. Em sua concepção, a grande ilusão de Euclides da Cunha teria sido considerar inferior, incapaz, gente que somente era ignorante e doente.[149] Nesse aspecto, a participação de Roquette-Pinto como presidente do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado no Rio de Janeiro, em 1929, em virtude das Comemorações do Centenário da Academia Nacional de Medicina, a convite do presidente da Academia Nacional de Medicina Dr. Miguel Couto, representou, de certa forma, o acirramento dos embates acadêmicos e políticos em torno das questões relacionadas à eugenia e à miscigenação, em particular, contra o arianismo representado pelo pensamento do médico Renato Kehl, secretário da Sociedade de Eugenia de São Paulo e de Oliveira Vianna. O Primeiro Congresso de Eugenia fazia parte de uma série de congressos organizados no Rio de Janeiro aquela época.

Nesse congresso, Roquette-Pinto participou com o trabalho intitulado "Notas sobre os typos antropológicos do Brasil", procurando discutir as estimativas do crescimento da populacional brasileiro daquela época. Para tanto, enfatizou que o problema nacional estava associado não à transformação da população mestiça em branca, mas à educação dos claros e dos escuros. Ao contrário das ideias defendidas pelos arianistas, Roquette-Pinto dizia que a eugenia devia servir para juntar-se às ações educativas e higiênicas de proteção e profilaxia da população brasileira, insistindo em dizer que o maior problema nacional era a ausência de educação para os brasileiros.

---

[148] Roquette-Pinto, E. *Rondônia*. op.cit, pp. 18-19.

[149] Ibidem, passim.

> Do ponto de vista intelectual, os mestiços não se mostram, em coisa alguma, inferiores aos brancos. É verdade que eles não são tão profundos, embora sejam, às vezes, mais brilhantes. Mas ainda aí é possível citar exemplos denunciando que, sobretudo, uma questão de cultura, orientada segundo qualidades que os povos latinos prezam de modo particular. Os mestiços que recebem instrução técnica (mecânicos, operários especializados etc.), são tão bons quanto os europeus.[150]

Roquette-Pinto insistia em dizer que o problema das raças não existia no Brasil. Os negros, os mestiços e os índios gozavam mais ou menos das mesmas considerações sociais que só dependiam do grau de instrução ou de riqueza. A degradação dos mestiços advinha do meio cosmopolita das grandes cidades que corrompia facilmente aqueles que a educação não fortificava, sendo precária, a condição moral dos mestiços, dos mulatos devido à ausência da educação. O debate proposto por Roquette-Pinto causou polêmica ao dizer que o grande número de indivíduos somaticamente tidos como deficientes em várias regiões do país não se deviam às questões da inferioridade da raça, mas a uma questão de educação e saúde pública. Na concepção de Roquette-Pinto, a higiene procurava melhorar o meio e o indivíduo enquanto a eugenia procurava melhorar a estirpe, a raça, a descendência.

> Visto que o seu modo de agir, na luta pela conquista da terra, não permite que se considerem os mestiços do Brasil como gente moralmente degenerada, vejamos se as suas características antropológicas mostram sinais de decadência anatômica ou fisiológica; vejamos se é gente fisicamente degenerada.[151]

Na década seguinte, nos anos de 1934 e 1935, Roquette-Pinto participaria, respectivamente, do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro e seria signatário do *Manifesto dos intelectuais brasileiros contra o racismo.*

---

[150] Ibidem, p. 79.

[151] Ibidem, p. 79.

Roquette-Pinto empreendeu esforços para transformar o Museu Nacional do Rio de Janeiro numa instituição da memória nacional, procurando apropriar-se das relações estado/cidade com a intenção de criar no museu um espaço público de conviviabilidade para que os cidadãos pudessem experimentar os sentidos da cidade material e da igualdade de direitos na diversidade constitutiva dos sujeitos. No discurso museal que lançaria sobre a relação cidade/museu/cidade procurou produzir um lugar-comum para o exercício e execução de suas ideias de construção da nacionalidade e da identidade nacional como unidades na diversidade cultural do país. A produção desse lugar-comum obedeceria à intenção de se homogeneizar sentidos, produzindo consensos, apagando as diferenças do adverso.[152]

Na linha discursiva de Roquette-Pinto não se poderia deixar de ver o apelo às ideias de educar o que não é civilizado, buscando construir uma unicidade do sujeito e da cidade como ponto de partida da pedagogização de suas ações como intelectual modernizador comprometido com o alargamento do pensamento científico de efeitos sociais. O instrumento pedagógico é o Museu Nacional enquanto espaço das articulações acadêmicas e políticas em favor dos princípios de construção de um imaginário social que não se reduz a querer a gestão do poder sobre o público, mas de promover o alargamento das possibilidades de inserção do público nas esferas do poder como partícipe.[153]

Para além de ensinar o povo a ler, a escrever e a contar, Roquette-Pinto pensou em musealizar a educação como intencionalidade e consciência na produção de sentidos da libertação da cultura popular, construindo novos diagramas de circulação dos

---

[152] Pleiffer, Claudia Castellanos. Cidade e sujeito escolarizado. *In:* Orlandi, Eni P. *Cidade atravessada:* os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001. pp. 29-31.

[153] Orlandi, Eni. P. Tralhas e troços: o flagrante urbano. In: Orlandi, Eni P. *Cidade atravessada:* os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001. pp. 9-24.

conhecimentos produzidos pela experiência científica que se materializava no pressuposto de se ampliar a cidadania.

O caráter de novidade da antropologia de Roquette-Pinto pontuava o Museu Nacional do Rio de Janeiro como um campo de possibilidades para construir as dimensões do passado e do futuro, transpondo as portas do domínio museal, nas relações estabelecidas da memória com o poder e, nesse processo, colocando em jogo as relações binárias entre a história e a memória, a estética e o valor, o saber e o conhecimento. Pôs-se como intelectual engajado[154] diante do debate institucional de sua época, em permanente diálogo como seus pares, a exemplo de Cândido Mariano da Silva Rondon.

Debate esse, que ajudou a subverter os cânones do pensamento social brasileiro, promovendo um combate ao autoritarismo vigente. Reafirmou, assim, seu horror ao "conhecimento imperial" das elites brancas brasileiras temerosas com a africanização da sociedade e da cultura. Sua antropologia mobilizou-se contra a convicção de inferioridade racial, colocando-se contra os estigmas da inferioridade racial.

A experiência do rádio e do cinema educativos

A primeira transmissão oficial do rádio no Brasil ocorreu durante as festividades de comemoração do Centenário da Independência, em 7 de setembro de 1922, contando com a presença do presidente da República, Epitácio Pessoa e demais autoridades do estado e diplomáticas. Nesse dia, transmitiu-se diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro o pronunciamento do discurso do presidente da República e, no dia seguinte, a ópera *O guarani,* de Carlos Gomes.

Assim, o momento das comemorações do Centenário da Independência do Brasil tinha a intenção de reafirmar as riquezas mate-

---

[154] Chaui, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção. In: NOVAES, Adauto. (org). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, p. 2.

riais do país frente às exigências do mundo moderno. Foram montadas duas estações de transmissão e de recepção radiofônica. Uma delas ficou no alto do Corcovado e a outra, na Praia Vermelha.

Em locais estratégicos das cidades de Petrópolis, Niterói e São Paulo foram instalados receptores de longo alcance. Todavia, o som saiu com ruídos dissonantes, arranhando os ouvidos dos participantes. O turbilhão das comemorações criou não somente uma atmosfera política de realinhamento e de conciliação entre as memórias do presente em relação às do passado monárquico, como também selaram um clima de falsa harmonia frente aos movimentos sociais que embalaram o ano de 1922.

Entre outros exemplos, a Semana de Arte Moderna de São Paulo, a revolta do forte de Copacabana e a fundação do Partido Comunista Brasileiro. Nesse contexto político-institucional, o rádio educativo surgiria como uma possibilidade de se ampliar os sentidos da unificação da memória nacional. Roquette-Pinto captou as dimensões políticas e culturais daquele momento, propondo, em 20 de abril de 1922, entre os antigos amigos dos bancos escolares da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro[155] e o cientista Henrique Morize, da Academia Brasileira de Ciências, a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Esse movimento sinalizou um esforço científico de inserção do Brasil no quadro das nações desenvolvidas pela tecnologia radiofônica da Europa e dos Estados Unidos da América do Norte. A Rádio Sociedade teve seus primórdios na experiência radiofônica de 22 de setembro de 1922.

Em abril do mês seguinte, na Academia de Brasileira de Ciências, na antiga Escola Politécnica do Rio Janeiro, Roquette-Pinto e

---

[155] Roquette-Pinto mencionaria que este grupo de amigos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro se reunia em torno das aulas de física proferidas por Henrique Morize, na Escola Politécnica, no anfiteatro do Largo de São Francisco. Eram eles os veteranos e os calouros Álvaro Ozório de Almeida, Carlos Guinle, Maurício Gudin, Oscar Pinto de Carvalho, Tito Boba de Araújo. Ver: Roquette-Pinto, E. *Ensaios brasilianos*. Op.cit, p. 66.

Henrique Morize objetivavam a criação da estação Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Foi primeira estação da América do Sul a direcionar suas atividades radiofônicas para o âmbito da educação e não para o divertimento, sendo a primeira rádio escola a tentar unir o erudito e o popular dentro de uma programação que incluía, em 4 de junho de 1923, a ópera Rigolleto de Verdi, numa versão completa.

No mesmo mês, o jornalista Amadeu Amaral, diretor do jornal *Gazetta de Notícias* deu seu apoio à Roquette-Pinto, impressionado com a "elementar aparelhagem". Em *O Estado de S.Paulo*, Amadeu narradou o episódio:

> Quando vi a antena plantada a um canto do jardim – uma simples vara de bambu com uns fios ligeiramente instalados – e sobretudo quando penetrei no quarto das operações e pude examinar os toscos objetos que completavam o dispositivo, não pude deixar de sorrir por dentro. Não era possível que aquela caranguejola, feita com bambu, alguns metros de fio de cobre, uma bobina de papelão e um fone de aparelho comum, desse resultado sério. Quem sabe se aquilo que pregavam ouvir por intermédio deste aparelho, não seriam quaisquer vibrações ordinárias confusamente conduzidas pelos tais fios expostos. Dentro em pouco, porém, colocando o fone ao ouvido, pude escutar versos declamados na Praia Vermelha entremeados de música, tudo tão perceptível como se os sons se originassem a dois passos. Aquela carangueijola ridícula funcionava maravilhosamente."[156]

O projeto de educação popular pelo rádio via Rádio Sociedade do Rio de Janeiro trazia como proposta um leque diário de programas com atividades educativas que se estendiam desde os cursos de literaturas brasileira, francesa e inglesa, às aulas de esperanto, complementadas com as aulas de rádio-telegrafia e de telefonia. Eram proferidas aulas de silvicultura prática, lições de história natural, física, química, italiano, francês, inglês, português, geografia e até palestras seriadas. Teatro e música.

---

[156] Roquette-Pinto, E. *Ensaios brasilianos*. op.cit, p. 74.

A *Ata de fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* foi assinada por uma plêiade de intelectuais de diferentes plumagens político-ideológicas: Edgard Roquette-Pinto, Henrique Morize, Franscisco Lafayette, Eusébio de Oliveira, Alberto Torres, Henrique de Beaurepaire Aragão, Th. Lee, Athur Moses, Carlos Guinle, Dulcínio Pereira, Francisco Venâncio Filho, Armando Fragoso Costa, Eugênio Hime, Mário Paulo de Brito, Othon H. Leonardo, Jorge Leuxinger, Carlos Gooda Lacombe, Edgard Süssekind de Mendonça, Antônio Caetano da Silva Lima, Luís Betim Paes Leme, Álvaro Osório de Almeida, Ângelo Costa Lima e Mário de Souza.

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi uma espécie de "costela de Adão" da Sociedade Brasileira de Ciência[157] que havia sido fundada, no ano de 1916, com a participação de Edgard Roquette-Pinto, Henrique Morize, Manoel Amoroso Costa, Tobias Moscoso, Labouriau, Amadeu Amaral. Parte desses intelectuais, eram ligados por formação à Escola Politécnica do Rio de Janeiro e ao Observatório Astronônico, com formação em diversas e diferentes áreas do conhecimento, a exemplo, da medicina, da física, da a psicologia, da biometria e da radioeletricidade, como era o caso, do Roquette-Pinto.

Na concepção de Roquette-Pinto, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro tinha como objetivo articular arte e ciência.

> A arte e a ciência, bem como a religião e até mesmo a a técnica, onde se entrelaçam é no abalo emocional, sublime arrancada que leva os homens a tentar a conquista da perfeição indefinivel e inatingível, como o valor daquele símbolo grego, inicial do nome de Prometeu, eterno anseio, que encontramos no início das teorias da ciência, ou no embrião das obras de arte e dos monumentos religiosos de todas as crenças. No entanto não há mais em nossa época confundir, no mesmo termo, as diferenças do sentido estético, condicionadas pelos temperamentos. Em ciência o caso é diferente.[158]

---

[157] Em 1922, passou a chamar-se Associação Brasileira de Ciências.

[158] Roquette-Pinto, E. *Ensaios brasilianos*. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 1940, p. 81.

O símbolo grego de Prometeu, mencionado por Roquette-Pinto, teria a função discursiva de "encarnar" os anseios da humanidade pelas conquistas civilizatórias associadadas ao sacrifício e ao sofrimento na luta contra as injustiças e onipresença do Olimpo. Apesar da maldição de Zeus, Prometeu resistiria aos encantos de Pandora e às investidas da águia a arrancar-lhe, dia após dia, as víseras. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro personificaria Prometeu em seus pressupostos básicos em relação ao papel do rádio educativo no Brasil.

Em *A educação e o seu aparelhamento*, Venâncio Filho situou com muita propriedade o que significou o surgimento da Rádio Sociedade como uma iniciativa pioneira de educação popular no país.

> Aí desenvolveu o seu programa educativo, atingindo o Brasil inteiro e pode dar aos estadistas o exemolo de recurso à mão, com que acudir a milhões de brasileiros, perdidos e esquecidos.[159]

Os "perdidos e esquecidos" a que se referia Venâncio Filho representavam parcelas significativas da população nacional que precisava ser "transformada" em povo-nação. A este propósito, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro surgiu com o caráter de divulgação no espaço público da comunicação de programas educativos e culturais que mesclavam o erudito e o popular, direcionando-os para ocupar os vazios da escola tradicional.

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro procurou associar "dons artísticos" com "labor científico", cuja finalidade era a de promover a educação da alma nacional, fazendo o rádio educativo chegar aonde a escola inexistia. Essa tradição sertanista inspirou a criação do departamento escoteiro que tinha por objetivo instruir estudantes a ter aulas de rádio eletricidade, radiotelegrafia e radiotelefonia.

> Os rapazez pertencentes a qualquer grupo escoteiro ou mesmo escoteiros isolados. É uma iniciativa que desperta grandes esperanças e merece o maior carinho dos responsáveis pela grande instituição. No departamento escoteiro os moços começam recebendo instrução te-

[159] Venâncio Filho, Francisco. *Apud* Salgado, Álvaro. *A radiodifusão educativa no Brasil. (Notas)*. Ministério de Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1946. p. 21.

órica e prática, aprendem os fundamentos do TSF e praticam a recepção auditiva dos sinais morse. Uma vez habilitados a receber pelo menos dez palavras por minuto passam a trabalhar na estação SQIX, sob as vistas de Alberto Conteville com o operador chefe Renato Leão de Aquino. Os moços que atingem suficiente preparo são encaminhados pela Rádio Sociedade.[160]

O departamento em questão se destinava à formação profissional dos escoteiros em operadores de radiotelegrafia integrando-os ao campo da radiodifusão. No laboratório da Rádio Sociedade, Roquette-Pinto construiu um pequeno transmissor que servia para demonstrações técnicas.[161]

Assim, as primeiras linhas do programa educacional da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro constituiu o plano diretor de suas ações visando moldar o rádio como instrumento "fecundador de almas" com capacidade de propagar o ensino prático elementar e o civismo. A sociedade fora pensada como um organismo vivo.

> Cada estado, na sua capital, dispondo de estabelecimentos de ensino de certo vulto, fundaria uma grande radioescola. Um entendimento de ensino de certo vulto fundaria uma grande radioescola. Um entendimento entre governos, sob os auspícios do governo federal, permitiria a aquisição das vinte poderosas estações necessárias. Seriam todas do mesmo tipo, por economia, fornecidas em concorrência pública. Não há um só estado do Brasil em condições de não poder arcar com esta despesa. A função dessas vinte grandes radioescolas estaduais seria puramente diretora, seus programas educativas mostrariam às cidades do interior o caminho a seguir.[162]

No cerne das iniciativas de "vulgarização científica" durante a década de 1920, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro constituiu-se como uma instituição privada sem fins lucrativos, ao lado de outros meios de comunicação como os jornais, livros e revistas. Nessa conjuntura, tornou-se um poderoso instrumento destinado

---

[160] *Revista Elétron*, 01/02/1926, p. 13.

[161] Ibidem.

[162] Roquette-Pinto, E. *Apud* Salgado, Álvaro. Op.cit, p. 44.

ao "preparo" das mentalidades mais do que um propulsor de conhecimentos isolados.

Quanto mais apto a apreender, maior teria sido o contato das inteligências com o pensamento científico. Por conseguinte, esse "pensamento científico" difundido pela Rádio Sociedade não era asséptico como se fazia crer, imbuído somente de altruísmo, patriotismo e benevolência. Instituiu-se enquanto dispositivo ideológico de modelação, de escolarização, implicando a produção de conteúdos que se integravam aos processos de produção, circulação, consumo e apropriação de saberes a serem pedagogizados. A rádio como um veículo de difusão da "disciplina".[163]

Assim, a comunidade científica brasileira, em fins da década de 1910, viu no rádio educativo um marco determinante que fazia parte de iniciativas de divulgação científica existentes no Distrito Federal. Exemplo disso, fora criação da Sociedade Brasileira de Ciências em 1916, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 1923 e da Associação Brasileira de Educação em 1924. Estas organizações da sociedade civil abrigavam ao seu redor cientistas sociais de renome nacional e internacional tocados pela ânsia em definir padrões científicos adequados para a brasilidade.

Segundo Ildeu de Castro Moreira e Luisa Massarani, o crescimento das atividades de divulgação científica estariam associados a um pequeno grupo de intelectuais: Manoel Amoroso Costa, Henrique Morize, os irmãos Ozório de Almeida, Juliano Moreira, Edgard Roquette-Pinto, Roberto Marinho de Azevedo, Lélio Gama e Theodoro Ramos.[164] Em 7 de setembro de 1936, sob o lema "levar a cada canto do país um pouco de educação, ensino e alegria", a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi doada ao Ministé-

---

[163] Chartier, Roger. *À beira da falésia:* a história entre as certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRS, 2002, p. 143.

[164] Moreira, Ildeu de Castro, Massarani, Luisa. *A divulgação científica no Rio de Janeiro:* algumas reflexões sobre a década de 1920. Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos, v. 7, n. 3, Rio de Janeiro, Nov. 2001.

rio de Educação e Saúde, aos cuidados do titular da pasta, Gustavo Capanema. A doação deveu-se as dificuldades financeiras da Rádio em concorrer com as rádios comerciais.

O referido ministro da Educação e Saúde Pública do Governo Vargas aproveitou a oportunidade para ressaltar que a entrega da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao governo federal representava a entrega de um valioso patrimônio dedicado à cultura do país.

> Como autoridade a quem coube receber tão valioso legado, eu quero dizer aqui que o Ministério da Educação assume com satisfação esta responsabilidade e que procurará utilizar-se da melhor maneira possível deste instrumento que ora lhe é proporcionado para, no cumprimento da elevada missão, com grande clarividência lhe traçou o Sr. presidente Getúlio Vargas, falar diariamente aos brasileiros, animá-los nos seus trabalhos do campo, da cidade e do mar, estar com eles nas suas alegrias e pesares. Este é o novo trabalho que, com coragem e fé, vamos começar.[165]

Assim, o rádio educativo, na perspectiva da Rádio Sociedade, afirmava-se como um veículo de políticas públicas destinado a organizar e difundir culturalmente, num todo orgânico, os conhecimentos reveladores da identidade nacional como a língua, os costumes e a história. O rádio aparecia associado à ideia de divulgação da ciência e da modernidade, constituindo-se em meio eficaz para a realização da obra salvacionista de educação dos brasilianos. Obra de instrução pública que se adequava às exigências da sociedade industrial.

A concepção de rádio educativo em Roquette-Pinto forjou-se no movimento de reflexão antropológica no Museu Nacional do Rio de Janeiro, iniciada na década anterior e na docência na Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Ao longo de suas atividades de intelectual educador teve muitos pares acadêmicos e interlocutores políticos como Betim Paes Lemme, Manoel Ribeiro, Alberto José Sampaio, Bourguy de Mendonça,

---

[165] Salgado, A. *Radiodifusão educativa no Brasil (Notas)*. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1946.

Sérgio Carvalho, Alfredo de Andrade, Cesar Diogo, Alberto Childe, No magistério, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Fernando Tude de Souza, entre outros tantos.

Sua tomada de posição na formulação de um pensamento voltado para a constituição do campo pedagógico[166] no Brasil, encontrou no rádio educativo sua razão mais eficaz de existir. Com o rádio educativo fazia expandir a educação formal aonde ela não podia chegar, sobretudo, nas regiões interioranas, saltando obstáculos aparentemente insuperáveis, característicos do atraso social e econômico do país. O rádio educativo como poderoso instrumento da escola na luta contra o analfabetismo.

A filiação desse projeto de educação nacional pelo rádio tinha como eixo influir poderosamente na formação do povo e das elites, sua posterior, transformação em cidadão. Na *Revista Életron*, publicada em 1926, Roquette-Pinto escreveu artigo sob o título "Radioeducação no Brasil", traçando em linhas gerais um plano para transformar em cinco ou seis anos a mentalidade popular do país.

> O rádio educativo teria, antes de tudo, um compromisso com a institucionalização das instituições democráticas liberais no Brasil, produzindo novas práticas sociais oriundas da cultura democrática. O concurso contou com uma apresentação de uma monografia por parte dos candidatos. Fernando Tude apresentou uma monografia intitulada "Educação e Opinião Pública", procurando tratar da formação da opinião pública, dos recursos de publicidade e propaganda, das relações entre imprensa, governo e educação num país em vias de industrialização e urbanização.[167]

---

[166] Segundo Pierre Bourdieu, *a estrutura do campo é um estado da relação de força entre agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. Essa estrutura, que está na origem das estratégias destinadas a transformá-la, também está sempre em jogo: as lutas cujo espaço é o campo têm por objeto o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico*. Ver Bourdieu, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983, p. 90.

[167] *Revista Elétron*, 01/02/1926, p. 14.

Após fundar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Roquette-Pinto organizou uma outra emissora, no Distrito Federal: a Rádio Escola Municipal (hoje Rádio Roquette-Pinto), que se instalou em 1928, no edifício da Praça da República, próximo ao Campo de Santana. Esta emissora buscou dar continuidade as tarefas de radioescola desenvolvidas até então, estreitando os vínculos de acesso do povo às culturas popular e erudita.[168]

A rigor, Roquette-Pinto definiu o papel social a ser desempenhado pelo rádio educativo na sociedade brasileira e o que caracterizou a transição para a superação do atraso nacional, herança de nossa tradição colonial.

> O rádio representa o papel preponderante de guia diretor, de grande fundador de almas, porque espalha a cultura, as informações, o ensino prático elementar, o civismo, abre campo para o progresso preparando os tabaréus, despertando em cada qual o desejo de aprender. Muita gente acredita que o papel educacional do radiofônico é simplesmente um conceito poético, coisa desejável mais difícil ou irrealizável. Quem pensa desse modo, não conhece o que se faz no Brasil.[169]

Ao reivindicar o rádio educativo como pedra de toque da modernização tecnológica, buscou-se construir uma ideia de unidade para além das diferenças étcnicas e culturais, endossando a concepção de progresso científico em marcha. O rádio educativo era a sinergia de ligação e de mediação entre barbarismo e civilização. Para Roquette-Pinto, os males nacionais não poderiam ser curados nem pelo voto, nem pelos partidos políticos, nem pelo serviço militar obrigatório ou pelas reformas constitucionais.

O "antídoto" devia ser o aperfeiçoamento da ciência a derrotar o "atraso nacional" personificado pelas doenças tropicais e pelos altos índices de analfabetismo. Nessa perspectiva, o rádio educativo teria como missão civilizatória libertar o povo considerado rústico do bar-

---

[168] Roquette-Pinto, Edgard *Apud* Salgado, Álvaro. *A radiodifusão educativa no Brasil. (Notas)*. Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Saúde, 1946, p. 34.

[169] Roquette-Pinto, Edgard. *Seixos rolados:* estudos brasileiros. op.cit, p. 234.

barismo da ignorância.[170] O rádio havia de preceder a escola em lugar de substituí-la, desenvolvendo as estruturas pedagógicas simples, e efetivando novas estruturas, com o objetivo de operacionalizar novos métodos, novas técnicas e novos conteúdos de ensino.

A posse da emissora Rádio Sociedade do Rio de Janeiro pelo governo federal, em 1936, possibilitou a criação do Serviço de Radiodifusão do Ministério de Educação e Saúde pela lei número 378, de 13 de janeiro de 1937, em que, pelo artigo 50, este serviço se destinava a promover permanentemente a irradiação de programas de caráter educativo.

A lei determina no parágrafo único deste artigo que:

> Uma vez organizado o Serviço de Radiodifusão Educativa, ficam as estações radiodifusoras que funcionam em todo o país, obrigadas a transmitir, em cada dia, durante 10 minutos, no mínimo seguidos ou parcelados, textos educativos, elaborados pelo Ministério de Educação e Saúde, sendo pelo menos metade do tempo de irradiação noturna.[171]

Em carta de 1938, o ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema apresentaria ao presidente da República, Getúlio Vargas, proposta para implementação do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Saúde.

> No Brasil, não podemos ficar atrás neste terreno. É preciso introduzir o rádio em todas as escolas,- primárias, secundárias, profissionais, superiores noturnas, diurnas - e estabelecer, através deste poderoso instrumento de difusão, uma certa comunhão espiritual entre os estabelecimentos de ensino. O rádio será mesmo o único meio de se fazer essa comunhão de espírito, pois tudo (a dificuldade de transportes, de longas distâncias, a escassez da população) tudo concorre a separar e isolar as nossas escolas, que são aqui e ali colmeias autônomas, cada qual com sua mentalidade, e todas distantes do sentido que nós cá do centro desejamos imprimir-lhes. Um serviço bem organizado de radiodifusão escolar, cobrindo todo o território na-

[170] Ibidem, p. 235.

[171] Lopes, Saint-Clair. *Radiodifusão hoje*. Rio de Janeiro: Editora Temário, 1970.

cional, abrangendo, de maneira segura e controlada, as escolas de todo o país, será o maior passo no sentido de dar a nossa vida escolar a unidade espiritual que lhe falta.[172]

Coube ao estado organizar o social, consolidar a unidade nacional e definir regras de conduta comportamental dos indivíduos na sociedade. A educação pelo rádio poderia vir a constituir uma modalidade de comunicação de massa propulsora do progresso. Sob o decreto número 11.491, de 4 de fevereiro de 1943, o regimento do Serviço de Radiodifusão Educativa (PRA-2) do Ministério da Educação e Saúde preconizava, em seu artigo primeiro que:

> O Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE), órgão subordinado ao ministro de Educação e Saúde, tem por finalidade orientar a radiodifusão como meio auxiliar de educação e ensino, promover, permanentemente, a irradiação de programas científicos, literários e artísticos de caráter educativo, e incorporar e esclarecer quanto à política de educação do país.[173]

Em 1943, foi nomeado pelo então ministro da Educação e e Saúde Gustavo Capanema, o primeiro Diretor do Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE). Tratava-se do médico e jornalista baiano Fernando Tude de Souza, um dos dscípulos de Roquette-Pinto. O Dr. Tude de Souza assumiu um papel relevante e decisivo nas defesa dos princípios não comerciais do rádio educativo, defendendo e implementando, até março de 1951, o antigo projeto de educação popular da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Nessa perspectiva, a defesa do rádio educativo encetada por Roquette-Pinto entrou em conflito com os setores autoritários da República Varguista. Exemplo disso, seria a queda de braço entre o ministro Gustavo Capanema com o Departamento de Impren-

---

[172] Capanema, Gustavo *Apud* Salgado, Álvaro. op. cit, p. 24.

[173] Horta, José Silvério Baía. *Histórico da radiodifusão educativa no Brasil (1922-1970)*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, p. 92.

sa e Propaganda (DIP), em virtude do controle da programação do Serviço de Radiodifusão Educativa.[174]

Em carta ao presidente da República, Getúlio Vargas, em 1938, Capanema apresentou possível desfavorável à transferência do Serviço de Radiodifusão Educativa para a pasta da Justiça.

> A hipótese de transferir esta estação (PRAS-2) para o Ministério da justiça não me parece conveniente. Antes do mais, porque o Ministério não precisa dela. O Ministério da Justiça precisa sim, de todas as estações radiofônicas existentes no país, durante o dia e durante a noite. Deve ser fixado em lei o tempo que as estações deverão dar à difusão do Departamento de Propaganda, tempo este a ser utilizado parceladamente, nos intervalos das irradições musicais, de tal modo que ouvissem os anúncios comerciais. Utilizando todas, e a todas as horas, o Ministério da Justiça falará continuamente e eficientemente a toda a população radioouvinte do país. Se, porém, o Ministério da Justiça passa a usar uma determinada estação, dia e noite, para a sua propaganda, o resultado será fatalmente o seguinte: tal estação não terá nenhum público, pois todo mundo mesmo os amigos do governo ligarão o aparelho para as outras estações. Se o Ministério da Justiça pensar de montar uma estação própria, esta deverá ser de onda curta, para a propaganda no estrangeiro. O programa de propaganda para o estrangeiro deve ser completamente diferente do programa para o país. Muitas coisas que precisam ser ditas ao estrangeiro enfadam os habitantes do país, e vice-versa. Acresce que, para o estrangeiro, deve ser usada outra língua. Sendo assim, a organização autônoma e própria a ser mantida pelo Departamento de Propaganda, deveria consistir numa poderosa estação de onda curta, para programas especiais, diferentes, exclusivas para o estrangeiro.[175]

O discurso do ministro Capanema pontuava uma preocupação por parte do Ministério de Educação e Saúde em preservar sob sua direção o Serviço de Radiodifusão Educativa, o que representou em certa medida, uma luta de poder entre diferentes

---

[174] Rangel, Jorge Antonio da S. *O moderno Dom Quixote:* a trajetória intelectual do educador Fernando Tude de Souza no Serviço de Radiofusão Educativa no Brasil. Rio de Janeiro: UFF, 1998, pp. 254-265. (Dissertação de Mestrado)

[175] CAPANEMA, Gustavo. *Carta a Getúlio Vargas*. CPDOC [GC.36.1200g. DOC.I-8], Fevereiro, 1938.

posições ocupadas pelos intelectuais no interior do estado. Não era uma luta de mera justaposição entre companheiros que partilhavam do mesmo poder, mas um enfrentamento político-ideológico marcado por uma lógica de relações simbólicas, expressão de relações de forças entre indivíduos ou grupos.[176]

Roquette-Pinto não se engajou na corrente do "autoritarismo instrumental". Não foi mero reprodutor da ideologia do estado. Buscou construir, através do museu, do rádio e do cinema educativos, instrumentos político-culturais de mediação direcionados a influenciar nas condições sociais e culturais da ampla camada da população excluída da educação. Enfrentou a politização da educação e a pedagogização da política nos anos que se sucederam à implementação do novo estado republicano do pós-revolução de outubro. Deixou o Museu Nacional do Rio de Janeiro, em março de 1936, para dedicar-se à criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE).

Em ato do presidente da República, Getúlio Dorneles Vargas, publicado no *Diário Oficial da União,* no dia 26 de janeiro de 1937, com assinatura do então chefe de gabinete do ministro da Educação e Saúde, Carlos Drummond de Andrade, efetivou-se a nomeação, em comissão, de Roquette-Pinto para ocupar a função de diretor do INCE.

Cinco anos antes, Roquette-Pinto acumulava outras funções na estrutura estatal atuando como professor assistente, interino[177], da disciplina história natural, da Escola Secundária, do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, nomeado em abril de 1932. Neste

---

[176] Bourdieu, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974, p. 14.

[177] O Diretor-geral de Instrução Pública do Distrito Federal Anísio Teixeira, em ato oficial de 25 de abril de 1933, designou Roquette-Pinto para exercer o cargo de professor substituto da cadeira de história natural na Escola de Professores do Instituto de Educação. Em 7 de junho de 1933, por ato do interventor federal do Distrito Federal, Roquette-Pinto foi efetivado no cargo de professor adjunto da mesma disciplina. Ver: Fundo Roquette-Pinto, Arquivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

ano, pelo Decreto Federal nº 21.240, de 14 de abril de 1932, implementou-se a Censura Cinematográfica no Ministério de Educação e Saúde Pública. Participou como membro-presidente da Primeira Comissão Federal de Censura que tinha por objetivo manter sob vigilância e controle a produção e a distribuição de filmes educativos exibidos no país. Em particular, o decreto em vigor forçou a inclusão de filmes educativos em cada série de filmes exibidos pelas salas de cinema do país.

Dois anos depois, a censura cinematográfica ficaria sob a tutela do Ministério da Justiça, fazendo com que Roquette abandonasse a comissão. Em janeiro de 1934, foi nomeado pelo interventor federal no Distrito Federal, Pedro Ernesto, chefe da Seção Técnica de Museus Escolares e Radiodifusão Educativa do Departamento de Educação da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal. No mesmo ano, a convite do educador Anísio Teixeira, Diretor Geral de Instrução Pública, Roquette-Pinto dava início ao trabalho de organização da Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro (PRA-5), futura Rádio Roquette-Pinto.

A Rádio Escola teve como característica os pressupostos que guiaram o projeto original de fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro: articular educação, ciência e arte. A transmissão do rádio teatro, das óperas e dos jogos de futebol, do jornal dos professores, as conferências, cursos, palestras contribuíram para fazer da radiodifusão um veículo poderoso de difusão cultural.

A essa altura, o projeto radiofônico e cinematográfico de Roquette-Pinto integrou-se ao movimento do escolanovismo brasileiro, construindo não somente uma rede de afinidades eletivas com as quais estabeleceu vínculos identitários, mas também articulando organicamente o campo da educação. Teve como interlocutores nesse percurso, entre tantos outros, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Francisco Venâncio Filho, Jonathas Serrano, Paschoal Lemme e Fernando de Azevedo. Este último, foi diretor de Instrução Pública do Dis-

trito Federal nos anos de 1927-1930 e responsável pela redação final do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, bem como a redação do Manifesto de 1959.

O movimento escolanovista embalou as reformas educacionais do período em questão buscando instituir um modelo integrado de organização educacional no país que funcionasse de maneira sistêmica, hierárquica e emergencial. Este modelo reformista da educação na concepção azevediana resvalava para a afirmação da unidade por sobre as diferenças culturais e étnicas como a língua, a religião, os costumes, os usos etc.

A questão da organização do espaço escolar passou a exercer papel fundamental no planejamento da formação do novo homem produzido pelas virtualidades da educação.[178] Organizar e transformar a realidade eram imperativos com os quais Roquette-Pinto lidou ao formular as bases de fundamentação da Rádio Escola Municipal (PRA-5) e do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) aos moldes da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério de Educação e Saúde.

Segundo Sônia Camara, os reformadores possuíam a crença de que, através da educação, fosse possível adequar as classes populares a uma lógica de sociedade que se pretendia construir. Neste aspecto, a reforma de ensino de Fernando Azevedo no Distrito Federal não somente implemantou novas práticas pedagógicas direcionadas a alterar o cotidiano escolar do ponto de vista administrativo-hierárquico, mas também a desenvolver uma função socializadora das descobertas do conhecimento.[179]

Para pensar a concepção reformadora dos intelectuais educadores do período, Antonio Candido observa que:

---

[178] Azevedo, Fernando. A transmissão da cultura. *In: A cultura brasileira*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1958, p. 658.

[179] Camara, Sônia. *Reiventando a escola:* o ensino profissional na reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930. Rio de Janeiro: UFF, 1997, pp. 46-152. (Dissertação de mestrado)

> Há homens que só sabem criar dentro dos quadros estabelecidos, que lhes servem de referência e apoio. São os puros administradores. Outros só sabem criar rompendo os quadros, porque desejam estabelecer quadros novos para novas práticas. São os reformadores, aos quais pertencia Fernando de Azevedo, que por isso punha os interesses das reformas acima de regimes e partidos, os quais encarava frequentemente como oportunidades e instrumentos.[180]

Roquetto-Pinto foi um reformador no sentido empregado por Antonio Cândido. Concebeu o rádio e o cinema educativos não como instrumentos de uma retórica reacionária do estado interventor brasileiro, dos homens e das instituições, mas como um espécie de fermento social para a ampliação dos direitos da cidadania numa sociedade marcada pela cultura da iberia patrimonialista.

Em Roquette-Pinto, nacionalizar e organizar as forças nacionais do país tinha a ver com a promoção da escolarização em larga escala e com o fortalecimento da matriz liberal de viés democrático. Por esse entendimento, caracterizou-se por ser um intelectual construtor de pontes, interclassista, pensador das diferenças[181] numa sociedade em que o espírito da época fora muito menos liberal que o de hoje, o autoritarismo pairava no ar da direita à esquerda.[182]

Tudo indica que Roquette-Pinto transitou não tão dentro do poder que lhe fosse retirado o exercício do discernimento crítico, nem tão fora que bloqueasse as expectativas de afirmação e realização de seus projetos contra o imbobilismo. Manteve-se, no jogo do poder, ator intercambiável.[183]

Em março de 1936, Roquette-Pinto daria início às atividades no Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), sendo seu criador e primeiro diretor. Convidou o cineasta Humberto Mauro para integrar sua equipe como diretor técnico. Juntos produziriam

---

[180] Cândido, Antonio. Um reformador. *In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, São Paulo, n. 37, 1994, p. 6. *Apud* Camara, Sônia op.cit, p. 46.

[181] Portella, Eduardo. *O intelectual e o poder*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 21.

[182] Carvalho, José Murilo de. *Pontos e bordados:* escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 204.

[183] Portella, Eduardo. *O intelectual e o poder*. Op. cit, p.13.

as "imagens do Brasil" que se pretendia extraordinariamente imenso e portador de um destino manifesto triunfalista e renovador. A criação do INCE vincular-se-ia a esses princípios do "nacionalismo militante"[184]. Construir imagens interpretativas do Brasil capazes de absorver o ideário de construção da nacionalidade e as perspectivas centralizadoras do estado.

Roquette-Pinto acreditava que o cinema educativo devia ser o porta-voz das imagens do Brasil moderno, calçado na ideia de desenvolvimento e difusão da ciência e da cultura. Não é à toa que o INCE vai seguir os moldes de organização de programas das experiências anteriores com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e a Rádio Escola do Distrito Federal. Da data de sua fundação até 1947, o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), sob a direção de Roquette-Pinto, produziu-se e distribuiu-se um arsenal de filmes em escolas, repartições públicas, casas de exibição, agremiações literárias e esportivas, sociedades beneficientes.

Esses filmes abordavam um repertório eclético de assuntos com temas da atualidade e da história do Brasil, incluído as descobertas científicas. Todavia, as atividades do INCE não se reduziram à produção de filmes. Influiu na formação do público leitor, construindo e ampliando bibliotecas especializadas, publicando revistas, controlando a propaganda.[185] A reforma educacional de Fernando de Azevedo no Distrito Federal havia incluído o rádioeducativo, em seu programa de ensino, organizando um plano sistemático de ação que tinha por estratégia despertar a adesão pública e privada para a criação de um ambiente cinematográfico.

Em agosto de 1927, formou-se uma Comissão de Cinema Educativo, inciando seus trabalhos com uma exposição de aparelhos

---

[184] Oliveira, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990, p. 146.

[185] Morettin, Eduardo Victorio. *Cinema e história:* uma análise do filme "Os Bandeirantes". São Paulo: USP, 1994, p. 57. (Dissertação de mestrado)

de projeção fiza e animada. Em função do fácil acesso e de boas condições de edificação foi escolhida a Escola José de Alencar, no Largo do Machado. Além de possuir salas amplas, a escola dispunha de um imenso salão, propício a receber um considerável número de visitantes para assistir às exibições de filmes. Assim, o cinema aplicado à educação deveria operar com coleções de filmes, não somente instrutivos, compreendendo diversos generos, entre eles, os documentários, os científicos, os artísticos, religiosos, patrióticos etc.[186]

A concepção de reforma azevediana sobre a utilização do cinema no ensino e na pesquisa científica teve início com a experiência de instalação da filmoteca organizada por Roquette-Pinto no Museu Nacional, em 1910. Uma filmoteca enriquecida, em 1912, pelo material fílmico sobre os Nambiquáras e pelas películas – diria Fernando de Azevedo – com que a Comissão Rondon registrou as explorações geográficas, botânicas, zoológicas e etnográficas.[187]

> Somente, porém, em 1928, surge a primeira lei sobre o emprego do cinema para fins escolares: o autor desta obra, então diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal, determinou e regulou a sua utilização em todas as escolas da capital do país. (Decreto nº 3.281, de 23 de janeiro de 1928, arts 296-297; e Decreto nº 2.940, de 22 de novembro de 1928, arts. 633-635). Em 1929, por iniciativa da Diretoria-geral de Instrução, inaugurou-se oficialmente a 1ª Exposição de Cinematografia Educativa, cuja organização esteve à cargo de Jonathas Serrano, um dos iniciadores desse movimento.

A Lei 378 de 1937, que reorganizou os serviços do Ministério de Educação e Saúde, criando também o Ince, deu continuidade às propostas de utilização do cinema, anteriormente encetadas pela reforma azevediana, concebendo-o como ferrameta para educar e civilizar, apostando na educação como caminho certo para a modernização cultural do país. Roquette-Pinto acreditou e investiu na cruzada dos

---

[186] Serrano, Jonathas; Venâncio Filho, Francisco. *Cinema e educação*. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1932. p. 35.

[187] Azevedo, Fernando de. *A cultura brasileira*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1958. p. 702.

pioneiros em favor das reformas da educação no país. No INC), ele teve participação direta na escolha dos temas dos filmes propostos, como também na montagem de alguns deles, do ponto de vista da argumentação e adaptação do roteiro. É o caso de *Os Bandeirantes* e *Argila*. Em ambos os filmes, Humberto Mauro contaria com a ajuda de Roquette-Pinto, do então diretor do Museu Paulista (do Ipiranga), Affonso de Taunay e de Villa-Lobos que trabalhariam afinados na construção discursiva do mito do bandeirantismo como discurso fundador da nacionalidade. Discurso fundador que Villa-Lobos soube tão bem encarnar quando transformou os fonogramas de canções, gravadas por Roquette-Pinto, dos índios da Serra do Norte.

Em 1947, Roquette-Pinto participou da fundação do Partido Socialista Brasileiro. A partir de Junho de 1951, assessorou o Serviço de Divulgação da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, comandado por seu amigo e discípulo Fernando Tude de Souza. Um ano depois, a convite do prefeito do Distrito Federal, João Carlos Vital, presidiu a Comissão Técnica de Televisão da Prefeitura do Distrito Federal, que tinha por finalidade receber propostas visando organizar estação de uma emissora de televisão educativa para a antiga Rádio Escola. Da comissão também faziam parte o prefeito, o coronel Lauro Augusto de Medeiros, o engenheiro José Carlos de Oliveira Reis e o educador Fernando Tude de Souza. Na reunião da comissão, esteve presente, entre outros, o professor Celso Kelly, diretor do Departamento de Educação de Adultos.[188]

O empreendimento concebido pela comissão não teve continuidade devido ao bombardeio político que sofreu. A proposta de Roquette-Pinto consistia em transformar a nova emissora televisiva em educativa.

Nos campos de batalha, Roquette-Pinto esteve em permanente vigília engajada pela autonomização do campo educacio-

---

[188] Souza, Fernando Tude de Souza. *Comissão Técnica de Televisão da Prefeitura do Distrito Federal*. Ministério de Educação e Saúde: Serviço de Documentação, 1952.

nal. Não se encolheu no contraponto de ideias a favor do espaço público, nem tão pouco usou seu capital intelectual para se tornar um "intelectual exterminador"[189]. Foi, antes de tudo, um educador preocupado em interpretar os trópicos, construir caminhos e abrir portas. Engajou-se, decididamente, a serviço da democratização da educação brasileira.

Libânia Xavier enfatiza que a geração de intelectuais educadores herdeiros dos pioneiros da Escola Nova tiveram como marca tornarem-se especialistas e ou publicistas. Estes últimos estiveram identificados com a defesa da autonomização do campo científico em relação à política estatal. Eram laicistas que se confrontaram com os dilemas nacionais de sua época. Foram também recriadores institucionais.[190]

Roquette-Pinto foi um intelectual educador multidisciplinar, polivalente e orgânico por suas tomadas de posição públicas. Tal engajamento foi pioneiro e polêmico não somente por sua experiência de universalidade da prática intelectual, mas por transformar os saberes práticos em conhecimentos do social. Sua antropologia expedicionária e educacional prescreveu e orientou a produção e as estatégias de difusão de saberes pedagógicos no museu, no rádio e no cinema do Brasil, criando uma pedagogia que se fundamentou na ação intelectual a favor da construção da brasilidade.

Em 18 de outubro de 1954, dois meses após o suicídio do presidente da República, Getúlio Vargas, em pleno exercício profissional, Roquette-Pinto veio a falecer.

---

[189] Portella, Eduardo. *Os intelectuais e o poder*. op.cit, p. 20.

[190] Xavier, Libânia Nacif. *O Brasil como laboratório:* educação e ciências sociais no projeto dos Centros Brasileiros de Pesquisas Educacionais CBPE/INEP/MEC (1950-1960). Bragança Paulista: IFAN/CDAPH/EDUSF, 1990. pp. 262-263.

Jorge Antonio da Silva Rangel é mestre em educação pela Universidade Federal Fluminense, doutor em educação pela Universidade de São Paulo. É professor adjunto da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde coordena o Projeto Memória Fotográfica da Educação Fluminense. Coordenou o Projeto Centro de Memória da Educação e foi o primeiro diretor do Centro de Memória da Educação da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

História natural dos pequeninos

Preparamos os nossos filhos como quem arma um gladiador à antiga, escreveu Huxley, e os atiramos à arena do mundo que está cheia de artilheria...

O remodelador insigne do estudo das ciências naturais na Inglaterra queria dizer com isso que os métodos de ensino são anacrônicos, atrasados, rudimentares e incompletos, incapazes de formar cidadãos dignos da época, eficientes e fortes, em condições de lutar vantajosamente com as dificuldades da vida moderna, em que, pelo formidável impulso do progresso, o conhecimento da natureza é questão fundamental.

A civilização vai realmente exigindo que o homem cada vez seja mais forte. Ser mais forte é saber mais; é poder explorar melhor a natureza, dominando-a ou dirigindo-a, nas poucas vezes em que ela consente negaças do homem ao seu poder soberano.

O saber que se adquire no direto contato com a natureza tem um valor inestimável. Se, para a formação mental, em um propósito de pura educação pessoal, pode bastar o que se lê, como outrora sucedia, já no desdobrar da atividade prática é diferente: sem ver, não se fica conhecendo bem o mundo.

Ver - aqui, eu o escrevi por sentir. Porque afinal o que se quer repetir é a mesma velha verdade de Aristóteles: na inteligência só existe o que ali foi ter por intermédio dos sentidos.

Tal qual os bons médicos que pregam: "não há doenças, há doentes", o bom mestre deve começar bem certo de que não há ignorância, há ignorantes. Quero eu dizer com isso que o mesmo trato não pode ser aplicado a todos os pequenos, nem os mesmos fatos ensinados do mesmo modo a qualquer deles. Uns aprendem logo, vendo realmente; outros, ouvindo e ainda outros mais, desenhando.

Os dois termos da questão – a criança e a natureza – precisam, pois, ser considerados. Os mestres modernos sabem que há, entre os seus alunos, tipos auditivos, tipos visuais e tipos motores, todos importantes, tratando-se de conduzir o aluno ao fato da natureza que se lhe quer fazer entender ou memorizar.

Mas o ouvido facilmente engana a alma... o olhar quase sempre a esclarece. Por isso mesmo ao envez de falar ou de escrever é sempre melhor mostrar ou desenhar. Quanto ao mais: *tous les genres sont bons, hors le genre ennuyeux...*

A criança, como o selvagem, é fetichista – empresta uma alma às coisas. Todos sabem que as crianças castigam os objetos em que por acaso se magoam. Mais tarde, ao entrar na escola primária, já o seu fetichismo evoluiu, foi, na maior parte das vezes, dilacerado sem método, e por isso, da propriedade que ele tem de desenvolver a simpatia entre os seres, não se tirou tudo o que podia dar para o ensino objetivo. Mesmo sem querer ou sem parecer, fica o pequeno panteísta; esmiuça, por gosto, o jardim; e, mais ainda... o pomar.

O primeiro passo valioso deve ser dado familiarizando a criança com o meio. Que contrassenso falar aos pequenos de um elefante antes de lhes mostrar as diferenças e semelhanças existentes entre um cão e um gato!

A história natural das maravilhas deve ceder lugar à história natural das banalidades. São exatamente as tais coisas banais que mais importa saber, as mesmas que muitos pensam conhecer, e que, de fato, ignoram.

Para as crianças a familiarização com o meio tem grande alcance mesmo do ponto de vista puramente educativo. Ela se completa pelo combate às zoofobias injustificáveis. Aqui devemos distinguir as verdadeiras zoofobias, medo gratuito dos animais inócuos. Porque, na maioria, não passam de mera repugnância. Desta, não se livram nem sizudos naturalistas.

Um conheci, atirador de feras, que trepava numa cadeira ao ver passar um camondongo. Porque acostumar as crianças a matar os sapos e, pior ainda, as rãs que são inócuos bichos e até preciosos devoradores de larvas de mosquitos.

Um hemíptero com aspecto de mariposa, grande e simpático, é perseguido sem tréguas nos lugares do Brasil onde vive, Giquitiranaboia como ser malvado, quando é a mais inocente das criaturas.

Ha um mal, para a educação das crianças, em mostrar-lhes, sem nexo, os encantos da natureza, realizando o que devia ser quase proibido fazer – lições de coisas. Lições de coisas não servem... A noção elementar da lei natural deve e pode ser logo apresentada. Nada custa mostrar que, com a natureza, encontramos seres e assistimos a fenômenos ou acontecimentos.

A semente é um ser; a germinação, um acontecimento. As relações da semente com o ar, a água, o calor, no processo germinativo, podem facilmente ser mostradas encerrando em algodão úmido grãos de milho ou de feijão.

No grão de milho não há caule, nem raízes, nem folhas verdejantes; no ovo não se vê nada daquilo que forma depois a ave: ossos, penas, bico etc. Mas quando percebe que o ovo vira pinto, aos poucos, por diferenciação, a criança penetra no conhecimento de uma das mais grandiosas leis naturais: ela compreende, por si, que os seres vivos evoluem. Isso, ao que me parece, é bem mais útil e de bem maior alcance do que uma simples lição de coisas.

A comparação indutiva dos três reinos facilmente leva o pequenino cientista a descobrir as características dos tipos.

A um monte de terra junta-se terra para que ele cresça, e só terra serve; a um carneiro dá-se capim e ele cresce tambem... transformando o capim em carneiro. Mas, enquanto a areia do monte é sempre igual a si mesma, o carneiro vai crescendo e desenvolvendo-se, diferenciando-se, porque é vivo.

A erva, que o bicho devorou, pode crescer com a terra e o ar; o carneiro, só com isso, não viveria uma semana. O traço mais frisante entre os dois tipos vivos está luminosamente posto ao alcance de todos: a vida transformou terra em capim e depois capim em carneiro

Essas considerações abstratas, como o são, de fato, não devem, contudo ser mais frequentes do que o mínimo necessário para que não se dê uma lição de coisas. Ensinar a ver os seres concretos, é outra face do problema da história natural, na escola primaária. Uma lente, papel e lápis. Fazer o pequeno desenhar, garatujando, como puder, sempre, o mais frequentemente possível. Sei bem que a maioria de nós todos "não tem jeito nenhum para desenhar". Concordo. Desse ponto considero-me até um dos mais infelizes... Mas... *il y a fagot et fagot.* Quem é capaz de escrever, dizia Huxley, é capaz de desenhar. Pode ser má a caligrafia, desde que se a entenda, presta o serviço que se lhe pede. Portanto, não há esse pequeno normal incapaz de esquematizar o que lhe foi mostrado e que ele apreendeu. Que custa traçar algumas linhas para melhor apanhar as diferenças entre os tipos?

Que figura de livro vale a visão dos dentes num espelho, para que os pequenos distingam incisivos, caninos e molares.

A taxonomia deve ser o menos importante dos capítulos a versar na escola primária. Conheçam os petizes as plantas pelos nomes usuais, na boa linguagem do povo. Os nomes gregos e latinos são para depois. E às vezes, tem-se a surpresa de verificar que o povo conserva, através dos séculos, o mesmo nome, enquanto que nas floras e faunas a sinonímia é terrível.

A propósito, não quero perder a ocasião de vulgarizar um fato do mais picante sabor anedótico. Frei Conceição Velloso foi indiscutivelmente um notavel botânico. Sua *Flora fluminense*, publicada nos *Arquivos do Museu,* foi, para a época, um monumento. Pois o mamão, o delicioso mamão, que é hoje, como outrora, no Norte e no Sul, sempre o mesmo mamão, como é planta em que os sexos vivem em indivíduos diferentes, foi, logo que entrou em ciência, divorciado. O mamão macho foi classificado como Caryca-papaia, e o outro, considerado espécie diversa recebeu o nome de Caryca mamaia... O povo, porém, não se comoveu e continuou a chamar aos dois "mamão", pensando ser injusto separar casais à força.

É pretencioso, inútil, e pode ser mesmo prejudicial, introduzir a nomenclatura científica na escola primária. Gato, portanto, não será *Felix catus,* será apenas... gato. Mas, um gato bem conhecido, bem observado e certo.

Reina, porém, uma triste ignorância dos nomes de plantas e de animais no povo do Brasil. Mesmo na roça todo o besouro é um cascudo e nada mais. Os índios às vezes, têm nome para cada tipo; na Europa, na Ásia, há igualmente nomenclaturas populares riquíssimas. No Brasil, disse notável viajante, todo animal é apenas... um bicho. Com as plantas é um pouco melhor. O povo consegue formar e batizar grupos naturais: é um gravatá, é tamangico, é um coqueiro. Mais de uma vez tenho me batido pela realização de uma ideia simples que viria ainda mais facilitar a educação científica no Brasil.

Por que razão não inscrevem as municipalidades os nomes das plantas nos exemplares de ornamentação ou sombra que mantemos parques e jardins públicos. Um dia, na Quinta da Boa Vista, alguém, embaixo de uma seringueira que nos cobria, dizia que um dos seus grandes desejos era visitar a Amazônia para ver, de perto, uma seringueira...

Que grande escola interessante não seria a cidade cujas árvores recebessem enfeite de uma pequena placa com os seus nomes gravados.

O Jardim da Luz, em São Paulo, está muito longe de ser um pretencioso jardim botânico. Mas sei que ali já se pratica desde alguns anos o que lembrei há tanto tempo. Os paulistas sabem viver; o resto do Brasil vive... sem saber.

A visita comentada ao museu, ao Jardim Botânico e ao Jardim Zoológico é vantajosa, está claro. Mas... tenho, por curiosidade, assistido ao desandar de algumas escolas pelas galerias do museu. Que tristeza! Todo mundo vai andando vai olhando, vai passando... como um fio d'água passa numa lâmina de vidro engordurada.

Quem quiser aprender num museu, deve primeiro preparar-se para a visita. Aquilo é apenas o atlas; o texto deve ir com o estudante. As crianças, por si sós, não sabem ver o que tem um museu; elas só lucrarão si forem acompanhadas do mestre, papel e lápis, conforme já se disse.

Só a vida, pelos atritos inelutáveis que ela condiciona entre o homem e a natureza, é capaz de dar a cada qual uma educação realmente científica; ao livro cabe a educação literária e o aperfeiçoamento da primeira.

Iniciando os pequeninos no conhecimento da história natural, cumpre-se também uma missão nacional que é preciso pôr em destaque: formam-se bons patriotas, se não futuros cientistas. Para os poetas, a pátria é a região superior em que se expande um amor impreciso e forte às tradições de glória ou de beleza, onde impera a lembrança acumulada dos acontecimentos comuns às famílias do seu povo; mas, para as crianças, a pátria é o laranjal sombrio e o regato em que os girinos se entrecruzam em bandos de manchas negras – é a terra mesma com as suas touceiras de mato e os seus passarinhos. as praias, as suas areias e o mar.

Miuçalhas

Cinzas de uma fogueira

(Pelo Rádio – 1923-1926)

Para mudar as condições da cultura espiritual na Idade Média, surgiu, um dia, a imprensa, que foi a promotora de tantas transformações progressistas... O livro, então, tornou-se a urna em que o pensamento humano uma vez depositado, poderia ser haurido por outros cérebros, em outros lugares, em outros tempos. Permitiu que o saber, encantoado em meia dúzia de velhos papiros, em páginas engorduradas de vetustos incunábulos, pudesse correr mundo em busca de novas almas em botão, cerradas ao conhecimento acumulado pela evolução histórica do tipo humano. Foi, naquela época, o rastilho de luz, a centelha a caminhar procurando espíritos para incendiá-los no desejo de melhorar a vida e transformar a Terra.

Cada homem que teve nas mãos um livro e soube trabalhar com ele, passou a valer por uma multidão; em vez de um homem vulgar com as suas modestas ideias e o seu valor reduzido, era um companheiro silencioso dos sábios que podia consultar à vontade. Cada homem passou, então, a sentir-se realmente ligado aos outros, embora distantes, desaparecidos ou desconhecidos.

O saber que as idades mortas foram arrancando à natureza, mãe que não revela a todos, num tempo só, os seus mistérios, sobreviveu à memória dos homens para guiar, na mente dos filhos, os supremos interesses da espécie.

Isso foi o que fez e é o que faz o livro.

Nós, que assistimos à aurora do rádio, sentimos o que deveriam ter sentido alguns dos que conseguiram possuir e ler os primeiros livros. Que abalo no mundo moral! Que meio para transformar um homem em poucos minutos, se o empregar com boa vontade, alma e coração.

No seu próprio defeito capital, a impossibilidade de dirigi-lo a determinado correspondente, tem o T. S. F. sua vantagem maior como processo de informação.

Produzir mais o Brasil, no grau de atraso em que se encontram as classes produtoras? Ser o povo mais forte, mais patriota, mais progressista, mergulhado na bruta escuridão mental em que se agita, com tanto esforço e tão digno afã?

O Brasil atingiu o máximo de progresso compatível com a situação de atraso intelectual da maioria dos seus filhos. Daqui por diante só progredirá em passo razoável, de acordo com os seus recursos sociais e naturais, se for possível dar ao seu povo o que lhe falta para caminhar menos lentamente: fé em seu destino, que será realmente deslumbrante... si ele souber arrancar da Terra o que ela dá sempre aos que sabem.

Saber ler não é um fim. O analfabeto é muitas vezes homem de bons recursos técnicos. Mas não pode desenvolvê-los porque lhe falta aquele uso do sábio companheiro impresso.

Todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão, livremente, o conforto moral da ciência e da arte; a paz será realidade definitiva, entre as nações. Tudo isso há de ser o milagre das ondas misteriosas que transportam no espaço, silenciosamente, as harmonias.

A alma coletiva já se deu conta de que todos os males do país não podem ser curados nem com o voto secreto, nem com a organização dos partidos, nem com o serviço militar obrigatório, nem com a reforma da Constituição, nem com o protecionismo às indústrias, nem com a reforma do ensino, nem com a quinina do estado, nem com a imigração europeia.

Na consciência dos estudiosos calmos, afastados de quaisquer posições de mando, todos aqueles remédios seriam excelentes, misturados ou separados se a massa geral do povo estivesse em condições de votar com segurança, de não fugir ao dever cívico, de obedecer à autoridade e à lei, de trabalhar e de produzir, sem

deixar-se explorar, de não renegar o que a ciência ensina para combater as doenças, de receber o estrangeiro mais adiantado e de aprender com ele.

O povo do Brasil não está, porém, em condições de tirar partido daqueles excelentes meios de aperfeiçoamento. Não está, porque não entende a linguagem que lhe falam. É preciso não conhecer um palmo de roça para crer que as populações aceitarão e executarão qualquer daquelas grandes medidas, indiscutivelmente uteis à grandeza do país.

Ha um trabalho de desbravamento intelectual e moral a realizar antes daquilo tudo. É obra de educação inicial que hoje, felizmente, pode ser feita em condições muito favoráveis. Essa grande empresa depende do telefone sem fios, do aeroplano e das estradas de rodagem. O aeroplano levará o correio ao país todo, no dia em que os brasileiros se lembrarem de que uma grande fortaleza custa muito mais que uma dúzia de bons aviões capazes de recortar o céu, em busca de povoações perdidas no interior. Sem bom correio, seguro e rápido, não pode haver progresso moral ou material de um povo, em nossos dias.

As estradas ligam os núcleos próximos e concorrem para a formação de grupos solidários, fontes de opinião capazes de pesar nos destinos comuns. O T. S. F., nesse conjunto, representa o papel preponderante de guia diretor, grande fecundador de almas, porque espalha a cultura, as informações, o ensino prático elementar, o civismo, abre campo ao progresso, preparando os tabaréus, despertando em cada qual o desejo de aprender.

Muita gente acredita que o papel educativo do radiofone é simplesmente um conceito poético, coisa desejável mas difícil ou irrealizável. Quem pensa desse modo, não conhece o que se está fazendo no resto do mundo e, o que é melhor: o que se faz no Brasil.

Há mais de três a nos começamos a praticar aqui a radio-telefonia educativa. Mau grado todas as dificuldades esperadas e encontradas, já agora temos em mãos documentos que provam a perfeita

possibilidade de executar, no Brasil, um grande plano de educação e de instrução pública, mediante o telefone sem fios. Creio que o Brasil tem hoje, cerca de trinta mil lares providos de aparelhos receptores. Cada receptor serve, em media, a meia dúzia de pessoas. Porque, no interior, pelas provas que possuo; cada alto-falante é rodeado pela população da vila ou da fazenda. Há, portanto, umas cento e cinquenta mil pessoas que ouvem diariamente as nossas lições, conferências, música, História do Brasil, higiene, conselhos úteis à agricultura, notícias cambiais e comerciais, notas de ciência etc. Se muitos dos ouvintes são pessoas cultas para as quais aquilo é passatempo, alguns milheiros são homens e mulheres do povo, sem saber ler, vão aprendendo um pouco. Temos tudo feito? – Que esperança!

Estamos apenas no início do começo...

Não é possível dar por miúdo, aqui, os detalhes do grande plano idealizado para transformar em cinco ou seis anos a mentalidade popular da minha terra. Em linhas gerais é o seguinte:

1ª – Cada estado, na sua capital, dispondo de estabelecimentos de ensino de certo vulto, fundaria uma grande rádio escola. Um entendimento entre os governos, sob os auspícios do governo federal, permitiria a aquisição das vinte poderosas estações necessárias. Seriam todas do mesmo tipo, por economia, fornecidas em concorrência pública. Não há um só estado do Brasil em condições de não poder com essa despesa. A função dessas vinte grandes Rádio Escolas Estaduais, seria puramente diretora. Seus programas educativos mostrariam às cidades do interior o caminho a seguir.

2ª – Uma vez que o ideal é dar ao homem do povo o seu rádio, seria preciso completar a instalação do sistema. Para isso, os municípios limítrofes entrariam em acordo para subvencionar um, mais rico e mais bem situado. Nesse seria erigida a Rádio Escola Municipal, servindo diretamente ao povo, de acordo com a orientação recebida das Rádio Escolas Estaduais.

Naqueles municípios centrais, há sempre um respeitável juiz de direito, estudioso da história e da geografia do Brasil. (O seu sonho

dourado é mesmo entrar para o Instituto Histórico...); há um promotor, moço de talento, que tem garbo em tratar de versos e literatura e vive pensando na Academia de Letras. Há um médico, ou dois, para as lições de história natural ou de higiene; há professoras do "grupo escolar"... Enfim, há sempre um rapaz que toca harmônio na igreja, e muitas moças que cantam. E só mobilizar todos esses elementos em benefício da educação dos pobres.

A estação da Radio Escola Municipal Custará muito menos do que o altar-mor da matriz...

E os receptores?

Cada brasileiro, que carece de cultura, deve encontrar no município meios de possuir seu par de fones e o seu cristal; os municípios conseguirão facilmente – desde que se não entreguem nos exploradores gananciosos e malvados – um tipo de receptor local popular que poderá custar a terça parte do preço de uma sanfona.

O estado dá de graça (de graça é um modo de dizer...) luz elétrica, água, escola. Pois dará pelo preço do custo, a cada brasileiro, o seu modesto rádio, em que ele, descalço, até mesmo roto, esfarrapado, amarelo, mole de doença e de ignorância, aprenderá, antes de saber ler, que a preguiça é quase sempre doença; que é preciso plantar o melhor da colheita para obter maior rendimento; que ser soldado não é ser escravo e sim receber instrução e educação, em lugares asseados, dirigidos por patrícios dedicados, fraternalmente, a serviço do país; que o Brasil não é de fato o país mais rico do mundo, mas que o pode vir a ser, facilmente, se os seus filhos souberem tirar da terra tudo o que ela pode dar; que os povos fortes, são hoje em dia, os povos que sabem aplicar a ciência e a arte em melhorar a vida.

Na calada da noite, quando as coisas conversam, em segredo, eu o ouvi:

– Vivo na lasca de carvão, negro e humilde, escravo do homem a cumprir os seus desejos; vivo na centelha do céu, que ensinou o fogo à humanidade e rompe a treva das nuvens para clarear o mun-

do na hora triste e majestosa das tempestades; vivo na lágrima e na gota de leite, num pensamento e num sorriso. Sou tão pequenino... que quase não existo; e sou tão grande que faço girar os mundos.

Agito-me, sem descanso, para que o Universo não morra e para que os violinos e as cigarras encham a Terra de harmonias. Quando um ser morre, cabe-me transmitir a outros seres a semente de vida que nele existir... Do seio fecundo das raças faço brotar a força dos homens e a beleza das mulheres. Agito-me, sem descanso, para servir à Criação, na luz, no calor, no som e nas ondas eternas.

Fazem-me às vezes matar; mas o meu desejo é a vida integral de todas as belezas. Os homens, desvairados, servem-se de mim para empresas tristes de guerra e maldade; cumpro revoltado esse mister odioso. Mas a minha ambição maior, o meu louco desejo, é poder vibrar sempre, livre do mal, levando pelo infinito os pensamentos bons que, um dia, hão de transformar as gentes, livrando os escravos do trabalho e acorrentando as nações na mesma simpatia.

Sou tão pequeno. .. ninguem me vê!

Assim cantava Electron, quando se preparava, na antena da Radio Sociedade do Rio de Janeiro, para desferir o voo glorioso pelo espaço.

E foi assim que, por descuido, todo entregue ao seu delírio, perdeu a onda... e caiu nesta página.

CRONOLOGIA

1884 - Nasce, em 25 de setembro, no Rio de Janeiro, Edgard Roquette-Pinto, filho de Manuel Menelio Pinto e Josephina Roquette Carneiro de Mendonça, sendo educado pelos avós maternos, em especial, nutrindo forte apego ao avô João Roquette Carneiro de Mendonça.

1899 - Roquette-Pinto é influenciado pelos conselhos do doutor Francisco de Castro, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, amigo de seu avô, optando por seguir a carreira de medicina.

1903 - Torna-se Interno de Clínica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

1900 - Conclui o curso de humanidades no Externato Aquino e, posteriormente, ingressa como aluno na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

1905 - Conclui o curso de medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo a tese de doutoramento em clínica geral *Ethnographia americana: o exercício da medicina entre os índios da América* (que seria publicada em 1906). Em 16 de outubro, é nomeado pelo presidente da República para o cargo de assistente da Quarta Seção Antropologia e Etnografia do Museu Nacional do Rio de Janeiro;

1908 - Torna-se perito médico-legal do Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro, ligado à polícia. Publica dois trabalhos científicos. Um deles em medicina legal, intitulado *Fauna cadavérica do Rio de Janeiro*, e outro, em antropologia, a monografia *Estnographia indígena do Brasil:* estudo atual de nossos conhecimentos. Casa-se com Riza Baptista, filha do médico Henrique Baptista.

1909 - Assiste ao nascimento de seu primeiro filho, Paulo Roquette-Pinto.

1910 - É criado o Serviço de Assistência ao Ensino das Ciências Naturais e a filmoteca especializada no Museu Nacional do Rio de Janeiro. No mesmo ano, Roquette-Pinto recebe de Rondon registros sobre a cultura material dos índios da Serra do Norte e organiza museologicamente a Sala D. Pedro II e a Sala Etnográfica Euclides da Cunha.

1911 - Nasce a filha, Maria Beatriz Roquette-Pinto. Neste ano, viaja a Londres acompanhando João Baptista de Lacerda no Primeiro Congresso Internacional das Raças.

1912 - Publica três obras antropológicas: *Os índios nambiquáras do Brasil Central, Relatório da excursão ao litoral e às regiões das lagoas do Rio Grande do Sul* e *O guaraná*. Participa do Congresso Internacional de Americanistas, em Londres. Em 22 julho, integra a quarta Comissão Rondon em direção à Serra do Norte.

1913 - Faz discurso intitulado "O segredo dos uiáras" para sua recepção como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

1914 - Torna-se secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

1915 - Como livre-docente da cadeira de história natural da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, apresenta *Dinoponera Grandis*. Publica *Antropologia (Guia das coleções)*

1916 - Em março, é autorizado pelo ministro da Agricultura a se afastar temporiamente das atividades no museu para promover a catalogação e anotação das coleções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. É nomeado para a vaga de docente da cadeira de higiene da Escola Normal. Em 7 de outubro, é designado para o ocupar a cadeira de higiene. Publica *Elementos de mineralogia.*

1917 - Em 14 de março, é designado para ocupar cargo de regente de turma da cadeira de história natural aplicada à agricultura e à criação de animais, da Escola Normal. Publica o livro *Rondônia,* fruto da excursão realizada em 1912 em companhia da Comissão Rondon.

1919 - Afasta-se da função de secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

1920 - Em 22 de abril, é aprovada a proposta da Congregação do Museu Nacional para, em comissão, Roquette-Pinto realizar estudos de antropologia e colher material para compor as coleções do Museu Nacional. Funda a cadeira de fisiologia experimental da Universidade do Paraguai, em Assunção, publicando *O conceito actual da vida*. Em 23 de dezembro, é nomeado pelo cientista Carlos Chagas, diretor do Departamento Nacional de Saúde, para exercer o cargo de microscopista-chefe do Laboratório de Bromatologia.

1921 - Exonera-se, a pedido, do cargo de microscopista-chefe do Laboratório de Bromatologia. Retorna à Universidade do Paraguai para lecionar na cadeira de fisiologia experimental.

1922 - Em 7 setembro, lança pelo IHGB, o *Dicionário histórico, geográfico e etnográfico brasileiro*. Neste ano, a convite de Afonso de Taunay, diretor do Museu Paulista (do Ipiranga), organiza as coleções daquela instituição.

1923 - Em 20 de abril, funda com Henrique Morize a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Em 18 de junho, é nomeado para ocupar o cargo de docente da cadeira de história natural da Escola Normal. Cria a *Revista do Rádio*.

1924 - Em 17 de setembro, é nomeado pelo presidente da República, Arthur Bernardes para o cargo de professor-chefe da Seção de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Viaja para Nova York, e conhece a Universidade de Columbia, a convite do antropólogo Franz Boas. Candidata-se, pela primeira vez, a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, não sendo eleito.

1925 - Publica *Nota sobre o material antropológico do Sambaqui de Guaratiba* e *Notas sobre a ação fisiológica da* Fava Tonka. Recebe no Museu Nacional do Rio de Janeiro o cientista Albert Einstein.

1926 - Em 28 de setembro, é nomeado para cargo interino de diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, enquanto durar o empedimento do cientista Arthur Neiva. Valendo-se dos desenhos de Alberto Childe, em parceria com Benjamim Baptista, publica *Contribution à L'Anatomie Comparés des Raças Humaines (dissection d'une Indienne di Brésil).*

1927 - Em 16 de fevereiro, é designado para exercer regência de turma na cadeira de história natural para o quarto ano. Publica o livro *Seixos rolados.* No dia 11 de outubro, é nomeado pelo presidente da República, Washington Luiz a ocupar o cargo, em comissão, de diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Neste ano, apresenta o trabalho de memória *Dinoponera Grandi – Tocandira* como requisito para obtenção do título de Livre-Docente da cadeira de história natural da medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O trabalho foi publicado pela Livraria Científica Brasileira. Publica também "Nota sobre o Nhanduti do Paraguai" no *Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro.* Neste ano, nasce a filha Carmem Lúcia.

1928 - Publica "Nota sobre os typos anthropológicos do Brasil" nos *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro.* É eleito para a cadeira de nº 17 da Academia Brasileira de Letras. Na *Revista da Academia Brasileira de Letras,* publica Memória de Antonio Ipiranga.

1929 - Publica *Glória sem rumor* em homenagem ao naturalista alemão Friz Muller. Preside o I Congresso Brasileiro de Eugenia. No fim do ano, viaja para a Itália e a Alemanha com o objetivo de pesquisar a radiodifusão educativa.

1931 - Em 19 de abril, é nomeado pelo presidente da República, Getúlio Vargas para exercer o cargo de professor-chefe da Quinta Seção de História Natural (Serviço de Assistência ao Ensino) do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

1932 - Em 19 de abril, é nomeado para exercer, interinamente, o cargo de professor-assistente de história natural, da Escola Secundária, do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Participa do livro *Segredo Conjugal*, de Afonso Celso de Assis Figueiredo, escrevendo Tatiana. Faz o discurso inaugural da Exposição Goetheana, enfocando o *Goethe Naturalista.*

1933 - Em 25 de abril, Roquette-Pinto é designado por Anísio Texeira, Diretor-geral de Instrução Pública do Distrito Federal, para exercer função, em comissão, na Escola de Professores, do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Em 7 de julho, é efetivado como professor-adjunto da Escola Secundária do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Publica a obra intitulada *Ensaios de anthropologia brasilana*.

1934 - Em 27 de janeiro, é nomeado para exercer, em comissão, o cargo de chefe da Seção Técnica de Museus Escolares e Radiodifusão do Departamento de Educação. Neste ano, publica o seu único livro de contos *Samambaia*. Afasta-se da direção do Museu Nacional do Rio de Janeiro em 30 de julho, conforme consta em *Tempo de Serviço Público*, documento organizado pelo próprio, que foi encaminhado ao Tribunal de Contas da União e à Diretoria de Despesas do Tesouro Nacional. O documento pede o deferimento para aposentaria, considerando que o mesmo era portador de *Spondylose*, uma doença incurável, degenerativa e dolorosa.

1935 - Publica *Etnografia americana*, que é a terceira edição de *Rondônia*. Prefacia o livro de Anísio Teixeira, *Educação pública, sua organização e administração*.

1936 - Doa a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao governo Getúlio Vargas, com a condição de que sirva exclusivamente como uma rádio de educação popular, sem fins comerciais. Funda o Instituto Nacional do Cinema Educativo e assume sua direção.

1937 - Em 26 de janeiro, o presidente da República, Getúlio Vargas nomeia Roquette-Pinto para execer, em comissão, o cargo de diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo do Ministério de Educação e Saúde. Em 18 de dezembro, solicita exoneração do cargo de chefe da Seção Técnica dos Museus e Radiodifusão da Prefeitura do Distrito Federal ao secretário de Educação e Cultura, doutor Clementino Fraga. Faz o discurso de lançamento da pedra fundamental do novo edifício do Ministério da Educação e Saúde.

1938 - Em 13 de abril, o presidente Getúlio Vargas nomeia Roquette-Pinto para exercer a função de membro do Conselho Consultivo do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1º de dezembro, é outra vez nomeado pelo presidente da República para exercer a função de membro do Conselho de Proteção dos índios. Escreve *Contribuição à fonética experimental do português falado no Brasil.*

1939 - Em 1º de dezembro, o presidente Getúlio Vargas o nomeia para exercer a função de vice-presidente do Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Escreve *Nota sobre um caso de simulação sexual.*

1940 - Em 4 de abril, é nomeado pelo presidente da República, Getúlio Vargas para representar o país como delegado no 1º Congresso Internacional Indianistas, em Patzcuaro, México, a ser realizado entre os dias 14 e 24 de

abril. Roquette-Pinto torna-se membro da Associação Indianista do México. Em 8 maio, é nomeado pelo presidente Vargas, delegado do Brasil no 8º Congresso Científico Americano. Pela Companhia da Editora Nacional, publica *Ensaios brasilianos*, que faz parte da Coleção Brasiliana.

1941 - Em 12 de dezembro, é nomeado, por merecimento, pelo presidente Vargas, ao cargo de naturalista, do Quadro Permanente do Ministério de Educação e Saúde.

1942 - Publica três artigos pela *Revista Resenha Médica:* Nota sobre algumas vitaminas; Meditação sobre o índio; Guerra e vitaminas.

1944 - Pela *Revista da Academia Brasileira de Letras,* publica O cinema educativo no Brasil. Recebe da Rádio Nacional o título de o "Pai do Rádio Brasileiro".

1945 - Discursa na inauguração do Palácio do Ministério de Educação e Saúde.

1946 - Em 29 de janeiro, é dispensado, a pedido, da função de membro do Conselho Nacional de Proteção dos Índios. Na *Revista Imprensa Médica*, publica O Brasil e a raça.

1947 - Aposenta-se e afasta-se da direção do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE).

1948 - É designado pelo ministro da Educação e Saúde, Clemente Mariani, para compor a Comissão de Organização do I Congresso Brasileiro de Antropologia.

1950 - Em 12 de abril, é designano para o Departamento de Difusão Cultural. Em 17 de abril, é encaminhado para o Setor de Correspondência.

1951 - Torna-se articulista da coluna Notas e Opiniões, do *Jornal do Brasil.*

1953 - Participa da Comissão do Convênio Cinematográfico Educativo.

1954 - Em 18 de outubro, morre Roquette-Pinto, escrevendo um artigo para a coluna Notas e Opiniões, do *Jornal do Brasil.*

BIBLIOGRAFIA

Obras de Roquette-Pinto

ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Etnographia americana: o exercício da medicina entre os índios da América.* Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1906.

______. *Relatório da excursão ao litoral e à Região dos Lagos do Rio Grande do Sul.* Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1906.

______. *Etnografia indígena do Brasil (Estudo Atual dos Nossos Conhecimentos).* Biblioteca do Museu Macional do Rio de Janeiro, 1909.

______. *Esboço de classificação dos povos indígenas do Brasil.* Bilblioteca do Museu Nacional, 1909.

______. *Diagrama da constituição antropológica da população do Brasil, organizado segundo as estastísticas oficiais de 1872 a 1890.* Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1911.

______. *Note Sur La Situation Sociale Des Indiens Du Brésil.* Biblioteca da ABL, Documentação CA-03 R 69 N, 1911.

______. *Nota sobre os índios nambiquaras do Brasil Central.* Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1912.

______. *Excursão ao litoral e à Região das Lagoas do Rio Grande do Sul.* Rio de Janeiro: L Macedo, 1912.

______. *Os Nambiquaras; Rondônia (Expedição Roquette-Pinto).* Direção Roquette-Pinto. São Paulo: Acervo da Cinemateca Brasileira, 1912. Curta-Metragem, Silencioso, Não Ficção, 35mm, BP, 16p.

______. *O guaraná.* Biblioteca da ABL, Documento CA-03 R69g, 1912.

______. *Guia das coleções.* Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1915.

______. *Rondônia.* Rio de Janeiro: Campanhia Editora Naional, 1917.

______. *Elementos de mineralogia (Aplicada ao Brasil).* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1918.

______. Por Protesto e Adoração. In: *Memorian de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Tipografia Aurora, 1919.

______. Centenário do Museu Nacional. Discurso pronunciado pelo professor Roquette-Pinto na Sessão Comemorativa do Centenário do Museu Nacional. Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1919, vol.XXII.*

______. Concepto Actual de la Vida. *Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, Documento CA1703R69C, 1920.*

______. Nota Sobre a Ação Fisiológica da Fava Tonka. *Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924.*

______. Nota Sobre o Material Anthropológico no Sambaqui de Guaratiba. *Biblioteca da ABL, Documento CA17-03 R69N, 1925.*

______. *Contribuição ao estudo antropométrico dos índios urupás*. Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, v. 25, 1925.

______. Editorial da Revisa Eléctron. *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Ano I, n.1, 1º Fevereiro de 1926.*

______. Nota Sobre o Ñanduti. *Biblioteca da ABL, Documento CA17-03 R69N, 1927a.*

______. *Seixos rolados:* estudos brasileiros. Rio de Janeiro: Mendonça & Machado, 1927b.

______. *Notas sobre os typos anthropológicos do Brasil.* Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. 30, 1928a.

______. *Nota sobre os tipos antropológicos do Brasil.* Atas e Trabalhos do Primeiro Congresso de Eugenia. Biblioteca do Museu Nacuional do Rio de Janeiro, 1929a. pp. 119-147.

______. *Glória sem rumor*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1929.

______. Discurso de abertura do primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. *Anais do I Congresso Brasileiro de Eugenia.* Rio de Janeiro, 1929.

______. *Discurso de recepção do Sr. Affonso Taunay.* Revista da Academia Brasileira de Letras. Vol.XXXIII. Ano. XXI, n.90. Rio de Janeiro, jul.1930, pp. 285-301.

______. *Discurso de recepção.* Academia Brasileira de Letras. 3 de mar. 1928. In: Discursos Acadêmicos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol.7 (1927-1932), pp. 63-88.

______. G*oethe. Discurso inaugural da exposição goetheana.* Rio de Janeiro, Sociedade Pró-Arte, 22 mar. 1932.

______. *A poesia da ação*. Boletim Ariel: mensario crítico-bibliográphico; letras, artes e ciências humanas, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.5, out.1932. ABL/per. B673a.

______. *A.C. Germano da Silva Corrêa, professor à L´École de Medicine de Nova-Goa, Inde Portugais: les enfants e les adolescents luso-descendants de L´Inde Portugaise*. Boletim Ariel: mensario crítico-bibliográphico; letras, artes e sciências humanas, Rio de Janeiro, v. 1, n.4, 1932. ABL/per.B673a.

______. *O berço das saudades*. Boletim Ariel: mensario crítico-bibliográphico; letras, artes e ciências humanas, Rio de Janeiro, v. 1, n.10, 1932. ABL/per.B673a.

______. *Ensaios de antropologia brasiliana*. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1933.

______. *O cinema e a educação popular no Brasil*. Revista Nacional de Educação, Ano I, n.5, p.3, fev. 1933.

______. *Almas sem abrigo: Miguel Osório de Almeida*. Boletim Ariel: mensario crítico-bibliográphico; letras, artes e sciências humanas, Rio de Janeiro, v. 2, n.11, 1933. ABL/per.B673a.

______. *Samambaia*. Rio de Janeiro: Riedel, 1934.

______. *Ensaios brasilianos*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1941a.

______. Discurso de saudação. *Anais da Academia Brasileira de Letras,* v. 62, ano 40, 1941b.

______. *Centenário de François Coppé*. Revista da Academia Brasileira de Letras, n.63, ano 41, 1942.

______. *Nota sobre algumas vitaminas*. Biblioteca da ABL, Documento CA17-03 R96N, s/d.

______. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1951-1954.

______. *Ensaios de antropologia brasiliana*. São Paulo: Editora Nacional, Brasília/ UnB, 1988.

_______ *et* BAPTISTA, Benjamim. *Contribution à L'Anatomie Comparée des Races Humaines. Dessection de une indienne du Brésil*. Arquivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro, t.XXVI, 1926. (Desenhos de Alberto Childe).

* Curtas-metragens: *Rondônia, miocárdio em cultura*, Preparo *da Vacina contra a Raiva*, *O poraquê* , *Febre amarela - I e II*, *Céu do Brasil*

* Exibição dos longas-metragens: *Descobrimento do Brasil, Ao redor do Brasil*, *Argila*.

Obras sobre Roquette-Pinto

ALMEIDA FILHO, Augusto de. Rondônia ou homem dos sete instrumentos. *Revista da Semana.* Rio de Janeiro, 20 de nov., 1954.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *100 anos de Roquette-Pinto.* In: *SANTOS,* Paulo. *Programa Especial da Rádio MEC.* Rio de Janeiro, ago. 1984.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral:* pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930). São Paulo: Unesp, 1999.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz: Casa grande & senzala* e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. São Paulo: Ed. 34, 1994.

AZEVEDO, Fernando de. Edgard. Roquette-Pinto, abridor de caminhos. *In: Revista de Antropologia,* São Paulo: 2 (2): 97-100, 1954.

______. *A cultura brasileira.* São Paulo: Melhoramentos, 1958.

BARBOSA, Ana Maria de Souza. *O pássaro dos rios nos afluentes de saber:* Roquette-Pinto e a construção da universalidade. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1996. (Tese de doutorado)

BARBOSA, Francisco de Assis. *Encontro com Roquette-Pinto.* Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do MEC, 1957.

BODSTEIN, Regina. *O rádio no Brasil: Roquette-Pinto, o pioneiro do rádio comunicação*. Rio de Janeiro: Bloch, n. 33, pp. 7-11, 1984.

CARNEIRO, Levi. Discurso na Sessão de 21 de outubro de 1954. In: *Revista da Academia Brasileira de Letras.* Ano 53. Vol.88, Anais de 1954. Jul/Dez. pp. 143-146.

CARNEIRO, Paulo E. De Barrêdo. *Roquette-Pinto. Homenagem na Sessão Solene Consagrada à sua Memória pela Academia Brasileira de Educação.* Rio de Janeiro, ABL, 1957.

CASTRO, Aloísio de. Recepção do Sr. Roquette-Pinto. Março, de 1928. In: *Discursos Acadêmicos.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 7º Volume (1927-1928). pp. 89-103.

CASTRO-FARIA, Luis de. *A contribuição de Edgard Roquette-Pinto para a antropologia brasileira.* Rio de Janeiro: Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1959.

CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica:* teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

CRULS, Gastão. Roquette-Pinto. In: *Diário Carioca.* Rio de Janeiro, janeiro de 1955, p.6.

GASTÃO, F. Em Palestra com os Imortais. (Entrevista com Roquette-Pinto). In: *Revista da Semana.* Setembro de 1935.

GOUVÊA FILHO, P. E. *Roquette-Pinto – o antropólogo e o educador*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

LIMA, N. T. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999.

______. SÁ, Dominichi Miranda de. (orgs). *Antropologia brasiliana: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LINS, Á. *Discurso de posse na Academia Brasileira (Estudo sobre Roquette-Pinto)*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação/MEC, 1956.

MATHEUS, Roberto Ruiz de Rosa. *Edgard Roquette-Pinto:* aspectos marcantes de sua vida e obra. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1984.

MOOG, Viana. Discurso na Academia Brasileira de Letras, na Sessão de 21 de outubro de 1954, em homenagem a Roquette-Pinto. In: *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Ano 53, vol. 88, Anais de 1954. Jul/Dez.

MOTA FILHO, C. *Discurso pronunciado na Academia Brasileira de Letras, em homenagem a Roquette-Pinto*. Biblioteca da ABL, Documento CAH-03 M874s, 1926.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre:* um vitoriano nos trópicos. São Paulo: Editora, 2005. pp. 332-345.

RANGEL, Jorge Antonio da Silva. A *musealização da educação na antropologia de Edgard Roquette-Pinto no Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 2007. (Tese de doutorado)

RIBAS, João Baptista Cintra. *O Brasil é dos brasilianos:* medicina, antropologia e educação na figura de Roquette-Pinto. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Unicamp, 1990.

SANTOS, Paulo. *100 anos de Roquette-Pinto*. Programa especial. Rádio MEC. Rio de Janeiro, Agosto, 1984.

TAUNAY, Afonso de E. Edgard Roquette-Pinto. In: *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Ano 53. Vol. 88. Anais de 1954. jul./dez.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. Edgard Roquette-Pinto. In: Fávero, Maria de Lourdes de Albuquerque, BRITTO, Jader de Medeiros. *Dicionário de Educadores no Brasil:* da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. 2ª Edição Revista e Corrigida.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. Roquette-Pinto. In: *Rio de Notícias*. Rio de Janeiro, 08 de Dezembro de 1935.

Outras referências bibliográficas

ADORNO, Sérgio. *Os aprendizes do poder:* o bacharelismo liberal na política brasileira. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

BENCHIMOL, J. L; Albuquerque, M. B. et alli. A *ciência a caminho da roça:* imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913. Rio de Janeiro: Editora Fundação Oswaldo Cruz, 1991.

______. *Roquette-Pinto:* o centenário do sábio e atuante brasileiro. Abert, jun, 1984.

AZEVEDO. Fernando. *Figuras do meu convívio.* São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

BOLETIM da Associação Brasileira de Educação, n. 12, agosto de 1928.

BOMENY, Helena. *Guardiães da razão:* modernistas mineiros. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

______. (org). *Constelação Capanema:* intelectuais e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, M. M; AMADO, J. (orgs). *Usos e abusos da história.* Rio de Janeiro, FGV, 1996.

______. *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

BURKE, Peter. *A escrita da história:* novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CAMARA, Sônia. *Reiventando a escola:* o ensino profissional na Reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF), 1997.

CANDIDO, A. *A educação pela noite & outros ensaios.* São Paulo: Ática, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados:* o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

______. *A formação das almas:* o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

______. *Pontos e bordados:* escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 204.

CARVALHO, Maria Alice Rezende. Doutos e Loucos: ensaio sobre a identidade dos intelectuais contemporâneos. *Presença. Revista de Política e Cultura*, n. 16 – Abril, 1991.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e fôrma cívica:* higiene e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). São Paulo. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1986. (Tese de doutorado)

______. O território do Consenso e a Demarcação do Perigo: Política e Memória do debate Educacional dos Anos 30. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Memória intelectual da educação brasileira*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco/Edusf, 1999.

CASTRO FARIA, Luiz. A antropologia no Brasil e na tradição do Museu Nacional. *Revista do Brasil,* Dezembro, 1942.

______. *As Exposições de Antropologia e Arqueologia do Museu Nacional*. Publicações Avulsas do Museu Nacional, nº 4, 1949.

______. A Contribuição de E. Roquette-Pinto para a Antropologia Brasileira. *In: Antropologia: Escritos Exumados. Espaços Circunscritos: tempos soltos*. Niterói: UDUFF, 1998.

______. Ele Conheceu Roquette, In: *Amigo ouvinte*. SOARMEC, 1999.

CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHACON, Vamireth. *A construção da brasilidade: Gilberto Freyre e sua geração*. São Paulo: Marco Zero, 2001.

CHAGAS, Mário de Souza. *Imaginação museal:* museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro, 2003. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Uerj. (Tese de doutorado)

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia:* a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

______. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.7, n.13, 1994.

CHAUI, Marilena. Intelectual Engajado: uma figura em extinção. In: NOVAES, Adauto. (org). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

CORRÊA, Mariza et alli. *As ilusões da liberdade:* a escola de Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. Bragança Paulista: BP/EDUSF, 1998.

______. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

DEGUY, Jacques. *L'Intellectuel et ses Miroirs Romanesques. (1920-1960).* Press Universitares de Lille, 2000.

DUARTE, R.H. "Em Todos os Lares, o Conforto Moral da Ciência e da Arte": a Revista Nacional de Educação e a Divulgação Científica no Brasil (1932-34). In: *História Ciência Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, jan/abr. v. 11, s/n.

FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Portugal: Teorema, 1997.

FELGUEIRAS, Margarida L. Iniciativas e Experiencias Actuais de Museismo Pedagóxico em España e Portugal. In: SAAVEDRA, Vicente Pena. *I Foro Ibérico de Museísmo Pedagóxico en España e Portugal: itinerários, experiencias e perspectivas*. Xunta de Galícia, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio deJaneiro: Editora Graal, 2002.

______. *Em defesa do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

______. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GALVÃO FILHO, Pedro. E. Roquette-Pinto, *O antropólogo e educador*. (Conferência pronunciada na Associação Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, Sessão de 18 de abril de 1955). Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Saúde / Instituto Nacional de Cinema Educativo, 1955.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguiar, 2000.

GINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais:* morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GONDRA, José Gonçalves. *Artes de civilizar:* medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, n.1, 1988.

HORNE, Janet. *Le Musée Social. Aux Origines de L'État Providence.* Paris, Belin, 2004.

LACERDA, João Batista de. *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro:* recordações históricas e scientíficas em documentos verídictos. Arquivos da Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1915.

______. Sur Les Métis au Brésil. In: Premier Congrès Universel des Races, 26-29 juliet, 1911. Biblioteca do Museu Nacional. Doc. MN. 572.918. L. 131.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil.* Rio de Janeiro: Revan, 1998.

______. et SÁ, Dominichi Miranda de. *Roquette-Pinto:* ciência e humanismo no Brasil do século XX. Anais do XIII Simpósio de História da ANPUH, 2005.

LINS, Álvaro. *Ensaio sobre Roquette-Pinto e a ciência como literatura*. Biblioteca Nacional, Classificação 921, localização IV 293,3,18.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica:* os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

______. Ciências e Educação em museus no final do Século XIX. *Hist, Cienc. Saúde-Manguinhos, v. 12, Rio de Janeiro, 2005.*

LOPES, Saint-Clair. *Radiodifusão Hoje.* Rio de Janeiro: Editora Temário, 1970.

LOVISOLO, Hugo. *A tradição desafortunada:* Anísio, velhos textos e ideias atuais. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989.

LUZ, Madel. *Medicina e ordem política brasileira.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

MAGGIE, Yvonne. "Aqueles A Quem Foi Negada A Cor Do Dia": As Categorias Cor e Raça na Cultura Brasileira. In: MAIO, Marcos Chor, Santos, Ricardo Ventura. (orgs). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

MARTINS, Luciano. *A gênese de uma* intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil. 1920 a 1940. RBCS, n.º4, vol. 2, jun. 1987.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do Teatro da Memória ao Laboratório da História. A Exposição Museológica e o Conhecimento Histórico. In: *Anais do Museu Paulista,* São Paulo, n.2, pp. 9-84 e n.3, pp. 83-121, 1994/1995.

MORETTIN, Eduardo Victorio. Cinema e História. Uma Análise do Filme *Os Bandeirantes*. São Paulo, 1994. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1994. (Dissertação de mestrado)

NEVES, Margarida de Souza. *As vitrines do progresso*. Relatório de Pesquisa. Departamento de História-Finep, PUC-RJ, 1986.

NOITE ILUSTRADA, 4 de setembro de 1935.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. *O espetáculo do ypiranga:* mediações entre história e memória. Museu Paulista, São Paulo, 2000. (Tese de livre-docência)

______. *O Museu Paulista da USP e a memória da Independência.* Cadernos Cedes, São Paulo, v.22, n.58, p.65-80, dez, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A questão nacional na Primeira República.* São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORLANDI, Eni. P. Tralhas e Troços: o Flagrante Urbano. In: Orlandi, Eni P. *Cidade atravessada:* os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas-SP: Pontes, 2001.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil:* entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PLEIFFER, Claudia Castellanos. Cidade e Sujeito escolarizado. In: Orlandi, Eni P. *Cidade atravessada:* os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas-SP: Pontes, 2001.

RANGEL, Jorge Antonio da S. *O moderno Dom Quixote:* a trajetória intelectual do educador Fernando Tude de Souza no Serviço de Radiofusão Educativa no Brasil. Rio de Janeiro, 1998. Universidade Federal Fluminemse, 1998. (Dissertação de mestrado)

ROQUETTE-PINTO, P. *O museu e o ensino da história natural.* Palestra realizada em 28 de abril de 1933, por Paulo Roquette-Pinto, no curso regional da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1933.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SALGADO, Álvaro. *A radiodifusão educativa no Brasil. (Notas).* Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde Pública, 1946.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra.* São Paulo: Cia. Das Letras. 1989.

______. *Intérpretes do Brasil.* Volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

SANTOS, R. V. Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930). *In:* Pena, Sérgio D. J. (Org.) *Homo brasilis:* aspectos genéticos, línguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. Ribeirão Preto: Funpec, 2002.

______. *et* MELLO E SILVA, Maria Celina Soares. *Inventário analítico do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional.* Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças:* cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Cia. das Letras, 1977.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP.* nº 53, São Paulo, 1978.

SERRANO, Jonathas; VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Cinema e educação*. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1932.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco:* raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TOLMASQUIM, Alfredo Tiomo. *Einstein:* o viajante da relatividade na América do Sul. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.

XAVIER, Libânia Nacif. *O Brasil como laboratório:* educação e ciências sociais no projeto dos Centros Brasileiros de Pesquisas Educacionais CBPE/Inep/MEC (1950-1960). Bragança Paulista-SP: Ifan/CDAPH/Edusf, 1990.